

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

APLICATIVOS DE ENCONTROS GAYS: Traços identitários de seus usuários em
Belo Horizonte

Belo Horizonte

2017

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

APLICATIVOS DE ENCONTROS GAYS:
Traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do texto e do discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientador: Profa. Dra. Emília Mendes.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras
2017

A368a

Alencar, Venan Lucas de Oliveira.

Aplicativos de encontros gays [manuscrito] : traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte / Venan Lucas de Oliveira Alencar. – 2017.

130 f., enc. : il., tabs., color., p&b.

Orientadora: Emília Mendes.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 114-117.

Anexos: f. 118-130.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Mídia digital – Teses. 3. Aplicativos móveis – Teses. 4. Homossexuais masculinos – Identidade – Teses. I. Mendes, Emília. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Aplicativos de encontros gays: Traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte

VENAN LUCAS DE OLIVEIRA ALENCAR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). EMILIA MENDES LOPES - Orientador
UFMG

Prof(a). Daniel Mazzaro Vilar de Almeida
UNIFAL-MG

Prof(a). Mariana Ramalho Procópio Xavier
UFV

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me concederem todos os meios possíveis e impossíveis para que eu atingisse meus objetivos, acreditando e confiando desmedidamente em mim e nos meus propósitos (por vezes incompreendidos).

Às minhas irmãs, pelos diálogos tão ricos e valiosos. É na troca de experiências e de (efêmeros) saberes que nos co-construímos e, inevitavelmente, nos unimos e reunimos.

Aos meus amigos de Alfenas, Camila Tavares e Dener França, que contribuíram, voluntaria ou involuntariamente, para minha formação de ideias, algumas delas presentes nesta pesquisa. Obrigado, ainda, pelas amigáveis e calorosas acolhidas no meu sul de Minas.

Às minhas “manas” – Guilherme Augustto, Luiz Gustavo, Luiz Fernando e Fernando Castro. Sem vocês, minha vida em Belo Horizonte não teria o mesmo sentido. Obrigado também pelas contribuições nos debates teóricos sobre sexualidades, gênero e militâncias. Entre mesas de bar e conversas no WhatsApp, nos construímos e nos desconstruímos o tempo todo e, nesse monta-e-desmonta, descobrimos mais um prazer na vida.

Aos meus colaboradores indiretos dos aplicativos, sem os quais essa pesquisa não funcionaria. Graças a vocês, pude entender um pouco mais sobre o funcionamento dos discursos, das práticas sociais, das ciências, dos saberes e dos não saberes. Enfim, sobre mim mesmo. Espero que, de algum modo, este trabalho chegue também a vocês.

Aos meus *roomies* Raul Luciano e Luiz Fernando, pela convivência pacífica, harmoniosa e agradável nesse curtos dois anos de Mestrado. Compartilhando da mesma condição de pesquisadores, creio que pudemos entender as profusões de

sentimentos típicos desse período tão repetidamente nos adiantado como rápido e intenso.

Aos amigos de Viçosa, Pedro Salles e Deived Diniz, por me trazerem à memória os bons momentos lá vividos e por me acolherem sempre tão bem. Aos ex-amigos de Viçosa (“ex” porque lá já não moram, mas continuam sendo amigos), Fernanda Moreira, Larissa Netto e Yuri Teixeira, pelos maravilhosos encontros durante esses dois anos pós-UFV.

Aos outros colegas e companheiros que conheci em Belo Horizonte, pelas amizades, pelos bons momentos e boas energias compartilhadas:

À turma do PosLin, Agnaldo Almeida, Bruna Toso e Juliana Carvalho, pela amizade, pelos encontros regados a vinho e a boas risadas, pelos trabalhos e avaliações feitos juntos, pelas contribuições nas minhas pesquisas e nas minhas indagações pessoais.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro durante todo o período de estudos.

À Professora Maria Carmen Aires Gomes, pelas contribuições durante o Seminário de Teses e Dissertações (SETED), na UFMG, em 2015, e no meu projeto. Ao Professor Daniel Mazzaro Vilar de Almeida, pelo suporte em diversos momentos dessa caminhada – em troca de e-mails, troca de palavras presencialmente e na leitura de seus textos que me foram essenciais.

Aos professores do PosLin, Ida Lúcia Machado, Wander Emediato, Gláucia Proença, por tornarem minha transição para os Estudos da Linguagem tão prazerosa.

À Professora Michelle Braga, pelas aulas de *body balance*, onde pude encontrar, pelas práticas de Yoga, Tai Chi Chuan e Pilates, o equilíbrio para me manter firme nas pesquisas, trilhando esse caminho da escrita acadêmica, paradoxalmente repleto de momentos de insegurança e de satisfação.

À minha orientadora, Emília Mendes, pela contribuição imensurável, não só na minha pesquisa, mas na minha vida. Obrigado pela confiança, pelo amparo nas reuniões, e por me permitir enxergar na Análise do Discurso outros modos possíveis de investigação.

RESUMO

Os aplicativos de encontros gays enquanto mídias digitais que permitem a socialização de desejos dissidentes têm sido estudados por alguns pesquisadores em linhas de pesquisas antropológicas e comunicacionais. Nesses estudos, têm-se notado que essa socialização é bastante excludente e está carregada de normas de uma sociedade hegemônica que prega comportamento fixos e pareados aos padrões heterossexistas. Assim, utilizando a Análise do Discurso como base teórico-metodológica, analisamos perfis de homens gays que lançam mão da tecnologia para fins de relacionamentos e de encontros. Trabalhamos, então, com três aplicativos: *Hornet*, *Scruff* e *Grindr*, e, por meio de capturas de telas ou *print screens*, consideramos para este estudo as descrições de perfil de seus usuários. Compuseram o *corpus* 71 capturas, coletadas nos meses de abril, julho e outubro de 2015, em Belo Horizonte. O objetivo era compreender como esses homens gays construía suas identidades e representações no âmbito de situação de comunicação e do discurso, assim como criar categorias de análise aliadas a questões das homossexualidades e dos Estudos Queer trazidos por autores nacionais, como Louro (2010), Miskolci (2009, 2012, 2014, 2015) e Silva (2000). Partimos das hipóteses de que a construção de identidades de homens gays nessas mídias é um reflexo de representações históricas e conjunturais das homossexualidades. Além disso, existiria uma adequação à situação de comunicação estudada, levando em conta os diversos modos de se representar por meio de imagens de perfil e a cultura de valorização da imagem de si e do corpo. Os resultados nos mostraram que as categorias criadas (efeminação, discrição, papéis sexuais, versatilidade, ocupações, atividades físicas e virilidade) possuem uma relação direta com problemáticas dos Estudos Queer, e que as considerações de Charaudeau (1984, 2003, 2015) na Teoria Semiociológica foram de grande utilidade para entendermos a encenação (*mise-en-scène*) e a influência do circuito externo no circuito interno de comunicação nessa ramificação da cultura gay.

ABSTRACT

Gay dating apps as social medias which allow the socialization of dissident desires have been being studied by some researchers in anthropological and communicational fields. In these studies, it has been noticed that this socialization is quite excluding, and it is filled with norms coming from an hegemonic society which states for standard and heterosexist-oriented behaviors. So, using Discourse Analysis as a theoretical and methodological basis, we have analyzed some profiles of gay men who use technology aiming to have a date or a relationship. We have dealt with three apps: *Hornet*, *Scruff* and *Grindr*, and by making print screens, we considered the users' profile descriptions for this study. Seventy-one print screens composed the *corpus*. They were collected in April, July and October 2015, in Belo Horizonte. Our goal was to understand how these gay men built their identities and representations regarding the communicational situation and the discourse, as well as to create analysis categories related to homosexuality issues and to the Queer Studies based on local authors, like Louro (2010), Miskolci (2009, 2012, 2014, 2015) and Silva (2000). We want to test the hypothesis that the construction of identities of these gay men in such medias is a reflex of both historial and present representations about homosexualities. Besides, there would be an adjustment to the communicational situation studied, taking the several ways of representing oneself through profile pictures into account and the culture of valuing the image and the body of oneself. The results showed us that the categories created (effeminacy, discretion, sex roles, versatility, occupations, physical activities and manliness) have a strict relation with the issues brought by the Queer Studies. Furthermore, the considerations approached by Charaudeau (1984, 2003, 2015) and his Semiolinguistic Theory were really useful for us to understand the staging (*mise-en-scène*) and the influence of the external circuit in the internal circuit of communication considering this area of gay culture.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
2. Um breve percurso pela história das (homos)sexualidades	21
2.1 Regulações sobre o uso do sexo	22
2.2 Autogestão de visibilidades	23
2.3 Enquanto isso, no Brasil... ..	25
2.4 Desejos e(m) práticas sociodiscursivas virtuais	27
2.5 Algumas exclusões no meio virtual	31
3. Don't be a drag, just be a queer – Notas sobre os Estudos Queer no Brasil	34
3.1 O que é queer	35
3.2 Falemos sobre normas	36
3.3 Uma História Queer – percursos teórico-metodológicos	39
3.4 Feminilidades no Queer	41
4. Liberté, Égalité, Identité – Traços identitários pelo discurso	44
4.1 Identidade coletiva e identidade individual	46
4.2 Identidade discursiva e identidade social	49
4.3 Identidades nos estudos pós-estruturalistas e pós-modernos	51
5. Métodos utilizados para análise de perfis em mídias digitais	55
5.1 Apresentação do corpus – abrindo os aplicativos	55
5.1.1 Abrindo o Grindr.....	55
5.1.2 Abrindo o Hornet.....	59
5.1.3 Abrindo o Scruff.....	63
5.2 Seleção do corpus.....	67
6. Análise de dados.....	69
6.1 As categorias	69
6.1.1 Efeminação	70
6.1.2 Discrição	71
6.1.3 Versatilidades	73
6.1.4 Virilidade	75
6.1.5 Papéis sexuais	76
6.1.6 Atividades físicas	77
6.1.7 Ocupações.....	79
6.2 Conclusões sobre as categorias	81

7. Iconicidades – Imagens de perfil e considerações sobre o corpo	86
7.1 “Corpos (e corpus) que importam”	88
7.2 Corpos nas artes & masculinidades pós-modernas	91
8. O Quadro de Comunicação de Charaudeau em mídias digitais	94
9. Analisando identidades	100
10. Desejos fluidos.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
ANEXO 1 – OS PERFIS DOS APLICATIVOS	118

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Logomarca do Grindr.....	56
Figura 2: Características do Grindr.....	57
Figura 3: Um perfil no Grindr.	58
Figura 4: Logomarca do Hornet.	60
Figura 5: Visão geral dos usuários do Hornet.	62
Figura 6: Um perfil no Hornet.	63
Figura 7: Visão geral dos usuários do Scruff.	64
Figura 8: Logomarca do Scruff.	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de análise no aplicativo Grindr.	83
Quadro 2: Categorias de análise no aplicativo Hornet.	84
Quadro 3: Categorias de análise no aplicativo Scruff.	85
Quadro 4: Categorias de análise e a relação com a imagem de perfil dos usuários nos três aplicativos.	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: categorias de análise e a relação com a imagem de perfil dos usuários nos três aplicativos, em porcentagem.....	88
---	----

1. Introdução

O uso da Internet tem mudado significativamente a maneira como nos relacionamos nos últimos anos. Usá-la como meio para se conhecer alguém tornou-se algo comum, seja para fins de amizade ou para procura de relacionamentos estáveis. Hoje, com a popularização dos *smartphones*, novos encontros são facilmente intermediados pela internet. Essa viabilidade, voltada, neste estudo, aos usuários de aplicativos de encontros gays, veio de uma necessidade antiga que esse público possuía: a de encontrar pessoas da mesma orientação sexual. Com essa possibilidade, a relação entre essas pessoas se tornou muito mais dinâmica que outrora – é possível entrar em contato com qualquer um a quase todo instante. Nessa perspectiva, trabalhamos com os três aplicativos mais populares feitos exclusivamente para homens gays: *Scruff*, *Hornet* e *Grindr*¹.

Nesses aplicativos, realizamos capturas de telas dos perfis de diferentes usuários na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em três períodos específicos de coleta de dados – abril, julho e outubro de 2015 –, de modo a se seguir um intervalo fixo de temporalidade entre os meses. A análise foi de ordem discursiva e imagética: partimos das descrições de perfis, mas não ignoramos a que tipo de imagem exibida elas estavam relacionadas. Dentro das limitações que cada aplicativo oferece, pretendemos perceber a construção de certas categorias e por que elas são construídas de certas maneiras e não de outras.

Por ser uma questão relativamente recente (o lançamento do primeiro aplicativo data de 2009), não pudemos ter acesso a muitas pesquisas, assim, acreditamos que ainda exista pouco estudo sobre o assunto, sobretudo quando falamos dessa maneira mais imediatista de se relacionar, pois o celular permite uma portabilidade que o computador não permite em mesma escala. Além disso, a percepção da construção de diferentes representações por parte dos usuários tem nos chamado a atenção no que concerne aos interdiscursos que circulam nas vozes desses homens gays que lançam mão da tecnologia em um contexto de busca de parceiros.

Em relação às teorias utilizadas, percebemos que os estudos de gênero, por exemplo, têm avançado bastante no Brasil. Encontramos em Green (2000)

¹ Os dados sobre cada aplicativo encontram-se na seção das Metodologias.

importantes considerações acerca da homossexualidade no país em uma perspectiva histórica. Entretanto, por se tratarem de autores estrangeiros, acreditamos ser importante trazer ao nosso estudo pesquisadores brasileiros que têm tratado do tema, como Miskolci, Tomaz Tadeu Silva e Guacira Louro, por exemplo têm empreendido.

Atualmente, o grupo de Richard Miskolci na Universidade Federal de São Carlos tem trabalhado as interações virtuais em aplicativos de encontros gays em uma perspectiva antropológica. O autor realizou, em trabalhos passados, entrevistas com os usuários de aplicativos e de salas de bate-papo no Brasil e nos Estados Unidos. Nossa proposta se insere nesse nicho pelo viés discursivo – ela está embasada nas teorias do discurso, da sociologia e nos Estudos Queer, principalmente, sempre considerando a análise como algo holístico, interdisciplinar e, por que não, indisciplinar.

Esperamos, nos resultados, entender esses outros discursos que perpassam o produzido por esse público, identificar as diferentes identidades construídas nessa condição de produção e verificar como os usuários se representam. Para isso, valemo-nos das teorias de Foucault (1980), Charaudeau (1984, 2003, 2015), Goffman (1988) e de outros autores que tem trabalhado com a questão das homossexualidades e das sexualidades na modernidade, como Green (2000), Eribon (2008), Miskolci (2009, 2014, 2015), Louro (2010).

Nossa tese é a de que homens gays que usam tais aplicativos se representam de forma consoante à conjuntura e projetam identidades e representações de modo a serem mais ou menos aceitos por seus sujeitos destinatários construídos.

A conjuntura aqui representa todos os reflexos da história das sexualidades e das homossexualidades em um contexto global e nacional. Como exemplo, trazemos as implicações que o efeminamento causou e tem causado, as razões pelas quais existe uma escolha por uma descrição de comportamento para não “parecer gay” e o não pertencimento ao “meio” como possível fuga de represálias.

A aceitação do sujeito-destinatário construído é impossível de ser determinada; encontramos, entretanto, pistas discursivas do que poderia ser mais aceito e/ou menos aceito de acordo com a descrição de perfil do sujeito enunciador,

sendo que o mais aceito é a reprodução de padrões heteronormativos e o menos aceito é a expressão mais plena e plural das homossexualidades.

Partimos das hipóteses de que a construção de identidades gays nos aplicativos de encontro estudados seria um reflexo de representações históricas das homossexualidades. Além disso, seria um reflexo da adequação do discurso à situação comunicativa em questão, levando em conta uma cultura de sobrevalorização do imagético e do corpóreo.

Esse trabalho apoia-se na importância de se realizarem estudos analíticos a respeito de como a homossexualidade tem sido tratada pelos próprios homens gays. Como se trata de uma discussão historicamente atual, que aos poucos tem ganhado relevância, acreditamos na possibilidade de, por meio da análise dos perfis, compreender de que recursos semiológicos esses sujeitos lançam mão para construir suas identidades em um contexto de busca de parceiros. Ainda, por que fazem uso de certos recursos e não de outros e quais implicações esses usos possuem.

Se estamos lidando com uma prática nova, compreender o que nela há de novo e o que nela é retomado de outras práticas torna-se crucial para avaliarmos o quanto temos evoluído enquanto seres políticos, críticos, que enxergam fenômenos sociais diversos de modo holístico. Se existem preconceitos em uma sociedade heteronormativa, de que forma ele é reproduzido na comunidade de homens gays e quais seriam as possíveis razões por que algumas representações insistam em figurar nas vozes de quem antes era – e ainda hoje é – estigmatizado?

Nosso percurso teórico e metodológico se inicia por uma breve percurso na história das sexualidades, onde trazemos como a regulação sobre o uso do sexo e, mais tarde, a gestão de visibilidades contribuíram para transformações na representação de si. Ainda, como se deu essa caminhada até os aplicativos de encontros e quais são as exclusões que eles parecem gerar. Para isso, partimos de Foucault (1980) e a História da Sexualidade, passamos por Illouz (2011) e chegamos a Miskolci (2014), quem aborda os aplicativos.

Em seguida, trazemos os Estudos Queer, sobretudo os que os autores brasileiros Miskolci (2012) e Louro (2004; 2010), por exemplo, têm discutido. Abordamos os modos de operação das normas, o uso do termo *queer*, alguns fatos históricos e o espaço das feminilidades nesses estudos. Em diversos momentos,

buscamos maneiras de já inserir nosso *corpus* nesse percurso teórico, já que o leitor e a leitora possuem de antemão alguns dados sobre os sujeitos estudados.

Ao discutir identidades, tema título dessa pesquisa, buscamos trazer abordagens diversas sobre algo de que muitos autores têm falado. Estaríamos em uma “crise de identidades”? Quais são as visões dos pós-estruturalistas quanto a isso? E, por fim, o que são traços identitários e qual é a perspectiva da Análise do discurso sobre isso? Na tentativa de fornecer respostas a essas questões, algo nos foi bastante claro: se estamos discutindo identidades, é porque talvez já não nos reconhecemos como “portadores” de uma única, senão de várias.

Em seguida, descrevemos com mais detalhes cada aplicativo estudado. Julgamos importante compreender as possíveis intencionalidades dos criadores desses facilitadores de encontros (se é que poderíamos nomeá-los assim) e, por isso, recorremos a algumas entrevistas dadas por eles. Além disso, pareceram-nos intrigantes as escolhas dos símbolos ou logomarcas que representavam cada aplicativo, e foi baseados nessas entrevistas e em nossas análises que trazemos possíveis justificativas para os usos encontrados tanto para os nomes, como para as figuras associadas às empresas *Hornet*, *Scruff* e *Grindr*. Nesse momento, o leitor e a leitora podem se deparar com termos talvez desconhecidos; tomamos o cuidado, entretanto, de explicá-los em notas de rodapé. Esse universo de sexualidades dissidentes de que falamos comporta uma variedade de nichos, representações, enfim, modos de se identificar muito mais ricos que podíamos imaginar.

Esses aplicativos de que tanto falamos foram se inserindo como forma de busca de parceiros muito recentemente no Brasil (meados de 2010), à medida que os *smartphones* se popularizavam. Essa pesquisa se diferencia das demais justamente por trazer esse novo suporte à tona, já que existem poucos pesquisadores abordando a questão dos aplicativos, ainda mais no viés do discurso. Portanto, aliando teorias do discurso aos autores que trabalham com a questão das homossexualidades em outras áreas, acreditamos ser possível realizar um estudo bastante significativo para futuros pesquisadores que apostam nas novas tecnologias como suportes para trabalhos na área do discurso. Sua aplicabilidade reside na reflexão sobre como algumas normas da dinâmica heterossexual são reproduzidos no próprio discurso objeto desse estudo (de homens gays, a que ele se limita), especificamente nessas tecnologias.

Para lidar com essas mídias digitais², realizamos capturas de telas (*print screens*) dos usuários que traziam descrições sobre si nos perfis, nos três aplicativos, como já mencionamos. É importante ressaltar que nem todos os usuários se descrevem no espaço que lhes é reservado para tal tarefa. Não seria tão viável neste estudo analisá-los, pois nossa ideia era partir justamente desse espaço “livre” no aplicativo, onde é possível expor um pouco sobre si.

As capturas de tela foram realizadas em três momentos distintos: a primeira em abril, a segunda em julho e a última em outubro de 2015. Para identificar esses usuários no decorrer do texto, optamos por utilizar os seguintes códigos: S para *Scruff*, H para *Hornet* e G para *Grindr*. Em relação aos meses de coletas, utilizamos as abreviações “Abr”, “Jul” e “Out”. Em alguns casos, uma única captura de tela, no mesmo mês de coleta, não era suficiente para registrar o perfil completo de um mesmo usuário. Por essa razão, alguns possuem mais de uma captura e, para representar esse fato, utilizamos um número seguido de um traço. Por exemplo: *SJul1* se trata de um usuário do aplicativo *Scruff*, coletado no mês de julho e representa a primeira coleta do mês. *SOut2-1* representa um usuário do mesmo aplicativo, coletado no mês de outubro. Representa a segunda coleta do mês e, para ele, foram necessárias duas capturas de tela para que seu texto fosse integralmente lido. E assim estão organizados os demais, novamente explicados na parte de métodos dessa pesquisa e listados no Anexo.

Nosso objetivo geral é investigar como se dá a construção de identidades sociais e representações no âmbito da situação de comunicação e do discurso de um usuário de aplicativo de encontro gay em perspectiva contrastiva. Em relação aos objetivos específicos, buscamos: investigar como se constroem marcas discursivas de identidade dos usuários de aplicativo no *corpus*; compreender como as noções de “afeminado”, “discreto” e “macho”, por exemplo, são reproduzidas discursivamente, bem como as implicações que elas possuem em um contexto de busca de novos parceiros; identificar diferentes categorias aliadas ao uso de imagens de perfil e descrição do usuário (relação imagem e texto); e investigar a aplicabilidade do quadro de comunicação de Charaudeau (1984) no gênero aplicativo.

² “Mídias digitais são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material.” (MISKOLCI, 2011, p. 12)

Seria interessante refletir sobre como a projeção de identidades diversas ocorre, se ocorre, e quais seriam os traços identitários predominantes no contexto de busca de parceiros. Além disso, quais seriam as razões históricas por que alguns traços são mais utilizados por esses sujeitos estudados e em quais medidas eles corroboram as normas de discursos hegemônicos³? Ainda, de que margem de manobra esses sujeitos desfrutariam para se representar? Até que ponto se sentiriam mais livres ao realizarem autoprojeções de si nesse contexto de busca de parceiros em ambiente virtual? Esses são alguns questionamentos que nos ocorreram no decorrer da pesquisa, sobre os quais não existem respostas assertivas, senão modos possíveis de enxergar essa realidade segundo os estudos aqui trazidos por nós, sujeitos pesquisadores.

Ao final, convidamos o leitor e a leitora à discussão, e possível contribuição, em um último capítulo, onde discutimos como essas novas formas de expressar desejos têm a ver com o que Zygmunt Bauman aborda em algumas obras suas. Se estamos discutindo desejos atualmente, seria porque também nos sentimos mais permissivos a falar sobre sexo e sexualidades? Em quais medidas a modernidade líquida, termo cunhado pelo autor, contribui para a expressão dessa subjetivação?

Esperamos que, com tudo isso, possamos contribuir para os estudos não só de gênero, por exemplo, mas também para os da Análise do discurso e, mais importante, contribuir para *diálogos* entre esses dois campos de estudo.

³ “Estamos chamando de discurso hegemônico aquele discurso capaz de criar formas e práticas de consentimento, de modo a transformar uma experiência particular [...] em pretensamente universal, inferiorizando ou inviabilizando quaisquer outras possibilidades da experiência social.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 13)

2. Um breve percurso pela história das (homos)sexualidades

Man it wasn't that long ago we were all living in the jungle
So why do we gotta put each other down?
When there's more than enough love to go around

Lady Gaga (em *Come to Mama*)

Nosso objetivo aqui é, inicialmente, traçar alguns pontos e momentos-chave na construção das sexualidades na história, começando por um período não muito distante até os atuais aplicativos de encontros. Não retomaremos fatos bastante anteriores à modernidade, senão algumas considerações desde Foucault (1980) até Miskolci (2009), percorrendo o século XIX ao atual. Por estarmos lidando com uma prática sociodiscursiva tão recente e por se tratar de uma pesquisa não tão extensa quanto uma tese, por exemplo, acreditamos que essas não tão simples considerações históricas já serão relevantes para compreendermos brevemente como diferentes discursos contribuíram para a formação de identidades sexuais mais ou menos estáveis.

O trabalho de estabilização ou instabilização de tais identidades é algo que muitos movimentos tentam realizar. Não nos ateremos, contudo, a essas lutas, que evidentemente merecem destaque e estão, seguramente, presentes em outras pesquisas de grande importância. Cabe-nos, aqui, mostrar sobretudo modos como a identidade estável e pejorativa de sujeitos que vivem sexualidades dissidentes tem-se repetido desde algum tempo. Alguns traços dessas negativas são reiterados pelos próprios indivíduos, vítimas mais ou menos conscientes dos seus atos de linguagem, até os dias atuais. Portanto, em quais momentos esses traços inferiorizantes teriam começado a tomar forma e quais eram os discursos legitimados a ditar sexualidades corretas e incorretas? Desde quando houve uma hierarquia das sexualidades e a partir do ponto de vista de qual instância? Esses são apenas alguns questionamentos que nos levaram a pensar as sexualidades como também um problema de pesquisa. A partir de leituras prévias – e que aqui estarão mencionadas – , percebemos que, apesar de antigas, muitas características

imprimidas a esses sujeitos “desviantes” adquiriam, com o passar do tempo, novas roupagens, e são essas sutilezas que merecem atenção e um trabalho de análise.

2.1 Regulações sobre o uso do sexo

Para Foucault (1988), aquilo que não é regulado para uma geração não faz sentido. Qualquer fuga a essa à regra é estritamente negada e afastada, tratando-se de atos ou de palavras. Dessa maneira, o sexo é igualmente um dos objetos de supervisão, visto que é por meio dele que haverá controle não só populacional, em virtude da reprodução, mas da riqueza e do poder de uma nação. “[...] o sexo se tornou, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um à sua maneira.” (FOUCAULT, 1988, p. 34)

Para o autor, um dos grandes erros da era moderna foi ter tratado o sexo como um segredo. Tido como algo característico da obscuridade, não foi difícil para o aparelho jurídico, por exemplo, aplicar sanções ao que consideravam perversões. Passou-se a regular o sexo desde a infância até a velhice, assim como os possíveis desvios que poderiam ocorrer nessas fases da vida. O objetivo disso tudo seria, portanto, garantir uma população “economicamente útil e politicamente conservada” (FOUCAULT, 1988, p. 37-38).

Como todas as sexualidades estavam listadas e categorizadas, havia um controle rígido sobre o que era correto e desejável e o que era incorreto e condenável. A homossexualidade, por exemplo, poderia ser juridicamente julgada, assim como a infidelidade. Para Foucault (1988), essa categorização extensiva tinha como objetivo a *exclusão* de sujeitos que viviam sexualidades dissidentes do “real”, indo além do efeito da interdição.

Foi sobretudo no século XIX que os esforços médicos, psiquiátricos, biológicos ganharam forças para tentar explicar os tão preocupantes desvios às regulamentações. Algumas teorias surgiram na época, muitas delas baseadas no Evolucionismo. Uma delas é trazida por Almeida (2016), retomando Machado (2010), e trata da diferenciação entre os sexos masculino e feminino. Quanto maior fosse essa diferença, mais progresso uma civilização poderia ter e mais evoluídos seriam seus membros. No discurso médico, a diferenciação sexual era precocemente vista e haveria uma predisposição específica tanto para meninos,

como para meninas, para certos gostos e inclinações. Além disso, os impulsos sexuais deveriam, evidentemente, voltar-se para o sexo oposto. Caso isso não ocorresse, o indivíduo seria também portador de um distúrbio não só sexual, mas igualmente de personalidade.

Dessa forma, o homossexual do século XIX foi se constituindo enquanto personagem: “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; [...] com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade.” (FOUCAULT, 1988, p. 43). De fato, nada escapava à sexualidade, tamanho era o controle sobre ela. Por meio do isolamento dessas sexualidades periféricas, a difusão dos poderes reguladores sobre elas aumentou e, com isso, foram *rotuladas*. A partir daí, viabilizou-se a condenação não só de práticas, mas de comportamentos, assim como a identificação de sujeitos que viviam à margem (ou fora da margem) do aceitável. Agora, cabia a eles buscar fugir dessas condenações, e algumas maneiras de fazê-lo foram encontradas, ao passo que novas formas de condenação foram criadas.

2.2 Autogestão de visibilidades

Para Borges e Rocha-Coutinho (2015), a homossexualidade ganhou o estatuto de desvio sobretudo na tradição judaico-cristã, em que haveria uma hierarquia das sexualidades. A heterossexualidade seria a superior, enquanto a homossexualidade estaria condenada à margem da Salvação. É inegável a influência da religião sobre formas de viver o sexo. Desenvolvemos inclusive, uma “*scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1988, p. 59), dotada de procedimentos sobre o quê dizer em relação ao sexo, uma forma rigorosa de poder-saber. Não é por acaso que a cultura da confissão se infiltrou tão facilmente em uma sociedade que adquiriu essa prática em diversos domínios: “[...] confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passados e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias [...]”

Ainda que já não existisse uma Inquisição, a modelo familiar e reprodutivo era o único legítimo e reconhecido como “aparelho de reprodução da moral religiosa” (ALMEIDA, 2016, p. 45). Ou seja, ainda que a figura da Igreja não estivesse tão claramente presente em tempos mais tardios, formas de regular as

sexualidades estavam difusas em aparelhos distintos, assim como o poder de controlá-los encontravam-se dispersos e atuantes.

Na transição do século XIX para o XX, assistimos ainda a modos repressivos de vigilância e punição às sexualidades periféricas. Em Londres, nas décadas de 1920 e 1930, ser encontrado com um espelho no bolso ou cremes hidratantes podiam configurar provas de que um indivíduo era gay. Havia, ainda, uma constante vigilância policial em locais frequentados pelo público LGBT. Algumas movimentos como o *skinhead* e o *rockabilly*⁴, no início dos anos 1980, foram recuperados da cultura rock dos anos 1950 e 1960 e incorporados à subcultura gay como formas de se “embaralharem as marcas” (TAMAGNE, 2013, p. 448-449) já tidas como características dos homens homossexuais. Assim, progressivamente ganhava força uma tendência a autogestão de visibilidades – um maior cuidado era dedicado às formas de se autorrepresentar. “Quer seja por prudência, pudor, oportunismo, gosto pela dissimulação ou amor pelo jogo, *cada um negocia até um certo ponto a sua autoapresentação*, em função dos lugares, dos ambientes e das situações.” (TAMAGNE, 2013, p. 433, grifos nossos). Essa regulação, em nosso *corpus*, foi-nos bastante evidente: está na escolha da foto de perfil, o que está sendo focado e o que está sendo escondido, a escolha de palavras para se autodefinir, a cadeia de negações para se distanciar de certos tipos identitários, duplas afirmações sobre características “positivas”, entre outras que estarão listadas no capítulo de análises.

Outro momento marcante para a gestão de visibilidades foi a epidemia de AIDS no mundo. Em 1981, quando noticiado pelo jornal *The New York Times* como um aumento nos casos de pneumonia entre homens que praticavam sexo com outros homens (ALMEIDA, 2016), o fato chamou a atenção e, mais uma vez, a homossexualidade foi tratada pelo discurso médico. Dessa vez, entretanto, os homens gays seriam os vetores da doença do século, ainda que já houvessem provado que não se tratava de algo exclusivo de relações homo-orientadas.

⁴ O termo é resultado da junção de “rock n’ roll” com “hillbilly”. Este último significa alto do tipo “caipira”, um termo pejorativo para quem morava em áreas rurais. Trata-se de uma das primeiras ramificações do rock, surgida nos anos 50 nos Estados Unidos (há controvérsias em relação ao local de origem do movimento) e recuperado mais tarde nos anos 70 e 80. Informações disponíveis em: <http://etereamusic.blogspot.com.br/2013/05/playlist-rockabilly.html#.WEBzfnfOr6Y>. Acesso em: 1 dez. 2016.

As relações, inclusive entre amigos, familiares e parceiros amorosos e sexuais, agora estavam mais fragilizadas, num momento de “descoberta” da síndrome. Ela “significou o *coming out* [saída do armário] forçado daqueles que até aqui tinham preferido calar a homossexualidade, recebendo, como consequência, a hostilidade dos vizinhos, dos colegas, da família” (ERIBON, 2008, p. 58). Uma vez escancaradas as portas da visibilidade gay, agora cabia aos soropositivos lidar não só com o estigma do HIV, mas também com o da homossexualidade, que quase sempre o acompanhava. Ainda, não só lidar, mas saber tentar sublinhar traços diferentes das pesadas marcas da síndrome, evidenciar novos traços identitários para, novamente, embaralharem as marcas.

“A epidemia é tanto um fato biológico como uma construção social. A aids foi construída culturalmente e houve uma decisão em delimitá-la como DST”, transmitida por um grupo de indivíduos que “*não seguiam a ordem sexual tradicional.*” (MISKOLCI, 2012, p. 23, grifos nossos). Portanto, o descumprimento dessa ordem foi por alguns vista como um *castigo* ou uma “peste que derruba máscaras” (TREVISAN, 2007, p. 436).

O leitor e/ou a leitora verá, mais adiante, que as influências da epidemia de AIDS no mundo foi um dos fatores que contribuiu para que se modificasse a maneira como pensamos o corpo e as atividades físicas atualmente. Muitos dos usuários dos aplicativos estudados manifestaram grande preocupação em relatar, em suas descrições de perfil, que “cuidavam do corpo” ou que praticavam determinados exercícios. Adiantamos, desde já, que, devido a essa recorrência, criamos a categoria *atividades físicas*, explicada na análise de dados. Mas isso estará mais adiante e, por ora, devemos retomar outros momentos históricos.

2.3 Enquanto isso, no Brasil...

Discorreremos um pouco sobre alguns ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, mas muito do que lá se produziu reverberou aqui, nos trópicos. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria classificou a homossexualidade como “problema psicótico de personalidade”. Em 1962, houve uma reclassificação: “outras desordens mentais não psicóticas” (TAMAGNE, 2002, p. 65). Vale lembrar que, antes disso, em 1870, Westphal publica um artigo sobre as “sensações sexuais

contrárias”, caracterizando a homossexualidade como uma maneira de “inverter [...] o masculino e o feminino” (FOUCAULT, 1988, p. 43).

No Brasil, durante a fase de elaboração da Constituição de 1988, a mais recente e em vigor no país, a não inclusão de discriminação por orientação sexual no documento jurídico foi comemorada pela bancada evangélica, hoje muito criticada pela influência política que exerce em um Estado teoricamente laico. Essa decisão concernente à discriminação foi chamada, à época, de “emenda dos viados” ou “emenda da ‘desorientação sexual’” (TREVISAN, 2007, p. 158).

No domínio da mídia, o Código de Ética da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), instaurado em 1980, estabelecia que apenas as relações sexuais “dentro do quadro da normalidade” poderiam ser transmitidos. Antes ainda, em 1972, em Belo Horizonte, o Conselho de Censura do Juizado de Menores baniu dois estilistas da televisão. Nesse meio de comunicação de massa, o conservadorismo sempre ditou as regras e, não por acaso, esses dois profissionais, enquanto homossexuais, nada poderiam protagonizar (TREVISAN, 2007, p. 335) Assim, a televisão até poderia sugerir, aos poucos, algumas relações homoafetivas, mas os atores que delas participavam não eram nada incentivados a se abrir em relação a suas sexualidades.

O período que sucedeu o golpe militar de 1964 trouxe algumas benesses se considerarmos a abertura política e intelectual resultante de um período de exílios, torturas e repressões. Quando os exilados políticos retornaram ao Brasil (a partir de 1979), vieram carregados de contestações em questões feministas, ecológicas e raciais que, de certa forma, repercutiram no Brasil. Tratou-se de um período de modernização forçada no país que, recuperado, em certo grau, do surto de AIDS, iniciou, a partir da década de 1990, uma inserção mercadológica do público LGBT no mundo do consumo, dessa vez visado especificamente para atender suas demandas (TREVISAN, 2007). Essa expansão, apesar de iniciada em 1960, só foi possível no Brasil com a abertura política, viabilizando a inauguração de bares, saunas e discotecas, por exemplo. Atualmente, o “turismo gay” movimento cerca de R\$ 200 bilhões no Brasil, destino mais buscado por esse público na América Latina.⁵

⁵ Dados referentes ao ano de 2014. Disponível em: http://agenciaaids.com.br/home/noticias/volta_item/22348. Acesso em 09 nov. 2016.

É a partir daí que se inicia igualmente o uso massivo de sites de encontros amorosos, sobretudo nos Estados Unidos. “Em 1999, um em cada doze adultos solteiros nos Estados Unidos havia experimentado a busca de parceiros on line...” (ILLOUZ, 2011, p. 109). A partir desse dado, seguimos pra próxima seção.

2.4 Desejos e(m) práticas sociodiscursivas virtuais

Eva Illouz é uma das pesquisadoras que tomamos como referência aqui por ter realizado, em seu livro intitulado *O amor nos tempos do capitalismo*, pesquisas com diversos usuários de sites de relacionamento nos Estados Unidos na década de 1990, no contexto do boom da internet. Ainda que esse estudo tome como referência encontros entre pessoas heterossexuais, ele nos serviu para entender o advento de uma socialização de desejos bastante nova, se considerarmos o suporte em que ela era feita (o computador) e a dinâmica envolvida na marcação de um encontro amoroso ou sexual.

Outro ponto a ser esclarecido, antes de mais nada, é que essas práticas sociodiscursivas não são exclusivamente virtuais – trata-se de uma relação contínua entre “virtual” e “real”, em que um domínio não se desliga do outro. Afinal, o uso da Internet, por exemplo, pode ser apenas um iniciador de algo que vai desencadear no cotidiano de um sujeito. O uso dos aplicativos, por exemplo, pode se iniciar “virtualmente”, mas o encontro será algo fora da tela do celular. Desse modo, utilizamos aqui o termo “virtual” apenas para demarcar o lugar onde essas práticas sociodiscursivas estão sendo iniciadas, mas não ignoramos de forma alguma as relações entre os domínios “real” e “virtual” que se entrecruzam.

Com a internet, a socialização e a textualização de subjetividades ganhou forças. No ambiente virtual, quase tudo é externalizado, seja por meio de apelos visuais (a foto de perfil de um usuário no aplicativo, no nosso caso), seja por meio da linguagem escrita (a descrição de um perfil no aplicativo e o *nickname* utilizado). À primeira vista, pode parecer que essas subjetividades são facilmente manifestadas, ou seja, que descrever-se e ingressar na rede para socializar desejos (e compreender os alheios) é uma tarefa simples. Existe, contudo, um grande desafio: o de saber “compreender a si mesmo e [...] arquitetar a sociabilidade através da compatibilidade afetiva” (ILLOUZ, 2011, p. 110)

Compreender a si mesmo requer muito mais do que uma autoanálise, um voltar-se para si. A um usuário da rede não cabe simplesmente se descrever, seja em um site, seja em uma sala de bate-papo, ou nos aplicativos do *corpus*, mas realmente arquitetar os meios como a linguagem e seus diversos códigos irão conformar uma imagem “positiva” de si, que seja ao mesmo tempo vendável, credível, sedutora (por que não?) e atraente aos outros. A compatibilidade afetiva buscada não é algo simples de se conseguir porque esses milhares de novos ingressantes na rede possuem motivações, vivências, preferências e, até mesmo, preconceitos tão diversos que, no meio dessa multidão de pessoas virtuais, pode ser complicado encontrar o parceiro idealizado.

Seja qual for o meio escolhido de encontrar um parceiro para fins de relacionamento ou sexo, os três principais meios de fazê-lo são: por meio de sites, de salas de bate-papo e, por fim, dos aplicativos de encontros. “Nos EUA , a comercialização da internet começou em 1995 e, no Brasil, em 1997.” Ainda assim, embora já faça algum tempo que existe internet no Brasil, nem todos têm acesso garantido a ela. “[...] segundo fontes como o Comitê Gestor da Internet e o Ibope, em 2012 cerca de 80 milhões de brasileiros tinham acesso à rede. Os cidadãos digitais, portanto, eram apenas 40% da população total do país” (MISKOLCI, 2011, p. 10). Portanto, estamos falando apenas de uma parcela da população brasileira e, mais especificamente, belo horizontina que possui acesso não só à internet, mas também a um *smartphone*.

De qualquer modo, essa sensação de agência proporcionada pela busca de um parceiro é algo que, conforme traz Miskolci (2014, p. 286), foi negada aos homens homossexuais por muito tempo e, talvez por isso, traga um prazer nunca antes experimentado, “uma forma de satisfação de anseios e a sensação de controle sobre a vida amorosa, agora reconhecida como marcada pela capacidade de escolha em um horizonte visualizável de parceiros em potencial.”

Nos sites, primeiramente, Illouz (2011) notou algo bastante significativo para nosso *corpus*: as convenções tidas como desejáveis aos outros são reproduzidas em si mesmo, de modo que, utilizando a linguagem escrita ao falar de si, cria-se certa uniformidade e repetição nas formas de se representar. Faz sentido pensar essa padronização quando encontramos, nos perfis analisados, diversas questões que de fato se repetiam e, não por acaso, serviram de base para a criação de

categorias de análise. Havia certa insistência em trazer nas descrições de perfil temas como efeminação, virilidade e discrição, por exemplo. Percebemos que, ironicamente, esses diversos usuários estavam basicamente “falando a mesma coisa”.

Nas salas de bate-papo, as subjetivações do desejo eram mais diretas, como nos mostra Miskolci (2009). Começava já na escolha do *nickname* ou apelido, um imperativo ao ingressar nesse ambiente de troca de mensagens. Por meio dele, já era possível saber quais eram as possíveis intencionalidades do usuário, dava pistas sobre o tipo de parceiro que se estava procurando. O autor nota que, nesse ambiente, a valorização de uma autoapresentação “discreta” ou “fora do meio” revela uma necessidade de manutenção da mesma ordem social fora da internet, onde o padrão é o comportamento heterossexual. Essa busca por proteção “reforça a mesma ordem simbólica que historicamente oprimiu e relegou às margens (ao “meio”) as sexualidades em desacordo com as normas dominantes” (MISKOLCI, 2009, p. 177). Nos aplicativos, assim como nas salas de bate-papo, o mesmo fenômeno é observado. Neles, ainda, o recurso à discrição varia desde a escolha de não se exibir foto de perfil até a escolha do apelido como “discreto”.

É importante notar que nesses meios virtuais circulam sujeitos que, talvez, não podem ou não se sentem seguros de expressar seus desejos da mesma forma que nos ambientes “reais”. A ordem social dominante parece não operar nesses espaços de modo tão opressor, mas, ao mesmo tempo, é a ela que se deve voltar quando se desliga o computador ou o celular. Portanto, por mais que haja tentativas, é quase impossível se desvincular totalmente dela.

A mudança cultural em aplicativos, as mais recentes formas virtuais de marcação de encontros, foi acompanhada mais tarde também por Miskolci (2014) em um estudo na cidade de San Francisco, na Califórnia. Para ele, por mais que haja uma concepção mais multicultural e ao mesmo individualizada nessas mídias digitais, permanecem os valores brancos, heterossexistas e elitistas na subcultura gay. Perde forças o modelo nuclear familiar reprodutivo; permanecem padrões de comportamento.

[...] ao criar um espaço de paquera centralizado on-line, acessível inclusive a partir da casa, do trabalho ou da universidade, os aplicativos higienizaram o cruising, incentivaram formas de segmentação, seleção de parceiros e até

mesmo graus diversos de “envolvimento” em um espectro que engloba o sexo anônimo e sem compromisso. (MISKOLCI, 2014, p. 281)

O *cruising* é uma prática de paquera gay itinerante, em que os homens saem para buscar seus possíveis parceiros em locais públicos conhecidamente frequentados por outros homens com as mesmas motivações. Trata-se de uma adaptação do *footing*, antigamente comum em cidades do interior do Brasil, onde homens e mulheres “circulavam em direções opostas em torno da praça principal da cidade com o objetivo de flertar, trocar fofocas e escolher um namorado ou uma namorada.” (GREEN, 2000, p. 276-277). Os aplicativos permitiram um abandono parcial do *cruising*, pois agora já não é necessário sair às ruas para buscar um parceiro. Ao mesmo tempo, aumentaram-se as segmentações, de modo que, no aplicativo *Scruff*, por exemplo, encontramos 18 modos de se definir na opção “Sou”, que estarão explicadas na Metodologia. Seguindo a mesma direção, a seleção de parceiros ganhou novas formas se tornou mais exigente. Nessa gama de possibilidades, definir-se e encontrar um parceiro ideal já não é tão simples como sair às ruas à procura de um homem gay.

Essas segmentações diversas, categorizações, grupos, autodefinições, nichos, etc., talvez tenham sido uma consequência negativa dessa abertura às sexualidades dissidentes. Ao mesmo tempo que ela permitiu a socialização de desejos antes reprimidos, abriu espaço para exclusões, de modo que quem se diz pertencente a tal grupo se sente no direito de desqualificar o outro. Trata-se de um problema não só de aplicativos, mas que ultrapassa as fronteiras da linguagem e interfere no social. Essa contestação por inclusão frente a exclusões surge no próprio movimento gay, iniciado por uma elite branca e criticado por aqueles que nele não se encaixavam. Se a sigla GLS já era vista como ultrapassada ou limitada, LGBT também já não comporta a variedade de sujeitos que clamam por mais visibilidades.⁶ Dessa forma, hoje presenciamos uma luta por menos exclusões e, cada vez mais, surgem mais vozes, exigindo não só direitos, mas presença em diversos meios e setores.

⁶ O estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, reconhece 31 identidades e expressões de gênero, listadas no site: <http://heatst.com/culture-wars/here-are-the-31-gender-identities-new-york-city-recognizes/>. Acesso em: 16 nov. 2016.

2.5 Algumas exclusões no meio virtual

Parece-nos, então, que essas exclusões mencionadas acima partiram de um momento já anterior aos atuais aplicativos. Contudo, elas ganharam novas formas, talvez um pouco mais evidentes por estarem sendo travadas em um meio mais permissivo, que permite certo anonimato: o virtual. Novamente, a intencionalidade aqui não é realizar uma separação entre real e virtual, senão demarcar o espaço dos aplicativos estudados sem ignorar as implicações sociais fora dele e anteriores a esse momento do discurso.

Veremos, primeiramente no capítulo sobre Estudos Queer e, em seguida, na análise de dados, que, basicamente, existem certos “vilões” no “meio” gay, sujeitos desqualificados pelos usuários dos aplicativos estudados. Parece-nos no mínimo curioso que, em um grupo socialmente estigmatizado, haja tantas exclusões. Muito comumente, esses sujeitos as consideravam “gostos”, uma maneira de justificar suas ditas preferências, nunca preconceitos.

Enquanto isso, os que divergem do padrão tornam-se os vilões do gueto. Quem são eles? Os efeminados, os feios e os velhos, que são punidos com a execração e a estimacão excludentes. Assim, os *valores homofóbicos voltaram reforçados, agora exercidos entre os próprios homossexuais*. [...] Mais do que nunca, é preciso saber comportar-se, para não ser notado como diferente. Trata-se de um secreto desejo de se identificar com o padrão de normalidade heterossexual. (TREVISAN, 2007, p. 472, grifos nossos)

Dessa forma, esses valores agora voltados contra os próprios homossexuais ganham força e parecem desconsiderar, de certa forma, as diversas militâncias e lutas empreendidas durante toda a história, desde Stonewall⁷ até as atuais paradas do orgulho LGBT, entre outras formas de resistência. Ela agora está voltada para o outro, um outro que é do mesmo grupo, mas que não cumpre as exigências de comportamento para não ser notado como diferente, que foge do padrão da

⁷ Stonewall Inn era um bar na cidade de Nova Iorque, onde ocorreu um episódio considerado o precursor das atuais paradas do orgulho LGBT. A polícia exigiu que todos os frequentadores do bar, no dia 28 de junho de 1969, mostrassem seus documentos de identificação. A maioria que ali estava resistiu e não quis sair do bar. Muitos dos que se encontravam nas ruas na hora se aglomeraram na região e apoiaram o movimento, que já não se tratava apenas de uma luta pelo chamado *gay power*, mas contra a polícia. No ano seguinte, no dia primeiro de julho, ocorreu uma marcha na mesma cidade, o ápice do ocorrido em Stonewall. (ALMEIDA, 2016)

“normalidade”, o que tem a ver com as normas e padrões de comportamento e com a heteronormatividade, como veremos mais adiante.

Nos aplicativos, algumas punições estão voltadas também aos afeminados, mas também aos que não “cuidam do corpo”, aos que não são “discretos”, aos que não tem “jeito de homem”, entre outras aversões. Foram tantas as recorrências a esses modos de representação do outro, do parceiro ideal, que percebemos a necessidade de criarmos categorias de análise, de modo a perceber como essa reiteração tinha ligação direta com conceitos das teorias com que trabalhamos nesta pesquisa.

Miskolci (2014), ao realizar um estudo antropológico na cidade de San Francisco, na Califórnia, notou que:

As redes criadas por meus colaboradores em suas buscas amorosas digitais terminam sendo redes de classe, educação, raça, que, ao invés de ampliarem, parecem diminuir o espectro de escolha, apontando para o mais “familiar” entre o que há disponível, um familiar regido pela máxima de alcançar ou manter ajustamento social. (MISKOLCI, 2014, p. 292)

O pesquisador (assim como nós) partiu de aplicativos de encontros gays para realizar seu estudo e igualmente percebeu tais diminuições nas amplitudes de buscas de parceiros. Seus colaboradores, assim como os nossos, buscavam, dentro do espectro de escolhas, aquela mais familiar ou confortável ao ajustamento social, ou seja, à norma, ao socialmente já aceito. Existe, tanto em seu estudo, como no nosso, uma demanda por parecer heterossexual e por ser discreto. Notamos, entretanto, que tais exigências, sob a ótica dos colaboradores de Miskolci, estavam estritamente ligadas a situações de trabalho e família; enquanto no nosso caso não foi possível determinar precisamente de onde vinham. Por meio das pistas discursivas que os usuários analisados deixavam em suas descrições de perfil, percebemos que se tratava sobretudo da internalização de normas e padrões, nem sempre justificadas.

Outra autora que traz essa mesma questão é Tamagne:

“Longe de ser liberador, o movimento gay gerava novas exclusões, de todos aqueles que não podiam responder às novas exigências estéticas, porque eram muito afeminados, insuficientemente musculosos ou muito velhos.” (TAMAGNE, 2013, p. 438, **negritos nossos**)

Assim, não poderíamos deixar de discorrer sobre esse momento atual que vivemos, já que parece haver um consenso entre esses três diferentes autores sobre as exclusões no movimento. Na epígrafe, em contrapartida, trazemos um texto que trata de mais aceitação, de mais amor e de mais irmandade/sororidade, fazendo-nos lembrar que, não há muito tempo, estávamos vivendo situações bastante desfavoráveis e, por essa e outras razões, não deveríamos desapontar nossos companheiros e companheiras.

Terminado esse breve percurso histórico, passemos para a parte em que explicamos as questões de gênero. Os Estudos Queer, assunto do próximo capítulo, foi-nos de grande valia. Por meio de seu estudo, pudemos compreender como o espaço das feminilidades na subcultura gay era representado, assim como possíveis razões por que certas atitudes discursivas persistiam em suas descrições de perfil. Por que manifestar ódio ao comportamento tido como efeminado? Quais são as características de efeminamento e por que os homens são proibidos de portá-las? Existiria um polo concentrador das masculinidades exclusivamente? O que é ser, então, efeminado?

3. Don't be a drag, just be a queer – Notas sobre os Estudos Queer no Brasil

"Girls can wear jeans and cut their hair short
Wear shirts and boots
Because it's ok to be a boy
but for a boy to look like a girl is degrading
Because you think that being a girl is degrading"

Madonna (em *What it feels like for a girl*)

Escolhemos, para este estudo, tratar dos Estudos Queer sob a óptica dos que são empreendidos no Brasil. Como muitos pesquisadores já têm abordado os trabalhos de Judith Butler, nos foi sugerido, durante a apresentação do andamento da pesquisa no Seminário de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais, trazer como os autores brasileiros tem lido a teoria e de quais formas essa visão poderia nos ajudar enquanto analistas do discurso.

Apesar de não ser linguista, Butler, a mais conhecida teórica dos estudos queer, realiza articulações entre teorias da filosofia da linguagem, estudos feministas e sociológicos. Hoje atua como professora de Retórica e Literatura comparada. Ph. D. em Filosofia pela Yale University, mas ficou muito mais conhecida pelos seus estudos de gênero, não sendo tão reconhecida enquanto crítica literária. (ALMEIDA, 2016)

Richard Miskolci, outro autor utilizado neste estudo, é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e professor associado de Sociologia na Universidade Federal de São Carlos. Desde 2011, tem orientado trabalhos relacionados a uso de mídias digitais na busca de parceiros amorosos e sexuais na cidade de São Paulo. Em 2013, realizou em estágio pós-doutoral um estudo etnográfico na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, com usuários de aplicativos de encontros gays⁸. Possui artigos relacionados a essa temática, além de

⁸ Informações disponíveis em: <http://www.ufscar.br/cis/equipe/richard/>. Acesso em: 31 ago. 2016.

livros e minicursos sobre gênero, sexualidade e saberes. Seu trabalho é de grande importância para esta pesquisa na medida em que alia os estudos de gênero às novas formas virtualmente engajadas de se relacionar.

3.1 O que é *queer*

As significações que o termo adquiriu com o tempo são bastante interessantes e serão aqui brevemente explanadas. Queer pode ser um substantivo, um adjetivo e um verbo. Em todos, trata-se de se posicionar contra a norma ou a normatização (SPARGO, 1999). Está também relacionado a tudo o que é socialmente tratado como abjeto, anormal, estranho. Ridículo, estranho, extraordinário, anormal – todas essas formas serviram para designar homens e mulheres homossexuais. Uma vertente dos movimentos homossexuais, no entanto, adere ao termo como forma de oposição e de contestação. Queer significa “colocar-se contra a normalização”, e representa “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada.” (LOURO, 2004, p. 38)

Analisando o movimento queer numa perspectiva política, muitos dos ativistas vinham considerando o movimento LGBT, no geral, como campanhas lideradas predominantemente por homens brancos e de classe média. Grupos negros, latinos, jovens e mulheres estavam insatisfeitos com algumas primazias do movimento – a adoção de ideais convencionais, como o relacionamento monogâmico, o privilegiamento masculino frente ao feminino e políticas identitárias excludentes para bissexuais e transsexuais.

A sexualidade, até por volta de 1960, era tratada sobretudo pela Medicina, Biologia, às vezes pela Psicanálise. Foi apenas em 1968, com a publicação do artigo “The Homosexual Role”, por Maru McIntosh, na Inglaterra, que a sexualidade foi trazida como algo socialmente forjado (MISKOLCI, 2012). Em 1990, nasceria a Teoria Queer, ano em que foram publicadas três importantes obras: *Problemas de gênero*, de Judith Butler, *One hundred Years of Homosexuality*, de David M. Halperin, e *A epistemologia do armário*, de Eve Kosofsky Sedgwick.

A partir dela, passou-se a tratar o gênero também como algo cultural, baseado em normas e convenções. Desse modo, o masculino e o feminino coexistiram em homens e em mulheres. Hoje, já falamos em feminilidades e

masculinidades, e tratamos gênero como algo cultural, que muda conforme tempo e sociedade, como já se concebia a sexualidade, “uma construção social, difundida e aprendida por meio de nossa inserção na cultura e que orienta nosso imaginário e comportamentos” (PRADO; MACHO, 2008, p. 34). Ser queer significa tratar o gênero como uma construção social e discursiva, entendendo que somos indivíduos portadores de traços de ambos os gêneros biológicos.

Quando trazemos, no título desse capítulo, “don’t be a drag, just be a queer”, fazemos referência à canção *Born this way*, da cantora Lady Gaga. Nesse trecho, especificamente, ela joga com os sentidos das palavras *drag* e *queen*, que, juntas, têm ainda um outro sentido. No original, “don’t be a drag, just be a queen”, trata-se de não ser uma droga, um saco, algo ou alguém tedioso, enfadonho, e sim ser uma rainha (*queen*), alguém empoderado e que se aceita. Considerada um hino de aceitação para o público LGBT, a canção defende a valorização da beleza própria e o amor a si mesmo, chegando até a sugerir um apoio à “saída do armário”, ou seja, a se assumir.

3.2 Falemos sobre normas

Se a Teoria Queer é, acima de tudo, contra a norma, o que seria, então, essa norma e de que modos ela opera? Considerando a subcultura⁹ gay, podemos dizer que as normas, padrões e normatizações existem e estão claramente encenadas nas discursividades analisadas nos aplicativos de encontros.

Segundo Miskolci (2012), haveria um “terrorismo cultural” na sociedade que impõe a heterossexualidade como única forma de se viver a sexualidade (o que o autor chama de heterossexualidade compulsória). Portanto, haveria sempre normas por trás de algum tipo de violência, e não sabemos nem quando, nem como ela poderia ocorrer, mas sua existência é inegável. É como se uma atitude repressiva à fuga das normas estivesse sempre à espreita, esperando por algum desvio para que ela pudesse se manifestar em algum momento.

⁹ Queremos dizer por “subcultura” uma ramificação da cultura hegemônica. A ideia não é inferiorizá-la perante a outra, mas mostrar que esta está imersa em uma maior, da qual sofre grandes influências. Encontramos repetidas vezes esse termo nas obras utilizadas como referência para essa pesquisa.

Viver no terrorismo cultural implica ter de gerir comportamentos, falas, atitudes que possam, aos olhos dos outros, gerar estranhamentos. “[...] a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da ‘normalidade’”(LOURO, 2010, p. 80). Essa constante gestão e vigilância da própria visibilidade acarreta na adoção de normas como formas mais seguras e “discretas” de se viver. Muitas vezes levados por memórias de repressão aos LGBTs, alguns homossexuais prezam por uma discrição que, na maioria das vezes, se trata muito mais de uma interiorização de normas. “[...] é a interiorização da dominação no espírito do dominado que assegura sua submissão à ordem sexual e às suas hierarquias.” (ERIBON, 2008, p. 85). Por isso, a maioria dos autores tratam das normas como formas de manutenção da ordem social que constrange nossas agências e vê os “desvios” como abjeções. Tornar-se “visível”, ou seja, clamar por uma visibilidade, pode, inclusive, reduzir a carga da injúria e da violência social, além de ser uma contestação ou afronta à ordem social vigente.

Além disso, a demanda social por uma discrição, vinda do discurso hegemônico, tem muito mais a ver com a oposição ao rompimento de padrões de gênero do que à homossexualidade em si. Em outras palavras, a sociedade pode até aceitar que um indivíduo seja gay, por exemplo, desde que ele seja discreto, ou seja, desde que não se rompam as barreiras entre como deve ser um comportamento masculino e o como deve ser um comportamento feminino, que não se ultrapassem as fronteiras. Por isso é tão importante estudar as normas – são elas que prevêm comportamentos e os tomam como “naturais”. Mas “A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’”. (LOURO, 2010, p. 63)

[...] a sexualidade é o comportamento menos natural dos seres humanos, pois sendo os caminhos de nossa sexualidade os constituidores de formas de expressão, de prazer, de visibilidade e de relação social, estão por demais recobertos de símbolos, rituais e valores que estruturam e dão coesão às práticas e instituições sociais.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 15, grifos nossos)

Ora, não existe um *natural*, existe o que a ordem social hegemônica prega como o natural, e são justamente às naturalizações que a Teoria Queer busca se contrapor, sobretudo quando se trata de gênero. Existe um *cultural* que influencia todos os aspectos da nossa vida, principalmente quando pensamos que ela é

condicionada por normas. As normas são, inclusive, implacáveis: não escolhem a quais sujeitos atingir, por isso, não raro, encontramos, paradoxalmente, mulheres assumindo comportamentos machistas; negros, racistas e gays, homofóbicos (MISKOLCI, 2012). Desconstruí-las seria um primeiro passo para uma mudança na cultura e na tradição que violenta nossos desejos, sobretudo quando tratamos de sexualidades.

Uma das normas-alvo da Teoria Queer é a heteronormatividade, um regime de visibilidade que toma a heterossexualidade como modelo familiar e reprodutivo, ou seja, a “ordem sexual do presente” (MISKOLCI, 2012, p. 46-47), que repreende quem rompe normas de gênero. Nesse regime, as assimilações à dinâmica heterossexista são bem vistas, uma vez que reitera o que já é socialmente legitimado. Portanto, todas as características de um modo de vida consoante à norma assumem um caráter positivo, pois não desviam, apenas confirmam e mantêm algo já aceito, já dito, que não foge da cena.

Na subcultura gay, a heteronormatividade se manifesta em diversas formas: desde à adoção de um comportamento que preza pela discrição e por um rígido controle de visibilidades, passando pela valorização das masculinidades e afastamento das feminilidades (cultura do sexismo), até a não aceitação de outras formas de se relacionar sexualmente senão a prevista no binarismo macho e fêmea. “Ao chamar atenção para o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, a teoria feminista e a teoria *queer* contribuem, de forma decisiva, para o questionamento das posições binárias” (SILVA, 2000, p. 89). De acordo com essa norma e com outras, criamos, nesta pesquisa, algumas categorias que foram percebidas nas descrições de perfis de usuários dos aplicativos estudados. Nelas estão presentes essas questões sobre: o portar-se como homem heterossexual como forma mais bem aceita da homossexualidade e, por isso, não possuir trejeitos “femininos”, o afastamento do que é tido como “meio” gay e a valorização de uma discrição, o enaltecimento da virilidade por indivíduos portadores de características de “macho”, a demanda por se afirmar no espaço da cultura hegemônica enquanto um indivíduo que, apesar de pertencer a uma parcela social estigmatizada, não deixa de circular pelos espaços já legitimados (trabalhos, estudos, entre outras ocupações).

Bauman (2001) traz, por sua vez, uma visão que nos pareceu bastante interessante sobre normas:

A ausência, ou a mera falta de clareza, das normas – anomia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida. As normas *capacitam* tanto quanto incapacitam: a anomia anuncia a pura e simples incapacitação. Uma vez que as tropas da regulamentação normativa abandonam o campo de batalha da vida, sobram apenas a dúvida e o medo.” (BAUMAN, 2001, p. 28, grifos do autor)

Estaríamos, nessa perspectiva, “perdidos” sem as normas, porque são elas que conduzem nossa vidas à maneira mais “natural” de enfrentar os afazeres da vida. Daí se justificaria a reprodução mais ou menos consciente das normas – é mais fácil repeti-las, pois assim seguiríamos o que está previsto, não deslocaríamos nenhum preceito (gênero, comportamento) e não causaríamos desordem. A anomia seria o caos – poderíamos afirmar que (quase) ninguém quer se perder, se sentir incapacitado de seguir “a luta”. Por outro lado, contestar as normas e andar em terras onde habitam “a dúvida e o medo” parece ser desafio para poucos.

3.3 Uma História Queer – percursos teórico-metodológicos

Em *Teoria Queer*, Miskolci (2012) traz um breve histórico sobre os estudos queer, inseridos no que se tem chamado de movimentos pós-estruturalistas e pós-modernistas. Seria pós-estruturalista porque recorre a autores como Derrida, Foucault e Lacan; e pós-moderno pelo caráter contemporâneo que esses estudos têm assumido (LOURO, 2004). Um dos pensadores mais estudados nesse movimento, Jacques Derrida, criticou as visões estruturalistas de Saussure e Lévi-Strauss, “sugerindo que [...] a relação entre significado e significante não é algo fixo. [...] O que parece determinado é, pois, na verdade, fluido e inseguro, sem nenhum ponto de fechamento” (SILVA, 2000, p. 53). A crítica ao estruturalismo, na visão pós-estruturalista, vem, pois: de Lacan, sobre a descentralização do sujeito, de Derrida, sobre a desconstrução dos binarismos linguísticos, e de Michel Foucault, com os conceitos de discurso, poder e conhecimento. Essa seria, basicamente, a tríade que motivou os estudos queer (SPARGO, 1999).

Primeiramente, em relação a Derrida, além do significado e do significante, a questão dos binarismos é bastante importante, sobretudo nos estudos queer. Para o autor, existiria na lógica ocidental uma hierarquia implícita nos binarismos linguísticos, em que o primeiro elemento sempre teria um valor semântico mais positivo ou superior ao segundo. Existiria, então, um “pensamento que elege e fixa uma ideia, uma identidade ou um sujeito como fundante ou como central, determinando, a partir desse lugar, a posição do ‘outro’, o seu oposto subordinado” (LOURO, 2004, p. 42). Essas oposições binárias (heterossexual/homossexual, macho/fêmea, masculinidade/feminilidade) mostram que cada polo mantém o outro de forma negada ou desviada, e dele depende para adquirir sentido.

Em Lacan¹⁰, encontramos os ideais de descentralização do sujeito, não mais visto como uno e indivisível. Ele seria, pois, um *efeito* de linguagem, do discurso. Um efeito, por sinal, efêmero, resultado de um momento na cadeia de significação. “[...] a cadeia sintática dos significantes atribui ao sujeito seu lugar, identificando-o com um certo ponto da cadeia (o significante no qual ele se representa)” (GADET *et alli*, 1990, p. 53)

“[...] o sujeito nasce e cresce sob o olhar do outro, que ele só pode saber de si através do outro, ou melhor, que ele sempre se percebe e se constitui nos termos do outro. Longe de ser acessível e coeso, esse é um sujeito dividido” (LOURO, 2004, p. 40)

Essa noção de efeito e não mais de unicidade contribuiu, inclusive, para a percepção de um sujeito não mais dotado de uma identidade fixa, rígida, senão fluida, deslizante. A respeito das identidades, falaremos em outro momento, mas, para adiantar alguns aspectos: “Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária [...]. [...] A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade.” (SILVA, 200, p. 28)

Já o discurso em Foucault (1996, p.52-53) viria “como práticas descontínuas, que se cruzam, por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”, em formas de já-ditos, um “discurso sem corpo”, algo de que sabemos a existência, mas nada

¹⁰ Alguns conceitos foram retirados do curso STV em Linguística do texto e do discurso – Questões do sujeito em Análise do Discurso: entre a ideologia e a psicanálise, ministrado pela Profa. Gláucia Muniz e pelo Prof. Bruno Machado, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, de março a junho de 2015.

sabemos de sua proveniência (FOUCAULT, 2008, p. 28). Entretanto, para esse autor, o discurso não tinha relação direta com o uso da língua, o que soa incompatível para a maioria dos analistas do discurso. Em Foucault, portanto, discurso não é um conceito linguístico (MAINGUENEAU, 2015). Torna-se difícil definir, então, o que seria o discurso, mas tomamos aqui a ideia de Maingueneau (2015) de que discurso, de forma geral, pode se referir a objetos empíricos e a coisas que ultrapassam o ato de comunicação em si. O autor reconhece, ainda, que o vínculo de Foucault, considerando o discurso, está integrado, de fato, ao que se tem denominado corrente pós-estruturalista nos Estados-Unidos, associando pensadores como Derrida, Lacan e Butler, por exemplo. Então, nessa corrente, o discurso diz respeito a práticas sociais descontínuas estritamente relacionadas ao poder – o poder de quem mantém as relações de dominação, de quem dita o que é certo e errado, desejável e indesejável, aceitável e abjeto. Esse poder não estaria, ainda, concentrado em um só segmento, mas sim difundido entre vários meios, de modo que a reprodução dos padrões de quem dita o poder seja garantida e repetida pelos próprios dominados.

Atualmente, vemos a Teoria Queer como um conjunto teórico-metodológico aplicável a *corpora* diversos, pois não se trata apenas de estudar homossexualidades, por exemplo, mas de criticar a norma, o que é considerado obsceno, o fora do “normal”. Ela também nos convida a “novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” (LOURO, 2004, p. 47)

O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo.” (MISKOLCI, 2012, p. 25)

3.4 Feminilidades no Queer

Para Louro (2010), o conceito de gênero desenvolvido em sua obra está ligado à história do movimento feminista de modo linguístico e político.

Os três principais ‘novos’ movimentos sociais foram o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o então chamado movimento homossexual. Eles são chamados de novos movimentos sociais porque

teriam surgido depois do conhecido movimento operário ou trabalhador, e porque trouxeram ao espaço público demandas que iam além das de redistribuição econômica. (MISKOLCI, 2012, p. 21)

O feminismo de primeira onda representa o que foi chamado de Sufragismo, movimento voltado para estender o direito de voto às mulheres. Na chamada segunda onda, que se inicia no final da década de 1960, os desdobramentos da primeira serão expandidos para além dos domínios sociais e políticos. Agora, as preocupações estão voltadas sobretudo à teoria e é nesse momento que se engendra o conceito de gênero (LOURO, 2010).

Passou-se, cada vez mais, a considerar não o gênero biológico propriamente dito, mas as formas como características relacionadas a eles estavam ligadas a representações e valorizações, ou seja, o que se diz sobre o comportamento masculino e o que se diz sobre o feminino em diferentes momentos da história e em diferentes sociedades. Reiteradamente, as posições relativas à ocupação da mulher na sociedade foram tidas como incompletas – sua agência era (e ainda é) limitada nos campos político e social, e hoje muitos e muitas lutam pela ocupação de espaços ainda legitimados apenas por homens. Além disso, busca-se afirmar, teoricamente embasados, como as construções sobre gêneros estão carregadas de modos categorizantes que, na maioria das vezes, inferioriza o “feminino” .

A rígida polaridade a que estão submetidos homens e mulheres constroem a capacidade de enxergar em um características do outro. “[...] o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido)” e “cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido” (LOURO, 2010, p. 31-32)

É nessa perspectiva de sermos seres dotados de características de ambos os gêneros que falamos de masculinidades e feminilidades. Ou seja, não existira um padrão do masculino e do feminino, mas considerações e características sobre como masculinidades e feminilidades, por exemplo, podem fugir de um comportamento hegemônico que fixa identidades baseadas no sexo biológico¹¹.

¹¹ “[...] *sexo biológico* se refere às características anatômicas, neurológicas, fisiológicas e genéticas envolvidas na gênese e no desenvolvimento somático da sexualidade. O *sexo social*, por sua vez, compreenderia as diferentes formas de expressão cultural sexual e fundamentalmente as condutas de formação de casal. Finalmente, o *sexo psíquico* compreenderia a identidade sexual, a configuração do desejo sexual (orientação), a forma sexual psicomotora, a conexão genital e a integração do sexo psíquico na personalidade total.” (GAETE e VALENZUELA, 2007, *apud* ALMEIDA, 2016, p. 71, grifos do autor)

Portanto, os homens, dotados de características de masculinidades já socialmente legitimadas pela ordem hegemônica, ao desviarem do padrão de comportamento do polo masculino, “ferem” a hierarquia de gêneros, na qual ocupam historicamente espaço privilegiado, e colocam em cena aquilo que não quer ser visto. O mesmo ocorre na subcultura gay – o homem homossexual que se representa de forma desviante, trazendo para seu polo mais traços de feminilidades do que seria “aceito”, é também mal visto. Homens e mulheres que vivem feminilidade e masculinidades de formas diversas não são reconhecidos nem representados como verdadeiros e verdadeiras e, por isso, criticam essa rígida concepção binária e categorizante. (LOURO, 2010)

Considerando todo o aporte que os Estudos Queer nos traz, criamos categorias na análise de dados que confirmavam como questões sobre gênero, comportamentos e identidades eram trazidas por alguns usuários de aplicativos de encontros gays. Pareceu-nos importante entender como *efeminação, discricção, papéis sexuais, versatilidades, virilidade, atividades físicas e ocupações* eram trazidos nas discursividades dos sujeitos estudados, assim como a maneira que esses temas eram trazidos. Evidentemente, valemo-nos também de outros aportes teóricos; ressaltamos, entretanto, aqui, que os estudos sobre gênero foram, sem dúvidas, essenciais para a compreensão do espaço das feminilidades na subcultura gay, por exemplo.

Falemos, finalmente, de identidades, questão presente no título desta pesquisa. O leitor e a leitora perceberão que a história das sexualidades e as questões de gênero contribuíram de forma significativa para a assunção de algumas identidades e a negação de outras. Além disso, procuramos trazer vozes de diversos autores que tratavam de identidades para entendermos as possíveis razões por que os sujeitos estudados preteriam determinados traços identitários a outros. Nosso objetivo era, além de promover o diálogo entre teorias, compreender as identidades para, enfim, compreender também nossos sujeitos estudados – os usuários de aplicativos de encontros gays.

4. Liberté, Égalité, Identité – Traços identitários pelo discurso

“Peut-être que nous ne sommes qu’une succession de masques.”

Patrick Charaudeau

Os estudos sobre identidades têm sido abordados por diversos autores. Charaudeau (2015) é, no entanto, o primeiro analista do discurso a se interessar pelo tema. Mesmo estando sua teoria centrada sobretudo na comunicação, o autor, juntamente a Machado (2016)¹², busca explicar por que certas produções discursivas estão mais cristalizadas e outras se encontram em um oceano de possibilidades, por exemplo, e como a Análise do Discurso serve como ferramenta para esclarecermos nossas tentativas comunicativas.

Um dos primeiros autores a se interessar pela questão da identidade nas Ciências Humanas foi Erik Erikson. Em 1933, toma conhecimento dos trabalhos da Antropologia cultural nos Estados Unidos e os encaminha com seus estudos prévios na escola freudiana para as Ciências Sociais. Os autores dessa corrente buscavam relacionar modelos culturais de uma dada sociedade aos tipos de indivíduos que a compunham.

Trata-se, portanto, de uma questão da modernidade, pois não haveria, para Kaufman (2012), essa mesma preocupação em indivíduos de tempos anteriores. Integrados em uma comunidade do tipo tradicional, não se importavam tanto com problemas identitários como nós nos preocupamos hoje. Muitas vezes, suas identidades estavam ligadas, inclusive, às de seus pais, por exemplo, à profissão do pai, enfim, estavam reduzidas a algum atributo conhecido pelos outros, seja físico, profissional ou afetivo, e havia de certa forma uma conformidade sobre essa característica.

Para Tap (2016, p. 46, tradução por Ida Lúcia Machado), identidade seria um “conjunto de representações e de sentimentos que uma pessoa desenvolve de si mesmo”. Além disso, seria um modo de o ser humano continuar, de certa forma,

¹² Trazemos aqui também algumas considerações da professora Ida Lúcia Machado na disciplina de STV em Linguística do texto e do discurso: Identidades, emoções e imaginários sociais na Análise do Discurso, ministrada no período de maio a junho de 2016.

sempre o mesmo, realizando-se consigo mesmo em uma cultura dada. Portanto, para Tap (2016), a *continuidade* seria a primeira das seis características da identidade. Falamos, aqui, de uma continuidade que se esmaece e se transforma a cada momento, e não de algo imutável. Ou seja, haveria sempre algo da nossa identidade que permanece, um núcleo rígido que não se descama, mas que admite em seus entornos mudanças, desmembramentos, descamações. A segunda está relacionada à *representação*, mais ou menos estável e estruturada, que tenho de mim mesmo e que os outros têm de mim. A *unicidade*, terceira característica, trata do sentimento de querer sentir-se original e diferente, o que pode trazer, em um viés negativo, um fechamento sobre si mesmo de desprezo pelo outro. A *diversidade*, por sua vez, é nossa capacidade de mantermos muitos personagens em uma só pessoa, sem perder a personalidade.

O fato de relacionarmos o que fazemos à nossa identidade também é objeto de estudo do autor: “somos o que nós fazemos”. Nossas atividades, de certo modo, nos constroem. Esse é um ponto interessante porque observamos no corpus muitos usuários relatando suas *ocupações*, e essa tornou-se, inclusive, uma categoria de análise. Percebemos que era preciso, por parte dos sujeitos estudados, gerenciar um paradoxo de mudança na continuidade, ou seja, reconhecer que não somos um só mas que podemos ocupar e sustentar determinadas atividades, cargos, posições que, de certo modo, nos definem.

Por fim, Tap (2016) traz como última característica a *estima* por si mesmo, o desenvolvimento de um valor pessoal positivo dentro de cada um. Vemos, nessa última, uma relação estreita com a questão da alteridade: o olhar desacreditado e descreditado do outro pode ferir minha identidade e, por isso, precisaríamos desenvolver essa autoestima. Fazemos aqui, assim como na característica anterior, uma ligação com a noção de uma “identidade gay”. Certamente, não existe uma única identidade gay, mas se pensarmos de uma forma reduzida, essa identidade foi historicamente marcada de modo negativo e inferiorizado (por noções de doença, promiscuidade, deslocamento de gênero). Nascermos em uma sociedade que traz sobre alguns indivíduos olhares já descreditados, ou seja, viemos numa cultura já de discriminação e que prevê comportamentos e identidades fixas (esse movimento para identidades fluidas é, como mencionamos, algo da modernidade). Portanto, a autoestima enquanto afirmação ou negação da identidade é um problema que pode

tomar dois caminhos: o de autoafirmação, de aceitação, de se “abraçar a causa”; ou o de uma negação da identidade previamente negatizada e um pareamento à identidade já bem vista e legitimada.

Podemos concordar, a partir da leitura de Kaufman (2012) e Tap (2016), que não existiria, portanto, uma identidade imutável, mas identidades múltiplas e mutantes. Além disso, que o tema precisa ser discutido, pois envolve questões sociais que estão representadas sobretudo nos discursos. De modo positivo, essa mudança no olhar sobre a identidade reinventa o sujeito, o faz pensar de modos diferentes, questionar seus hábitos, crenças e julgamentos. Em suma, o que ocorre, é, na verdade, uma bricolagem de identidades e de pensamentos para formarmos uma falsa unidade, que nada mais é do que uma percepção fragmentada.

Passada essa introdução, vejamos como alguns autores abordam a questão da identidade em diferentes domínios do conhecimento e quais seriam as relações com nosso *corpus*.

4.1 Identidade coletiva e identidade individual

As discussões sobre identidades são bastante recentes em Charaudeau. O autor considera principalmente as identidades coletivas e individuais, assim como as relações que se estabelecem.

A identidade é [...] um problema complexo, pois ela não é apenas um problema do indivíduo, mas também dos outros ou, mais exatamente, o *problema de si através do olhar dos outros*. (CHARAUDEAU, 2015, p. 15-16, grifos do autor)

O princípio da alteridade é muito presente em Charaudeau (2015) – o outro importa e é graças a ele que vou me constituir enquanto sujeito diferente. É por meio dele também que existe a tomada de consciência da própria existência, o que levará à prova de uma identidade.

A identidade coletiva não pode ser reduzida simplesmente à soma das identidades individuais. A coletiva pode, inclusive, “ocultar as particularidades individuais” e as opiniões de cada um (CHARAUDEAU, 2015, p. 15). A identidade de um homem gay, por exemplo, foi marcada em momentos da história por diversos

fatores negativos. Trataríamos, portanto, de uma identidade coletiva, que ignora particularidades e não considera vivências singulares. O sentido coletivo produzido em um momento socio-cultural é instável, como traz o autor, pois sobre ele incidem diversas influências de outros domínios. “[...] a ‘identidade’ não é nem uma realidade nem um programa, nem um passado nem um futuro, mas um *espaço de contestações* e de conflitos políticos e culturais.” (ERIBON, 2008, p. 96-97, grifos nossos)

Nesse espaço de contestações intervêm diversas vozes que tentam explicar, de certa maneira, comportamentos atípicos. A citar os discursos médico e psiquiátrico, que contribuíram fortemente para a patologização da homossexualidade, no geral, em um período em que apenas esses discursos eram os legitimados para tratar de “desvios”. O artigo de Westphal, de 1870, tratando das “sensações sexuais contrárias” é tido como um dos fundadores dessa caracterização médica, psiquiátrica e psicológica das “sexualidades periféricas”. O momento político crucial para essa visão inferiorizante foi, portanto, o século XIX, quando práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ganharam o estatuto de anormalidade (FOUCAULT, 1988, p. 48). Ainda, para Borges e Rocha-Coutinho (2015), é na tradição judaico-cristã que a heterossexualidade adquire mais fortemente o estatuto de superioridade e relega, portanto, a homossexualidade à margem (fora da Salvação).

Em Londres, na década de 1920, ser encontrado com um espelho no bolso poderia servir como indício de homossexualidade (TAMAGNE, 2013, p. 448). Foi preciso, gradativamente, regular e gerir autorrepresentações em um momento de repressão policial que viviam à época. A cultura *skinhead*, por exemplo, foi incorporada à subcultura gay para se “embaralharem as marcas”. Daí vemos a influência de outros movimentos como forma de mascarar possíveis negativas ou mais repressões.

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria classifica a homossexualidade como “problema sociopático de personalidade” e, em 1962, a enquadra na categoria de “outras desordens mentais não psicóticas” (TAMAGNE, 2002, p. 65). No Brasil, em 1988, a não inclusão de discriminação por orientação sexual na atual Constituição foi bastante comemorada pela bancada evangélica.

Essa proposta foi chamada, nessa época, de “emenda dos viados” (TREVISAN, 2007.)

Esses são apenas alguns momentos em que a identidade coletiva da homossexualidade, em termos gerais, foram tratadas por diversos aparelhos, como a polícia na repressão em Londres, os discursos médicos, psiquiátricos e psicológicos, e, por fim, o jurídico. Tratou-se, de fato, de um espaço de contestações políticas e culturais, advindas de instâncias plurais, em momentos sócio-culturais específicos, mas que hoje ainda segue. Por isso, para Charaudeau (2015) não existiria uma “identidade natural”:

Não existe identidade “natural” que nos seria imposta pela força das coisas. Não há senão estratégias identitárias, racionalmente conduzidas por atores identificáveis. Nós não estamos condenados a permanecer reféns desses sortilégios. (BAYARD, 1996 *apud* CHARAUDEAU, 2015, p. 17).

Portanto, é importante trazer à tona que essas estratégias identitárias conduzidas por esses atores são empregadas em diversos momentos do discurso. O sortilégio de que tratam os autores diz respeito à visão limitadora de uma identidade única, resultando em um impedimento à identidade plural dos indivíduos. É essa limitação que permite, inclusive, que alguns abusos sejam cometidos. Essas categorizações globalizantes, que desconsideram particularidades, tomam formas de pretexto para que casos de agressão ou violência sejam cometidos e justificados por impressões primeiras tidas, não raro por muitos, como inegáveis ou “naturais”.

Já as estratégias identitárias que traz Bayard são fundamentais para entendermos como os indivíduos que compõem o *corpus* dessa pesquisa lançam mão delas para “embaralhar as marcas” ou fugir de categorizações que consideram inferiorizantes e como estão relacionadas a esse momento do discurso especificamente. A maneira como esses indivíduos conduzem e gerem suas representações são estratégias para tornar evidentes tipos de identidades que julgam mais apreciáveis para o momento de busca de parceiros para encontros. Trata-se, sobretudo, de mascarar a identidade coletiva e, ao mesmo tempo, sublinhar uma identidade individual que pouco tem a ver com uma coletividade inferiorizada mas que, paradoxalmente, cria uma nova identidade coletiva de usuários de aplicativos. Em outras palavras: na tentativa de fugir à identidade coletiva historicamente inferiorizada, “cria-se” uma nova identidade “singular” que

conformou, momentaneamente, uma identidade coletiva marcada por vozes que hoje parecem importar mais – a de um afastamento e rechaço às feminilidades e uma sobrevalorização das masculinidades/virilidades, de forma resumida. Nesse campo de contestações, são outros conflitos culturais que entram em cena e são deles que trataremos em outros capítulos.

4.2 Identidade discursiva e identidade social

Retomando a ideia de estratégias identitárias, vamos tratar, novamente, de modos como o coletivo pode se inserir no individual. Dessa vez, Charaudeau (2009) aborda inserções do social no discursivo em algumas situações e que, sobretudo na análise, tentaremos trazer para nosso objeto de pesquisa.

A identidade social, para o autor, é a que circula nas representações. No texto *Identités sociales et discursives du sujet parlant*, Charaudeau traz o exemplo da identidade social de um pai e sua autoridade parental, que pode assumir diferentes características de acordo com o modo como esse sujeito falante combina “atributos de sua identidade social com este ou aquele traço que constroem seus atos linguageiros.”¹³ Ou seja, por meio de atos do discurso, ele irá construir ou afirmar sua identidade de pai “autoritário”, “compreensivo”, “indiferente”, entre tantas outras possíveis. (CHARAUDEAU, 2009, p. 02)

Pode parecer, à primeira vista, que a identidade social represente quase a totalidade da significação do discurso, mas isso não ocorre. O possível efeito de uma significação não é totalmente dado antecipadamente pela identidade social, do mesmo modo que o discurso não se limita apenas à linguagem: é preciso (re)conhecer aspectos da identidade social daquele que fala. Portanto, as duas identidades caminham juntas, são construídas em situações de comunicação diversas por sujeitos falantes mais ou menos conscientes de suas intencionalidades. A social é, em partes, determinada pela situação de comunicação, e a discursiva é construída pelo sujeito falante, está ancorada na situação de comunicação e parte de um sujeito que também deve mobilizar modos de projetar uma imagem de si por meio de estratégias de captação e de credibilidade, por exemplo (CHARAUDEAU,

¹³ Tradução nossa do francês para: “[...] des attributs de son identité sociale avec tel ou tel trait que construisent ses actes langagiers.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 02)

2009). Essas estratégias e as possíveis atitudes discursivas tomadas pelos sujeitos estudados estão abordadas na análise de dados.

Charaudeau confere grande importância também à situação de comunicação. Na Semiologia, sempre falamos da “*mise-en-scène* discursiva, “[...] lugar em que o sujeito procede à organização de seu discurso e constrói para si uma identidade mais ou menos ‘individuada’” (ALMEIDA, 2016, p. 183, itálicos do autor). Esse lugar se trata, nesse caso, não só do lugar social enquanto sujeito homossexual na nossa pesquisa, mas também da mídia digital em si. O lugar empírico não pode ser desconsiderado porque a organização do discurso desse sujeito vai influenciar sua construção identitária, seu modo como se representa e se projeta nessa situação.

É a situação de comunicação, em seu dispositivo, que determina de antemão [...] a identidade social das partes do ato da troca verbal e que, além disso, lhe confere instruções quanto à maneira de se comportar discursivamente, ou seja, define certos traços da identidade discursiva. (CHARAUDEAU, 2009, p. 06. grifos nossos)¹⁴

Essas instruções de que fala Charaudeau estarão demarcadas nas discursividades desses sujeitos nos traços que emprestam a suas identidades discursivas. Essa pré-determinação que a situação de comunicação prevê é visível no nosso *corpus* na medida em que é graças a ele que essas atitudes discursivas são possíveis. Talvez, em outros momentos da história, elas também tivessem existido, mas a viabilidade com que ocorre nessas modernas mídias digitais é um fator a ser ressaltado.

De qualquer forma, é impossível dizer quando a identidade social se sobrepõe à discursiva e, por essa razão, preferimos dizer, assim como Charaudeau (2009, p. 08) o faz, que somos portadores de “*traços identitários*” – não podemos determinar quando são predominantemente “psicossociais” ou “discursivos”. Assim, evitamos uma tendência a “essencialização”. Seríamos, assim, portadores de

¹⁴ Tradução nossa do francês para: “*C’est la situation de communication, en son dispositif, qui détermine par avance [...] l’identité sociale des partenaires de l’acte d’échange verbal, et qui, en outre, leur donne des instructions quant à la façon de se comporter discursivement, c’est-à-dire définit certains traits de l’identité discursive.*” (CHARAUDEAU, 2009, p. 06, grifos nossos)

máscaras (daí a escolha da epígrafe deste capítulo) que nunca cessam de ser mudadas por nós mesmos, numa sucessão de autoprojeções.

4.3 Identidades nos estudos pós-estruturalistas e pós-modernos

Conforme explicado no capítulo sobre Teoria Queer, os estudos pós-estruturalistas assim são nomeados porque trazem autores como Jacques Lacan, Jacques Derrida e Michel Foucault como base conceitual. O “pós-moderno” do subtítulo vem do caráter contemporâneo que esses estudos têm adquirido, como traz Louro (2004), principalmente se considerarmos também as considerações de Bauman e a modernidade líquida. Portanto, nessa parte, traremos Silva, Woodward e Hall (2010), além de Bauman (2005). Apesar de termos dedicado um capítulo apenas para esse último autor, consideramos importante focar como ele aborda a questão da identidade.

Para Woodward (2010, *In: SILVA, 2010, p. 10, grifos da autora*), “[...] a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social.” A respeito disso, Charaudeau (2009) traz, como mencionamos acima, que a identidade é um processo tanto social quanto discursivo. Além disso, as identidades adquirem sentido através da linguagem e de “sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2010 *In: SILVA, 2010, p. 08*). Ou, nas palavras de Charaudeau (2003, p. 16), “O discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, podendo, conforme seus fins, usar um ou vários códigos semiológicos”. Portanto, parece haver um consenso entre esses autores sobre o processo de construção de identidades – um híbrido em que a linguagem (compreendida também sistemas simbólicos ou códigos semiológicos) e o social estão sempre ligados.

Em relação ao essencialismo, Woodward (2010), assim como Charaudeau (2009), traz a discussão sobre a tensão entre perspectivas essencialistas e não-essencialistas nas identidades. No primeiro caso, elas seriam tratadas como um conjunto cristalino de características que todos os indivíduos de determinado grupo social deveriam compartilhar, e essas características seriam inalteráveis com o tempo. No segundo, o foco estaria, por sua vez, não no que lhes é comum, mas nas diferenças. Sem ignorar as características partilhadas, entraria em consideração ainda como elas foram sendo modificadas ao longo do tempo. Parece-nos, assim,

que estamos mais voltados nesse estudo para as características não-essencialistas. Afinal, não existe uma identidade gay, senão traços identitários que vão sendo mostrados em diferentes situações de comunicação e que vão emergir de forma estratégica e mais ou menos consciente nos discursos desses sujeitos. Afinal, “As identidades não são unificadas” (WOODWARD, 2010 *apud* SILVA, 2010, p. 14).

Toda essa discussão sobre identidades é algo da sociedade contemporânea ou de modernidade tardia. Trata-se de um período em que as velhas certezas são abandonadas e substituídas por novas formas de se posicionar. Da mesma forma, existe uma tendência de enxergarmos a identidade de modo mais fluido, um tornar-se, maneiras de se posicionar para evidenciar identidades escolhidas e reconstruir identidades históricas (WOODWARD, 2010).

Quando Charaudeau (2015) enfatiza a alteridade como sendo um dos princípios-chave da identidade, percebemos que, em Woodward (2010, *In*: SILVA, 2010, p. 39-40, grifos da autora), essa temática também é suscitada, mas de uma forma diferente. Para a autora, o foco está na *diferença*. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. [...] A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença.” Ora, a diferença está justamente no *outro* (alteridade) e, assim como o analista do discurso francês, ela concorda com o fato de que ele é necessário para que haja a diferença e, portanto, a existência de identidades outras. A construção de identidades dependeria, assim, que elas fossem formadas relativamente a outras.

Hall (2010, *apud* SILVA, 2010, p. 109), por sua vez, enfatiza a fragmentação das identidades, fugindo a uma concepção de unificação não característica da modernidade tardia. Além disso, para o autor, elas seriam construídos de formas múltiplas ao longo e dentro dos discursos, “[...] produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.” Por isso nos pareceu também de grande relevância não só entender os aplicativos na conjuntura, mas igualmente alguns momentos históricos que justificam, de certa forma, a adoção de alguns comportamentos e atitudes discursivas dos sujeitos estudados.

Assim como Charaudeau (2015), Silva (2010, p. 76, grifos nossos) acredita que as identidades sejam produtos de criação linguística, e, portanto “não são ‘elementos’ da natureza”, mas produtos “do mundo cultural e social. *Somos nós que*

as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.” Parece, portanto, haver um consenso de que, de fato, não existe identidade natural, porque elas são produtos sociais e culturais, construções fabricadas por nós mesmos em diferentes momentos. Além disso, não podemos desconsiderar a *relação social* que está compreendida na identidade. Essa relação está sujeita a “vetores de força” e a “relações de poder”. “[As identidades] não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias” (SILVA, 2010, p. 81). Assim, as formas de incluir ou excluir determinados sujeitos, classificar identidades como boas e desejáveis ou más e ruins partem de relações de poder – quem têm o poder de determinar as características positivas e negativas de determinados traços dita quais são os indivíduos e os comportamentos bem vistos e mal vistos.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. *Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. [...] A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. [...] É a sexualidade homossexual que é ‘sexualizada’, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.*” (SILVA, 2000, p. 83, grifos nossos)

Anteriormente, discutimos normas no capítulo sobre Teoria Queer e aqui elas novamente aparecem. A identidade normal é, no caso deste estudo, a heterossexual, da qual pouco se fala, pois sobre ela já incide a força homogeneizadora. Entretanto, é a partir dela que se fala das outras identidades, ela é o parâmetro a partir do qual serão feitas avaliações e hierarquizações. Assim, desvios à forma padrão, ou seja, à norma, serão julgados, farão parte da “diferença”, da “outra identidade”. A tendência a assemelhar-se ao padrão heterossexual (heteronormatividade) é consoante a esse movimento de volta à identidade que nem é identidade, tamanha é sua força – traços identitários heterossexuais são sublinhados para que prevaleçam frente aos homossexuais, como percebemos no *corpus*. Em outras palavras, parecer-se heterossexual é algo buscado pelos usuários na medida em que, dessa forma, fogem de uma categorização identitária “inferior” e reiteram, mais ou menos conscientemente, normas e padrões excludentes.

Em suma (e explicando o título deste capítulo), se clamamos cada vez mais por uma liberdade (*liberté*) de expressão, é graças a esses movimentos fluidos dos traços identitários, a essas atitudes discursivas e suas estratégias de inúmeras possibilidades, à dupla inserção do individual no coletivo, enfim, a todos os jogos e margens que estão à disposição para pôr-mos em evidência aquilo que desejamos de acordo com as diferentes situações de comunicação a que somos expostos. Ainda, se buscamos também uma igualdade (*égalité*) de tratamento, não será por meio da repetição de normas e padrões que iremos consegui-las, senão por autoafirmações positivas de si e por lutas contra imposições. Esse seria um caminho possível para a busca de *traços identitários* cada vez mais múltiplos e, por que não, aceitos, respeitados e compreendidos na complexidade das significações.

É importante, agora, entendermos o que são esses aplicativos, como e por quem foram criados e baseados em quais necessidades. Apesar de já termos adiantado algumas informações sobre eles, este é o momento de aprofundarmos não só em cada um das três mídias digitais estudadas, mas também nas formas como foram analisadas.

5. Métodos utilizados para análise de perfis em mídias digitais

“O Snapchat só queria saber de exibicionismo. Em poucos segundos de papo já estava mostrando as partes íntimas. Mas não queria nada além – quem queria era o Grindr, que em dois segundos de papo já carregava o interlocutor pro quarto escuro.”

Gregório Duvivier (em *Caviar é uma ova*)

Para analisar os dados, utilizamos a Análise do discurso (AD) de vertente francesa, baseando-nos sobretudo no texto escrito e na imagem. Relacionamos, ainda, a AD a alguns conceitos trabalhados na Sociologia e na Teoria Queer, como a questão da construção de identidades relacionando-as aos papéis sexuais, às noções de discrição, efeminação e versatilidade trabalhadas pelo autores Green (2000), Eribon (2008), Miskolci (2009, 2012, 2014) e presentes nos discursos dos usuários dos aplicativos estudados. Para a questão de identidades, utilizamos sobretudo Louro (2010) e Bauman (2010) e, para tratar das imagens, Mendes (2012).

Escolhemos ainda a Semiolinguística de Charaudeau (1984) para entender a viabilidade da aplicação do seu Quadro de Comunicação no gênero aplicativo. Ainda, em quais pontos sua teoria é contemporânea se pensarmos em um suporte tão novo e em um meio diferente de se comunicar com o outro.

Feita a coleta, passaremos a identificar como os usuários constroem suas imagens nos aplicativos considerando a conjuntura, as questões da homossexualidade na modernidade, a relação com a história da sexualidade e o que tem mudado nas relações iniciadas virtualmente por intermédio da tecnologia no sentido da comunicação. Consideramos importante ressaltar que esses aplicativos estão disponíveis, de forma gratuita, para qualquer pessoa que possua um *smartphone* utilizando os sistemas operacionais iOS, Android ou BlackBerry.

5.1 Apresentação do *corpus* – abrindo os aplicativos

5.1.1 Abrindo o *Grindr*

O aplicativo *Grindr* foi lançado em 2009 e hoje é considerado a rede social – exclusiva para homens gays e baseada na localização do usuário – mais popular entre eles (são mais de 5 milhões em 192 países)¹⁵. O objetivo final de usá-lo é “desligar o Grindr e se encontrar com o cara com quem você estava conversando. Estar a 0 pés de distância é a nossa missão para ti”¹⁶.

O criador do aplicativo, Joel Simkhai, disse, em entrevista ao portal iGay, que o sucesso do aplicativo se deu principalmente pela facilidade de se conhecerem homens gays para diferentes propósitos. “Um gay quer conhecer outros gays, seja para amizade, para namoro ou encontros casuais”¹⁷. Frente aos concorrentes, o Grindr se diferencia por estar no mercado há mais tempo e, por isso, possuir mais perfis cadastrados e ativos. Assim, segundo o fundador, a probabilidade de haver alguém mais perto do usuário é maior, o que o deixa ainda mais atrativo.



Figura 1: Logomarca do *Grindr*.

Fonte: Disponível em: <http://www.metroweekly.com/wp-content/uploads/2015/09/Grindr-logo.jpg>. Acesso em: 1 dez. 2016.

Em relação ao nome e à logomarca escolhidos para o aplicativo, Simkhai afirma, em entrevista ao site DailyXtra¹⁸, que Grindr vem de *coffee grinder* (moedor de café), e justifica que a ideia é misturar as pessoas usando uma logo que remete a algo bruto, masculino. O próprio som da palavra é, para ele, bastante masculino,

¹⁵ Dados obtidos no site da empresa: <http://grindr.com/learn-more>. Acesso em: 11 mar. 2015.

¹⁶ Tradução nossa do inglês para: “Turning Grindr off and being there in-person with that guy you were chatting with is the final goal of using the app. Being 0 feet away is our mission for you.”

¹⁷ Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>. Acesso em: 03 jun. 2015.

¹⁸ Disponível em: <http://www.dailyxtra.com/canada/news-and-ideas/news/twenty-questions-grindr-creator-joel-simkhai-51750>. Acesso em: 07 jul. 2015.

algo que não é necessariamente gay. A máscara em cor preta que aparece em fundo amarelo, símbolo do Grindr, veio de artes tribais primitivas da África e da Polinésia, o que remeteria, nas palavras do idealizador do aplicativo, ao básico, às necessidades primitivas, sendo a socialização a base da humanidade.

Nascido em Tel Aviv e radicado em Nova Iorque, Joel é formado em Relações Econômicas Internacionais pela Universidade de Tufts e passou o início de sua carreira trabalhando na área de jornalismo e finanças em uma empresa iniciante na região de Manhattan. Apesar de sua vida profissional estar bem sucedida, o criador do *Grindr* estava, à época, frustrado com o quão difícil era encontrar parceiros *online*. Segundo ele, as opções eram limitadas e o processo, frustrante. Foi com essa motivação que, em 2009, pensando que deveria haver uma maneira de facilitar esse processo, começou a fundar sua empresa em Los Angeles.¹⁹

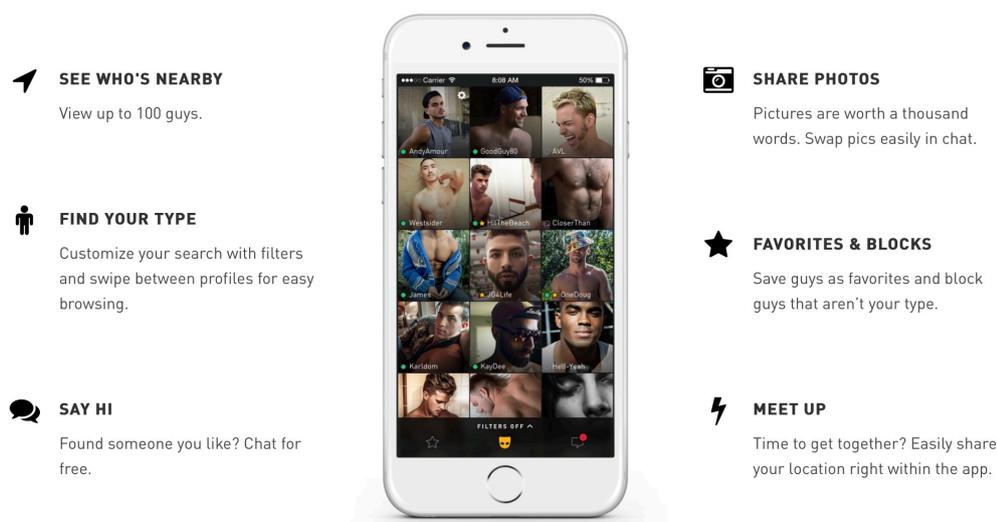


Figura 2: Características do *Grindr*.

Fonte: Disponível em: <http://www.grindr.com/download-grindr/>. Acesso em: 1 dez. 2016.

Na Figura 2, trazemos algumas instruções retiradas do próprio site da empresa. Traduzindo os termos na ordem de cima para abaixo e começando pelos da esquerda – “Veja quem está perto: visualize até 100 caras”; “Encontre seu tipo: customize sua busca com filtros e deslize entre perfis para uma navegação fácil”; “Diga oi: encontrou alguém que você gosta? Converse de graça”; Compartilhe fotos: imagens valem mais do que palavras. Troque fotos facilmente no chat”, “Favoritos &

¹⁹ Informações disponíveis no portal Fortune: <http://fortune.com/2014/08/12/10-questions-joel-simkhai-founder-and-ceo-grindr/>. Acesso em: 03 jun. 2015.

Bloqueados: salve caras como favoritos e bloqueie aqueles que não são seu tipo”;
“Encontre: hora de ficar juntos? Compartilhe facilmente sua localização diretamente no aplicativo.”

Na mesma figura, na parte central, é possível ver como os usuários aparecem assim que o aplicativo é aberto. A ordem de proximidade vai do superior esquerdo para o inferior direito. Ao tocar a foto de perfil de um usuário, por exemplo, abre-se uma nova tela com as informações sobre ele, como altura, peso, etnia, situação amorosa, idade, tipo físico, do que está em busca (as opções são: chat, encontros, amigos, contatos, “right now²⁰”, relacionamentos) e tribos (opções: urso, coroa, discreto, nerd, esportista, couro, soropositivo, trans, novinho, rústico, depilado, lontra²¹). Como exemplo, trazemos um perfil fictício:



Figura 3: Um perfil no *Grindr*.

Fonte: Disponível em: <http://phandroid.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2014/07/grindr.png>.
Acesso em: 1 dez. 2016. Alterações feitas pelos autores.

²⁰ Refere-se ao encontro ou sexo naquele exato momento ou muito em breve. É a opção mais imediatista, digamos.

²¹ Refere-se a um homem magro e peludo.

Na figura 3, vemos os espaços reservados para o nome ou apelido (*nickname*), a foto de perfil em miniatura, a descrição logo ao lado da foto de perfil, onde geralmente constam detalhes sobre si e o que se busca, a idade (*28yrs*), altura (*6'2"*), peso (*178lbs*), do que está em busca (*dates, friends, networking*), a etnia (*black*), tipo físico (*muscular*), situação amorosa (*single*) e tribos (*clean-cut, geek, jock*). Temos ainda uma segunda descrição “sobre mim” (*about me*, no original em inglês), onde existe um espaço maior para escrever sobre características pessoais, preferências, entre outras. Nossa análise se baseou nas duas descrições, pois ambas são livres. Os campos de idade, altura, etc., que estão ao meio, são pré-definidos, ou seja, o usuário deve escolher entre medidas ou características pré-estabelecidas pelo próprio aplicativo. Ao final da figura, ainda vemos a que distância esse usuário está (*240 feet away*) e quanto tempo isso equivale caminhado (*2 minute away*).

A primeira descrição é a que no aplicativo se encontra como “ask him what he’s up to”, o que seria, em tradução livre, “pergunte o que ele anda fazendo”²² ou “o que ele tem feito”. A segunda, “sobre mim”, consta no aplicativo como “ask him to tell you more about himself”, ou “peça a ele que te diga mais sobre si”. Trata-se de outro campo reservado à descrição sobre si que também foi objeto de análise.

Disponível para iPhone, iPad, iPod touch, Blackberry e dispositivos Android, possui sua versão gratuita e a Xtra que, na App Store, tem o custo de U\$ 0,99 e na Google Play, U\$ 3,99 no pacote anual. O Brasil é oitavo país no mundo com maior número de usuários do aplicativo, sendo nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro onde são mais populares.

5.1.2 Abrindo o *Hornet*

O *Hornet* é um aplicativo que possibilita ao usuário entrar em contato com mais de quatro milhões de homens no mundo todo por meio de um *smartphone*. Lançado em outubro de 2011, mostra, primeiramente, os que estão mais próximos, mas, com a ferramenta “explorar”, é possível encontrar usuários em outras

²² No Anexo 1 desta pesquisa, trazemos “pergunte o que ele anda fazendo” nos quadros de perfis do *Grindr*.

localidades. É um modo “divertido e fácil para que homens gays, bissexuais e curiosos se encontrem”²³. Está disponível gratuitamente para download na Google Play e na App Store²⁴.

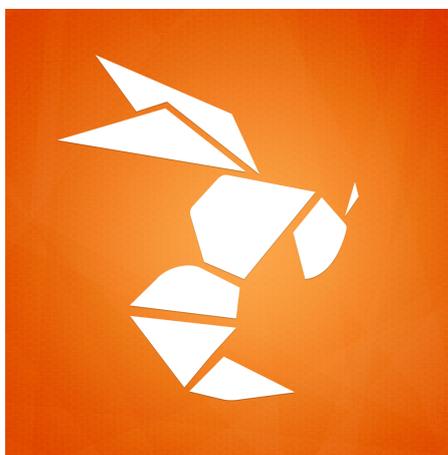


Figura 4: Logomarca do *Hornet*.

Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-AS-KZU2fZ6w/VUZ8xaQfhYI/AAAAAAAAABII/sZGZ9Q8V3EU/s1600/hornet.png>. Acesso em: 1 dez. 2016.

Não encontramos nenhum significado específico dado pelo fundador do aplicativo ao nome *Hornet*. No entanto, podemos inferir que a palavra escolhida remete-nos imediatamente a *horny*, que em inglês significa excitado. O logotipo do aplicativo traz a imagem de uma vespa (*hornet*), animal que pode viajar longas distâncias com sua presa. A relação que podemos fazer aí é o fato de o Hornet permitir que um usuário veja outros em qualquer lugar do mundo. Em outras palavras, ele também pode viajar longas distâncias e encontrar sua “presa”.

Sean Howell, CEO e co-fundador da empresa Hornet, em entrevista ao portal QNotes²⁵, afirma que o diferencial do aplicativo é a possibilidade de se ver, além de simples fotos dos troncos dos usuários, outros ângulos nos perfis. Era uma reclamação recorrente dos adeptos aos outros aplicativos, como o Grindr, o mais tradicional. De fato, é possível, em um mesmo perfil, na versão gratuita, salvar 4 fotos públicas e 4 privadas. As públicas podem ser vistas por qualquer pessoa que

²³ Tradução nossa do inglês para: “Hornet makes it fun and easy for gay, bi, and curious guys to meet each other”

²⁴ Informação disponível em: <http://gthrnt.com>. Acesso em: 11 mar. 2015.

²⁵ Disponível em: <http://goqnotes.com/22471/hornet-new-mobile-gay-dating-app-is-unlike-others/>. Acesso em: 03 jun. 2015.

acessar o aplicativo por meio de um *smartphone*. Para ter acesso às privadas de algum usuário, é necessário solicitar-lhe o desbloqueio. Na versão paga, o membro premium pode ver quem visitou seu perfil, adicionar fotos ilimitadas à galeria de fotos, ver a galeria de fotos premium de outro usuário, navegar em modo invisível, deixar de ver anúncios publicitários no aplicativo e ativar mais filtros. O custo desse serviço para os *gadgets* que rodam com o sistema iOS, ou seja, iPhone, iPod e iPad, é de U\$ 21,99 no plano trimestral, U\$ 7,99 no plano mensal e U\$ 59,99 no anual.

Para Howell, as pessoas possuem outras motivações não sexuais para também usarem o aplicativo, como ocorre com viajantes e novos habitantes de uma cidade, por exemplo. Afirma, ainda, que

as pessoas não nos usam [referência ao aplicativo] apenas para encontros, estão nos usando para criar um *networking* de negócios, arrumar um emprego, explorar uma mudança, planejar suas viagens – isso é possível nos outros (aplicativos como o Grindr), mas eu diria que assim você estaria quebrando o clima de alguém de repente ao perguntar qual seria o melhor lugar para tomar um sorvete na Filadélfia ou seu lugar favorito para ficar em visita à Nova Iorque.²⁶

É hoje descrito pela comunidade gay, em geral, como o que o *Grindr* não conseguiu ser e, por esse motivo, muitas características deste foram importadas para o Hornet. Além das mencionadas, o aplicativo permite ao usuário fazer uma descrição pessoal em 128 caracteres – que será o foco desta pesquisa, aliando o verbal ao icônico –, apontar idade, peso, altura, raça, relação (solteiro, casado, em relação aberta ou “complicado”), o que busca, se é HIV positivo ou negativo e se está se medicando com PrEP²⁷.

²⁶ Tradução nossa do inglês para: “people don’t just use us for dating, they’re using us for business networking, to get a job, to explore moving, to plan their vacations—that’s possible on the others (apps such as Grindr) but I’d argue you’d be interrupting someone’s mood to all the sudden ask them what’s the best place for ice cream in Philadelphia or their favorite place to stay when visiting NYC.” Disponível em: <http://goqnotes.com/22471/hornet-new-mobile-gay-dating-app-is-unlike-others/>. Acesso em: 03 jun. 2015.

²⁷ “A profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP), é uma estratégia de prevenção que envolve a utilização diária de um medicamento antirretroviral (ARV), por pessoas não infectadas, para reduzir o risco de aquisição do HIV através de relações sexuais.” Disponível em: <http://prepbrasil.com.br/pesquisa-prep-brasil/>. Acesso em: 25 abr. 2016.



Figura 5: Visão geral dos usuários do *Hornet*.

Fonte: Disponível em: <http://love.hornetapp.com>. Acesso em: 1 dez. 2016.

Na Figura 5, vemos a disposição dos usuários no aplicativo. Percebemos uma grande semelhança com o *Grindr*, mas o diferencial está na possibilidade de explorar outras localidades com a ferramenta “explorar”, além dos álbuns públicos e privados. A questão da proximidade segue os mesmos padrões do *Grindr*: quanto mais à esquerda e superior na tela, mais próximos estão os usuários mostrados. Tocando sobre a foto de um dos usuários, teríamos o seguinte perfil (fictício):



Figura 6: Um perfil no *Hornet*.

Fonte: Site da empresa. Disponível em: <http://love.hornetapp.com>. Acesso em: 1 dez. 2016.

Seth Ryan é o nome ou apelido do usuário em questão. 26 é sua idade e 1.31 mi é a distância a que ele se encontra. Abaixo, segue sua descrição, começando em “New guy” e terminando em “San Francisco”. Abaixo da linha, é possível ver: sua etnia (*White*), altura (*6'1"*) e peso (*128lbs*). Esse usuário está procurando (“*looking for*”: chat, encontros e relacionamentos (*Chat, Dates, Relationship*)). Seu estado amoroso é solteiro (*single*) e seu estado para o vírus HIV é negativo (*negative*). É importante notar que, no canto superior direito, há uma fileira de bolinhas. Elas representam as fotos públicas que esse usuário disponibilizou. O símbolo de cadeado, no final da fileira, representa as fotos privadas que ele possui. Para ter acesso a elas, é preciso pedir a ele que realize um desbloqueio. O diferencial desse aplicativo está justamente no fato de ele possibilitar essa diversidade de fotos, o que o *Grindr* não oferece.

5.1.3 Abrindo o *Scruff*

O *Scruff* é o mais recente de todos analisados – chegou ao Brasil em novembro de 2013, mas foi lançado nos Estados Unidos em 2010. Johnny Skandros

e Jason Marchant, criadores do aplicativo, viram no Brasil uma ótima oportunidade de *marketing* para lançar o aplicativo em uma ocasião em que o país ganhava grande visibilidade no cenário internacional com a Copa Mundial de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). Em entrevista à revista Exame²⁸, Marchant esclareceu que a diferencial do *Scruff* é a possibilidade de o usuário encontrar pessoas de diferentes nichos, como “coroas” e “universitários”, além de ser pioneiro na utilização da opção “transgênero” e “militar”. Por esse motivo, é conhecido na comunidade gay masculina como o aplicativo mais fetichista, que possibilita o encontro entre pessoas de categorias específicas.

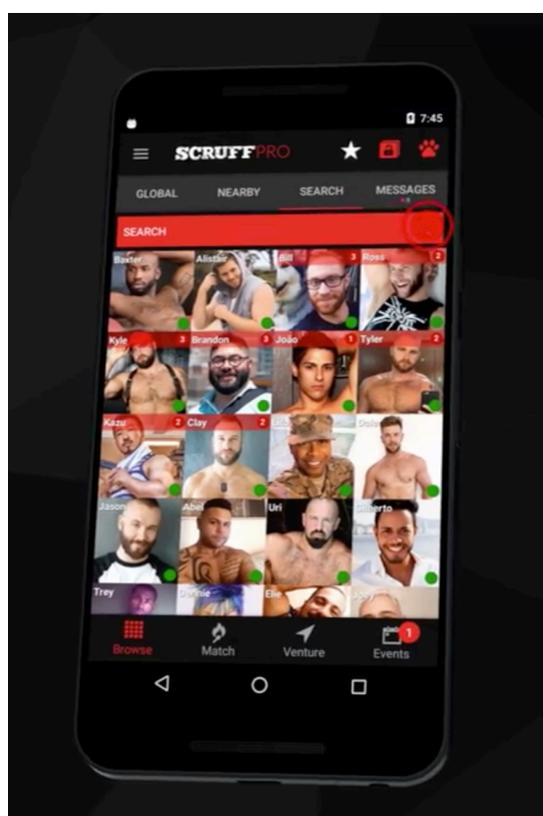


Figura 7: Visão geral dos usuários do *Scruff*.

Fonte: Captura de tela realizada no site da empresa. Disponível em: www.scruff.com/pt. Acesso em: 1 dez. 2016.

Além disso, nele é possível visualizar usuários do mundo todo – é a opção “global” do aplicativo, que mostra randomicamente perfis de vários lugares (na Figura 7, é possível ver essa opção no canto superior esquerdo da imagem). Existe, ainda, a opção “perto”, que mostra os perfis que estão mais próximos ao do usuário

²⁸ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/scruff-app-de-paquera-para-o-publico-gay-chega-ao-brasil>. Acesso em: 02 jun. 2015.

no momento em que abre o aplicativo, “favoritos”, que possibilita acompanhar a distância dos perfis selecionados como os mais desejados pelo usuário, e “mensagens”, onde é possível ler as conversas entre os usuários. Outra característica bastante peculiar do Scruff é a opção de mandar um “woof” – um indício de que um usuário gostou do perfil de outro usuário e que estaria interessado nele (o símbolo do *woof* é uma pata. Na figura 7, encontra-se no canto superior direito, em vermelho). Esse costuma ser um bom propósito para se iniciar uma conversa.

Ao criar um perfil, o usuário irá se deparar com alguns campos que pode ou não preencher, como: *Sou*, *Gosto de*, *Estou aberto a*, *O que faço*, *O que procuro*, *Meus interesses* e *Onde moro*. Para esta pesquisa, escolhemos analisar os campos *O que faço*, *O que procuro* e *Meus interesses*, pois são os que permitem a digitação livre de textos, onde é possível se expressar com suas palavras. Os demais estão baseados em opções pré-determinadas pelo aplicativo e não seriam tão interessantes para nossa análise. De qualquer modo, para exemplificar, trazemos as opções pré-determinadas dos campos. Em *Sou*: rapaz comum, universitário, nerd, atleta, caçador, queer, novinho, militar, sarado, discreto, bissexual, urso²⁹, gordinho, trans, drag, HIV+, couro, coroa. É possível escolher apenas 5 comunidades dentre as listadas. Em *Gosto de*: ursos, rapazes comuns, atletas, nerds, rapazes sarados, coroas, caçadores, rapazes militares, rapazes couro, novinhos, gordinhos, rapazes queer³⁰, rapazes HIV+, rapazes discretos, rapazes universitários, rapazes bissexuais, rapazes trans, rapazes drag. Em *Estou aberto a*: amizades, relacionamentos, sexo casual, encontros, apenas papo, contatos. O último campo, *onde moro*, também é livre, mas não o escolhemos para análise por se tratarem de usuários apenas de Belo Horizonte.

²⁹ O nome viria “do hábito que alguns homens tinham adquirido de levar num bolso de sua camisa um urso de pelúcia, de maneira a significar que eles não só procuravam sexo, mas também afeição”. (TAMAGNE, 2013, p. 449)

³⁰ A noção de queer pode ser muito diversa, mas a que mais se encaixa para esse contexto, acreditamos, é a de que reconhecer as diversas identidades fora dos binarismos de gênero da cultura hegemônica. Além disso, representa um ato político de contentamento sobre o que é considerado “normal”, de visão crítica sobre normas e padrões. Finalmente, é também aceitar que todos podem se expressar e se representar de formas variadas e por isso não devem ser desqualificados, julgados ou odiados por desviarem da norma.



Figura 8: Logomarca do *Scruff*.

Fonte: Página da empresa no Facebook. Disponível em: www.facebook.com/SCRUFF. Acesso em: 1 dez. 2016.

Segundo Johnny Skandros, o nome *Scruff* veio de um episódio que ocorreu com ele em um encontro. Nas palavras do CEO, em entrevista ao *Daily Trojan*³¹: “Eu estava em um bar e tocando o rosto de um cara e pensei ‘Uau, o rosto desse cara é bem sujo.’”³².

É importante notar como a ideia de sujeira (*scruffy*) aparece como motivadora para nomear esse aplicativo. Segundo Douglas (1966 *apud* SILVA, 2000, p. 47, grifos nossos) “nossas concepções sobre ‘sujeira’ são ‘compostas de duas coisas: cuidado com a higiene e respeito pelas convenções’”. Ela [Douglas] argumenta que a sujeira ofende a ordem, mas que não existe nada que se possa chamar de sujeira absoluta. “A sujeira é ‘matéria fora do lugar’. [...] Assim, as categorias do limpo e do não-limpo, [...], são produtos de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação da ordem.” Desse modo, a ideia para nomear um aplicativo teria surgido de um evento em que a percepção de uma sujeira, algo fora da convenção, fora do que se podia esperar para a situação em que Skandros se encontrava, foi transportada para se criar uma mídia digital onde outras pessoas “sujas” também se encontrariam. Em outras palavras, o “fora do lugar” foi enquadrado em um lugar – virtual, sim, mas que existe..

³¹ Daily Trojan é o jornal acadêmico da University of Southern California, onde Johnny cursou produção de filmes, mas também fez aulas de administração, contabilidade, marketing e empreendedorismo.

³² No original, em inglês: “I was at a bar and touching this guy’s face, and I thought, ‘Wow, this guy’s face is really scruffy’”. Disponível em: <http://dailytrojan.com/2014/03/02/gay-dating-app-goes-global/>. Acesso em: 07 jul 2015.

Para Skandros, a inspiração para criar outro aplicativo veio do fato de que os outros não haviam sido feitos para todos. Outro momento que impulsionou a ideia do *Scruff* foi uma aula em particular que cursou na graduação com a temática do cinema gay e lésbico, onde viu como gênero, sexualidade e etnicidade eram representados na mídia e na sociedade. Futuramente, ele pretende criar uma versão website para o Scruff. Enquanto isso, a empresa tem-se colocado presente na mídia estadunidense, onde ganhou bastante visibilidade sobretudo na série americana *RuPaul's Drag Race*³³.

Atualmente, o Scruff conta inclusive com um escritório no Brasil, país onde possui o segundo maior número de adeptos ao aplicativo (perde apenas para os Estados Unidos). As cidades em que ele é mais popular são: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Disponível na App Store e na Google Play, é gratuito, mas possui a versão Pro com o custo de U\$ 8,33 ao mês, no plano anual, para dispositivos iOs e de U\$ 3,99 ao mês, no plano anual, para dispositivos Android.

5.2 Seleção do *corpus*

A escolha do corpus foi feita com base nos objetivos que pontuamos na pesquisa, como investigar como apareciam as noções de efeminação e discrição nos aplicativos, dialogando com a História da Sexualidade de Foucault (1980) e da homossexualidade em Dider (2008) e Green (2000), por exemplo, o perfil do homem gay versátil e as relações com os papéis sexuais, utilizando sobretudo Miskolci (2012; 2014; 2015), a relação da imagem de perfil com a descrição do usuário, além da aplicabilidade do quadro de comunicação de Charaudeau (1984) na gênero aplicativo, considerando que as práticas sociais são “componente importante para a constituição de convenções de comportamentos languageiros”, sem as quais “difícilmente se viabilizariam a encenação e a própria comunicação humana, na perspectiva da Teoria Semiolinguística” (PESSOA, 2015, p. 87). Para tanto, realizamos a coleta de dados em três momentos: a primeira em abril, a segunda em julho e a terceira em outubro de 2015, havendo então um intervalo de 2 meses entre uma e outra. Tratamos aqui de capturas de tela ou *print screens*, fotos que tiramos

³³ Trata-se do primeiro e mais famoso programa televisivo estadunidense de *drag queens*. Atualmente encontra-se na oitava temporada, que é transmitida pelo canal Logo TV.

do que está sendo exibido no *smartphone*. A análise foi embasada na descrição do perfil, assim como na foto a que ele estava associado. Os aplicativos baixados foram: *Grindr*, *Hornet* e *Scruff*.

Seguimos para a análise dos dados coletados. Os leitores e as leitoras notarão que as categorias criadas possuem relação direta com o que foi apresentado na parte teórica. Buscamos aliar teoria e prática, discurso e prática social, o científico e o “empírico”, de modo a evidenciar como os sujeitos estudados estavam imbuídos de normas, considerações e conceitos, de forma mais ou menos consciente, sobretudo excludentes, orientadas para uma hierarquização de gêneros e por comportamentos constantemente geridos para um apagamento de características historicamente “negativas” e um enaltecimento de outras “positivas”.

6. Análise de dados

“GAY

Gay é composto por: baladas “tunts tunts”; drinks coloridos ; playlist de divas pop; aplicativos de pegação roupas de marca e acessórios extravagantes (principalmente óculos de sol). Gay pode ser classificado em passivo (mais comum), ativo (mais raro) e versátil (corriqueiramente usado para camuflar a condição de passivo). Também pode conter cloridrato de discricção e óxido de fora do meio. Quando exposto a público, pode apresentar complexo de arrancar a camisa. Atenção, este produto deve ser consumido dentro do prazo de 25 anos. Após esse período, sofre com síndrome de cacurice e pode começar a sugar a vida dos mais jovens.”

(Texto de um folheto encontrado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em novembro de 2016)

6.1 As categorias

Com a finalidade de tornar mais clara a análise, escolhemos realizar algumas referências para o material coletado no *corpus*. Portanto, para cada captura de tela, nomeamos um arquivo de sorte que: “G” representa as capturas de tela do aplicativo *Grindr*, “H” as do *Hornet* e “S” as do *Scruff*. Como se tratou de três momentos distintos de coleta, abreviamos os meses em que elas ocorreram: “Abr” para abril, “Jul” para julho e “Out” para outubro, nos três aplicativos. Por fim, inserimos um número para cada usuário, sendo que, quando havia mais de uma captura de tela do mesmo usuário, inserimos ainda um outro número seguido de um ponto. Como exemplo, temos:

SJul1: trata-se de uma captura de tela no aplicativo Scruff, no mês de julho de 2015, sendo a primeira captura desse usuário.

SJul1-1: trata-se de uma captura de tela no aplicativo Scruff, no mês de julho de 2015, sendo essa a segunda captura do mesmo usuário.

Desse modo, ao discorrermos sobre algo, podemos utilizar essa referência para que o leitor e a leitora identificassem o exemplificado em uma das capturas.

Alguns dos temas mais recorrentes nas descrições de perfis analisadas foram separadas e suas ocorrências, analisadas. Listamos, então, essas categorias e marcamos com um “xis” (x) quais deles cada usuário abordava em seu discurso. As categorias escolhidas foram: efeminação, discrição, versatilidade, virilidade, papel sexual, atividades físicas e ocupações, todas consoantes com os objetivos dessa pesquisa e com as teorias nela abordadas.

6.1.1 Efeminação

Em *efeminação*, marcamos aqueles usuários que traziam em suas descrições considerações sobre possuir ou não traços de feminilidades. Predominantemente, trataram-se de rechaças a traços de feminilidades no comportamento “masculino” que, para a maioria, deveria ser viril, o mais próximo do de homem heterossexual.

A efeminação foi, e ainda é, por vezes, tida como sinônimo de homossexualidade. Grande parte da população brasileira, de acordo com os estudos de Green (2000) no país, ainda está presa no sistema binário de categorias de gênero heterossexualmente orientadas, no qual, obrigatoriamente, sempre existe um homem e uma mulher, mesmo na relação homoerótica. Portanto, sempre haverá alguém que desempenhará um papel de mulher e a esse alguém lhe são imputados os caracteres de efeminação.

Como já pudemos constatar nos Estudos Queer, o lugar do feminino tem sido debatido e por ele têm lutado diversos teóricos, militantes e simpatizantes da teoria. No decorrer da história, a mulher lutou para conquistar um espaço na sociedade: primeiramente pela extensão do direito de voto, durante o que se denominou a primeira onda dos movimentos feministas (LOURO, 2010) e, depois, na segunda onda (final da década de 1960), além das preocupações sociais e políticas, por uma discussão teórica sobre gêneros.

A forma como as características “femininas” e “masculinas” são representadas e valorizadas é que determinaram – e determinam – os comportamentos, papéis, agências “ideais” que homens e mulheres devem assumir. Nesse contexto, tivemos mulheres sem poderes para agir em espaços públicos, espaços de tomadas de decisão, agentes apenas na arena da casa e das relações pessoais; enquanto

homens estavam como agentes, empoderados e pertencentes aos espaços públicos do comércio, da produção e das políticas. (WOODWARD *apud* SILVA, 2000)

Assim, a adesão de um comportamento efeminado para um homem é a negação do direito que ele historicamente adquiriu de ser um agente. É a assunção de uma submissão que se faz presente no domínio social e *sexual*, resultando numa abjeção àquele que adota atitudes não masculinizadas. Por fim, é o repúdio a tudo aquilo que não é normatizado, à fuga ao “normal”, à exposição de um grupo de pessoas que não deseja ser exposta por ter sofrido com o estigma, mas que também não pretende lutar por essa desconstrução. São esses usuários que repudiam a efeminação que proclamam, indiretamente, por um enaltecimento da hierarquia de gêneros e se esforçam para mantê-la vigente.

Como exemplo, nas capturas de tela encontramos as seguintes expressões: “não procuro sexo, nem pessoas afeminadas” (GAbr6), “curto HOMENS” (GAbr1), “não curto afeminado de forma alguma” (HJul7).

6.1.2 Discrição

Em *discrição*, encontramos notas sobre não ser assumido acompanhado de axiológicos positivos, não possuir trejeitos “femininos”, não parecer gay, entre outros. O não pertencimento ou a recusa à fixação a uma identidade notoriamente gay também está relacionada a algo espacial (o “meio”, “sigilo”) e comportamental (“discreto”). Em outras palavras, para ser discreto, é necessário não pertencer ao “meio”, ou seja, não frequentar locais conhecidamente frequentados por públicos LGBTs, e não revelar trejeitos tidos como gays para manter um comportamento tido como discreto.

Não podemos negar que o histórico de opressões em relação às homossexualidade foi bastante severo. A manifestação de qualquer indício de desvio da “norma” era motivo para repressões, sociais e por vezes militares, em alguns contextos, e tudo isso deixou uma memória discursiva negativa àqueles que viram ou ouviram casos de interferência na liberdade de expressão. Parece-nos, contudo, que esse temor ainda não perdeu suas forças. Reconhecemos que a sociedade de hoje não é exatamente a mesma dessas épocas mais repressivas; não negamos, porém, que ainda não exista repressão. Talvez não nas mesmas medidas e nas mesmas proporções, mas, sim, ela existe. De acordo com o relatório divulgado pela

Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Ministério das Mulheres, da Igualdade Social e dos Direitos Humanos do Governo Federal, publicado em 26 de fevereiro de 2016, pelo menos cinco casos de violência homofóbica são registrados no Brasil a cada dia. No documento oficial, é reconhecido que esse número deve ser muito maior, pois essa contabilização é feita apenas a partir dos casos realmente denunciados.³⁴

De qualquer modo, para Eribon (2008, p. 85), a discrição é, na maioria das vezes, “apenas outra maneira de preconceitar a dissimulação, encarnada como o meio mais simples de se subtrair à força dos poderes alienantes e à violência do estigma.” Além disso, para o autor, a exigência pessoal de uma discrição estaria muito mais ligada à internalização de um estigma já marcado por essas forças opressoras da ordem sexual dominante do que à presença efetiva de políticas de repúdio à ordem social não normatizada, nesse caso, às homossexualidades.

Acreditamos que exista aí uma junção desses dois fatores – a violência face aos homossexuais ainda persiste e o relatório supracitado confirma essa triste realidade. Reconhecemos, também, que muitas pessoas preconceitam a adoção de um comportamento discreto pelo próprio repúdio às feminilidades e, talvez, de modo mais ou menos consciente, pela internalização da norma hegemônica sexual que fixa modos-padrão do que é masculino e o que é feminino. Ou seja, não há como afirmar categoricamente em quais momentos um fenômeno ou outro ocorre. O que é inegável é que a recusa à aceitação de homens gays que adotam comportamentos com traços de feminilidades gera uma exclusão dentro de um grupo já minorizado, o que, ao nosso ver, não é positivo, independente da razão por que ela foi gerada.

Na obra de Borhan (2007), *Hommes pour hommes*, percebemos como o percurso da fotografia homoerótica na história influenciou – e influencia – as representações do corpo masculino. As fotografias do período por onde o autor inicia sua análise – final do séc. XIX e início do séc. XX – revelam como o ideal de discrição já era vigente. Existe uma *sugestão* de homossexualidade – mãos nos joelhos do outro, nos ombros, braços por vezes entrecruzados, uma troca de olhares, contatos sobretudo singelos. Paira certamente um ar de dúvida: tratar-se-ia de um companheirismo, de uma simples afeição, de uma aliança ideológica, de

³⁴ Informações disponíveis em: http://www.brasilpost.com.br/2016/02/26/relatorio-homofobia_n_9330692.html. Acesso em 23 maio 2016.

classes sociais...? Que tipo de ligação uniria os protagonistas daquelas cenas predominantemente urbanistas e elitizadas?

Algumas expressões para exemplificar essa categoria: “sou discreto” (HAb3), “só curto caras discretos” (HAb4), “discreto e bem resolvido” (GJul2), “mantenho o sigilo não me exponho” (GOut4).

6.1.3 Versatilidades

Ao abordar a questão da *versatilidade*, os usuários recorrentemente o faziam de modo explícito, ou seja, já no *nickname* e/ou posteriormente na descrição. Por vezes, associavam-na a outro papel sexual, como versátil/ativo ou versátil/passivo. Expressões do tipo “sou versátil mas curto ser mais passivo” (HOut3) foram usadas para explicar a versatilidade e a preferência ou inclinação a desempenhar um dos papéis do binarismo ativo/passivo.

Vemos a fuga ao binarismo e a manifestação de um desejo diferente do da ordem sexual hegemônica como algo positivo, se considerarmos que, em uma perspectiva Queer, a quebra dessa normatização baseada na dinâmica heterossexual vai ao encontro de um ideal de desconstrução. Para Miskolci (2012, p. 51-52), “Desconstruir as normas e, sobretudo, as convenções culturais impostas por uma tradição que se imiscui em nosso cotidiano violentando nossos desejos e mesmo nossa humanidade seria um primeiro passo insubordinado no caminho da transformação da cultura”.

Essa quebra foi percebida por Green (2000) em seus estudos no Brasil. Considerando o período de 1920 a 1945, a mudança na construção binária de papéis foi relatada por alguns entrevistados de sua pesquisa.

Ou o indivíduo era um homem “verdadeiro”, que assumia o papel de penetrador durante o sexo, ou era o penetrado, o receptor “passivo”, feminino. Contudo, [...] *a prática sexual de muitos homens era muito mais complexa do que esse modelo prescrito*. Alguns homens praticavam tanto o sexo ativo quanto o ‘passivo’, e portanto minavam o paradigma reinante, com sua lógica bipolar implícita que estruturava as relações sexuais. (GREEN, 2000, p. 135, grifos nossos) [período de 1920-1945]

Como Green (2000) traz no excerto acima, esse binarismo, no período de tempo considerado em sua pesquisa, não mais representava a única forma de estruturar as relações sexuais entre homens. A ideia de um homem “verdadeiro” e

de um “receptor ‘passivo’” parecia não ser, desde essa época, uma verdade incontestável, à medida em que esses sujeitos quebravam esse paradigma. Provenientes, provavelmente, de uma cultura sexista que inferioriza o papel da mulher (nesse caso, o de receptora ou de penetrada na relação sexual) e que toma o comportamento gay masculinizado como “menos pior”, esses sujeitos se permitiriam, assim, se representar de outras formas. “A masculinidade já não era mais dissociada da homossexualidade. Em vez de ser ‘isso’ ou ‘aquilo’, podia-se ser ambos.” (GREEN, 2000, p. 426)

Os homens nos anos 30 (e anteriormente) muitas vezes simplesmente não se adaptavam à representação social e aos estereótipos do binário ativo/passivo. Certos homens desfrutavam de múltiplas experiências sexuais, incluindo receber e praticar a penetração anal. (GREEN, 2000, p. 31)

Todos esses acontecimentos se intensificaram nos anos 70, no Brasil, após influências do movimento gay internacional. Isso não quis dizer que esse sistema menos rígido dos papéis sexuais substituiu o modelo bipolar masculinizado/feminilizado, ativo/passivo. O processo ocorreu, primeiramente, nas classes médias urbanas, sendo que, nas áreas mais afastadas e rurais, a reprodução do modelo tradicional ainda ocorria.

É inegável, ainda, (e o constatamos no *corpus*) que esse modelo tradicional de construção dos papéis sexuais ainda permanece vigente, chegando ao ponto de, em algumas culturas, o homem gay ativo não ser considerado gay por realizar o papel de um homem heterossexual na relação.

Parece pouco contestável, por mais desagradável que essa ideia possa parecer, que para certos homossexuais, hoje ainda, e nos próprios países onde se desenvolveu o fenômeno da emancipação gay, subsista vagamente a ideia segundo a qual aqueles que tem um papel “ativo” na sexualidade não são de fato homossexuais, ou o são um pouco menos do que aqueles que tem um papel “passivo”. (ERIBON, 2008, p. 119)

Não desejamos aqui considerar apenas o papel versátil como positivo e relegar os outros à marginalidade por reproduzirem a norma heterossexual. A intencionalidade é, pelo contrário, mostrar que existem outras formas de se relacionar e que, quando o desejo de praticá-las emerge, pode estar discursivamente manifestado, como observamos no *corpus* coletado. Observamos,

portanto, que as representações de si não estão mais tão estanques como outrora, mas mais fluidas e negociáveis.

6.1.4 Virilidade

O tema *virilidade* apareceu como formas de se reafirmar como pertencente ao gênero biológico masculino, enaltecendo traços de masculinidades e/ou desqualificando os de feminilidades.

Mais uma vez, a discurso hegemônico do que é ser masculino preencheu o discurso gay³⁵ de preceitos reproduzidos, neste último, de forma exacerbada. As representações do que é ser masculino ligadas ao comportamento viril, tão iteradas em discursos como os de heróis de histórias em quadrinhos, em revistas sobre a cultura ao corpo, em telenovelas, filmes, publicidades...enfim, nas mais diversas formas textuais e icônicas, foram tomadas pelas homossexualidades masculinas de forma bastante rigorosa. Essas “técnicas de gestão do corpo”, conforme o concebe Courtine (2013, p. 565), ganharam força a partir dos anos 1980, acompanhadas por um “amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; e, com este, a ansiedade face aquilo que, de aparência, parece relaxado, dobrado, negligenciado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido, frouxo, distendido.”

Corroborando e construindo uma imagem consoante ao “masculino”, os homens gays repetem os ideais da virilidade emprestados desse retrospecto histórico – é preciso ser “macho” e possuir “jeito de homem” para ser aceito, agora não só na cultura heterossexista, mas também na gay. Não raro ouvimos de pessoas de “fora” que os gays estão sempre bonitos, bem cuidados, são fortes, têm o corte de cabelo “da moda”, enfim, que “se cuidam”. Em outras palavras: eles elevam todas as exigências da normatividade a um ponto mais alto, e o parecer/ser viril não foge à regra.

O espaço que ocupavam os homens gays, inclusive na arte, era também limitado. Apenas os homens “de verdade” poderiam representar, pois eram agentes;

³⁵ Separamos, aqui, esses dois domínios como se fosse possível fazê-lo. Obviamente, não existe uma fronteira que delimita um discurso do outro. Essa separação tem como fim apenas emprestar momentaneamente maior visibilidade a uma intersecção dos dois domínios, uma coexistência de vozes que operam em dois meios – o do discurso hegemônico, de uma heterossexualidade compulsória, e o do discurso gay, aqui considerado como o dos homens homossexuais analisados neste estudo.

enquanto os gays eram os “representados”, não agentes, apenas figuras, objetos. Era uma maneira de preservar a *virilidade* enquanto sujeito que possui o poder de representar e não se expor a tal ponto de desvelar o que havia de mais íntimo em si. Por outro lado, o homem gay, por não poder ser agente, era então o elemento não ativo – os homens nas artes dessa época eram, portanto, sobretudo gays.

[...] os relatos iterativos que os homens fazem entre si (e os adolescente também) de suas proezas sexuais, na medida em que são destinados a encenar e a valorizar a virilidade, cimentam ao mesmo tempo a rejeição (com frequência violenta) daquilo que é percebido como uma renúncia a essa “virilidade”. (ERIBON, 2008, p. 128)

Relatar sua virilidade parece ser uma tarefa que aparece não só da ordem social hegemônica, pois aparece de forma constante na subcultura gay. Nas análises dos usuários dos aplicativos, percebemos que muitos trouxeram em suas descrições algumas exigências sobre se portar de forma viril e, se ou quando isso não ocorria, havia uma rejeição a essa renúncia. É como se fosse necessário (re)afirmar, iterativamente, seu espaço enquanto homem numa cultura em que esse sujeito é legitimado em diversos domínios.

Algumas expressões como “macho” (*HABr2*), “dotado” (*GJul1*), “cara com jeito de homem” (*GOut6*), “voz e atitude de homem” (*SJul3*) foram encontradas e associadas a essa categoria.

6.1.5 Papéis sexuais

Os *papéis sexuais*, conforme já explicado, retratam o comportamento assumido na relação sexual, seguindo a mesma dinâmica da norma heterossexual em que um elemento realiza a penetração (tido como ativo) e outro é penetrado (passivo). A maioria dos usuários se representavam usando um dos dois papéis ou, ainda, se representavam como versátil com inclinação a um dos dois papéis. Variações do tipo *top* para ativos e *bottom* (ou ainda na forma abreviada, *bttm*), para passivos, podem ainda ser encontradas, ambas provenientes da língua inglesa. Alguns exemplos: “atvs [ativos] não me atraem”, “procuro passivos”, “sou versátil/pass [passivo]”.

Eribon (2008) e Green (2000) utilizam o termo *papel sexual* para definir esses comportamentos assumidos durante a relação sexual. Ambos os autores concordam

que, durante suas pesquisas, a marginalização do papel de passivo é recorrente e “se situa no polo extremo de um *continuum* de práticas estigmatizadas.” (ERIBON, 2008, p. 119) Mais ainda, parece haver uma hierarquização dos dois papéis, seguindo uma lógica de dominação de quem desempenha a prática tida como mais viril (de penetração) sobre quem desempenha a mais análoga à feminina (de ser penetrado). Desse modo, ao elemento “passivo” lhe será atribuído “a posição social inferior da ‘mulher’. Enquanto o homem ‘passivo’, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. (GREEN, 2000, p. 28)

Por isso, encontramos por vezes expressões do tipo “passivo macho”, “passivo discreto” (*GAbt1*) ou “homem tem que ser homem” (*HJul7*). A existência de um caráter supostamente feminino no comportamento masculino gay é também rejeitada para atender a uma lógica de representação virilizada, buscada por homens que se consideram “ativos” e não aceitam (ou não desejam) se relacionar com outro efeminado.

Para quem se situa em um desses polos, a autorrepresentação pode ser um pouco mais cruel – os “ativos” sempre buscavam, como constatamos no *corpus*, “passivos” não efeminados. A divisão de papéis é menos flexível e prevê comportamentos fixos – de uma virilidade maior do elemento ativo e de um grau de “masculinidades” também presente no elemento passivo, apesar de este ser pré-concebido como alguém desprovido desses traços.

Como exemplo, temos o usuário *GOut1*, que traz em sua descrição: “Ativo N curto afeminados Sou discreto” e *GOut4*: “100% ativo”.

6.1.6 Atividades físicas

Em *atividades físicas*, buscamos marcar aqueles que, de algum modo, abordaram a questão do “cuidar” ou não do corpo em suas descrições e que tipo de corpo declaravam possuir. A preocupação com o corpo é um tema recorrente e por vezes excludente nos aplicativos, de modo que pode haver rejeição de um usuário pelo outro quando considerado o fator porte físico.

A ampla divulgação do surto de AIDS, principalmente no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, criou um certo pânico em relação à contaminação com o vírus HIV, principalmente por parte daqueles que frequentavam o “meio” gay – boates,

saunas, bares, estabelecimentos, destinados a esse público, que foram sendo instalados nas capitais brasileiras, primeiramente.

Data também desse período a preocupação em se manter uma imagem e um corpo distante de uma “homossexualidade doentia” (a AIDS estava estritamente relacionada à homossexualidade). A recusa à estética de um corpo doente e fraco, vítima desse vírus, levou à sobrevalorização de medidas em prol de uma saúde corporal, recomendada, inclusive, pelos médicos da época – estímulo à prática de exercícios físicos para fortalecer os músculos, uma prova de saúde para não transparecer a doença (MISKOLCI, 2015).

A memória discursiva de um homem gay frágil, magro, não viril relacionada a doença parece ainda figurar nas mentes de muitos usuários desses aplicativos. Afinal, criou-se uma memória discursiva de debilidade, sobretudo porque

imagens de corpos esmaecidos retratavam os doentes de aids na mídia, o que assombrou toda uma geração de homens que passaram, simbólica e possivelmente de forma inconsciente, a associar o desejo homossexual com uma ameaça, uma propensão a se contaminar, adoecer e morrer. (MISKOLCI, 2015,p. 83)

Outro elemento que consideramos relevante trazer é o fator esportivo das primeiras revistas voltadas para o público masculino gay. São várias as referências a que poderíamos relacionar toda essa preocupação com o estado do corpo, “seja no universo esportivo saturado de peitorais da publicidade, na permanência do espetáculo esportivo na mídia, [...] no número e na difusão consideráveis de revistas devotadas à cultura do corpo.” (COURTINE, 2013, p. 561)

A valorização do corpo jovem e musculoso acentua o sentimento de inadaptação das pessoas com soropositivo que apresentam sinais da doença, como perda de peso e de massa muscular. *Praticar esporte e adotar uma higiene de vida rigorosa preenchem então esta dupla função: aquela que derrota a doença e aquela de permanecer desejável.* (TAMAGNE, 2013, p. 448, grifos nossos)

Assim, seguindo a linha de pensamento desses autores, a epidemia de AIDS desempenhou um forte papel nas formas de se representar. Buscando fugir da imagem da doença que diversas mídias insistiam em difundir, a prática de atividades desportivas aliada a adoção de uma rigorosa higiene foram modos possíveis de escape ao estigma da enfermidade e da debilidade a ela associada, e uma maneira

de se projetar enquanto sujeito ainda desejável, mesmo em condição de soropositividade.

Enfim, as atividades físicas poderiam ser vistas como estratégias para a obtenção ou projeção de uma identidade corporal que evita olhares duvidosos a respeito da sexualidade de um homem homossexual. Trata-se de um meio ou caminho para se chegar à (in)visibilidade que se almeja, que pode ser visto também como um marketing pessoal no contexto de busca de parceiros.

Portanto, na tentativa de se desvincular dessa e de outras imagens “negativas”, encontramos nos aplicativos diferentes abordagens sobre o tema: “em hipótese alguma rola com [...] gordinhos” (SAbr2), “gosto de academia” (SOut6), “malhando bastante” (GJul2), “malho, pratico lutas” (GAbr1).

6.1.7 Ocupações

Por fim, alguns usuários mostraram grande preocupação também em descrever suas *ocupações*, como trabalho, estudo e lazer, principalmente no aplicativo *Scruff*. Por exemplo: “malho e estudo” (SJul4), “estudante de engenharia” (GJul1), “trabalho e faço pós-graduação” (SAbr3), “estudo e trabalho” (SOut3-1). Trata-se, a nosso ver, de uma maneira de afirmar uma identidade fora do domínio gay, ou seja, de se legitimar enquanto “portador” de outras identidades além da minorizada, de subclasse³⁶ (BAUMAN, 2005). Notemos, ainda, que esse mesmo aplicativo favorece uma descrição mais detalhada de diferentes características, desde *hobbies* a local onde vive, o que procura e como é fisicamente.

Os estudos sobre identidade ganharam, no pós-estruturalismo, grande destaque. Partem de uma visão crítica em relação às teorias que os precederam, defendendo uma maior instabilidade, indeterminação, fluidez e uma fuga aos essencialismos, pois, assim como a linguagem, a identidade está sempre escapando de fixações (SILVA, 2000). Além disso, é importante também pensar o sentido como a representação é trabalhada – sempre na dimensão do significante e como uma forma de atribuição de sentidos. Em outras palavras, identidade e representação

³⁶ Conceito trabalhado por Bauman (2005, p.46): engloba “categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis”, sendo que, pertencendo a essa subclasse, “qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada *a priori*.”

caminham juntas e podem revelar traços do que é culturalmente associado a concepções positivas e negativas. Trata-se, portanto, de algo social e cultural; nunca natural, mas fabricados por nós.

Se a modernidade líquida não comporta identidades estanques, lançar mão de “estratégias de adaptação” (BAUMAN, 2004) para fazer transparecer outras identidades é algo que fazemos para nos afirmamos enquanto seres múltiplos. Lembrando que, para cada afirmação sobre si, existe uma cadeia de negações sobre o outro. Não haveria tamanha preocupação com a identidade se não houvesse também um desconforto, um estranhamento primeiro em relação ao outro, à alteridade – quase sempre negada, de uma forma ou de outra, para chegar a uma autoafirmação positiva de si.

Vemos essas estratégias de adaptação bastante claras nos aplicativos estudados. Um contexto social virtual admite uma autorrepresentação mais “livre” da de um contexto “presencial”, face a face. Moldados por essa situação, essa encenação oferecerá meios de se posicionar enquanto sujeito de fala característicos desse momento do discurso.

Se, para Tap (2015), *somos o que nós fazemos*, realmente aqui caberia reforçar a ideia de que a construção identitária. Por mais que ela esteja relacionada a um momento discursivo, está muitas vezes atravessada por nossas ocupações – ao falar de si, o sujeito tende a relatar (e a narrar) também suas ocupações como com o que trabalha, por exemplo, ou o que estuda. Por meio dessa prática de narrativa, esses sujeitos estudados podem construir “de uma forma ou de outra, uma identidade que poderá (ou não) apontar para uma saída do estado em que se encontram” (MACHADO, 2015, p. 130). Ou ainda, como trazer Charaudeau (2015), retomando Bayard (1996), trata-se, muitas vezes, de estratégias identitárias, ou seja, de saber gerir modos de representação de si para que emerjam no discurso traços de certas identidades e não de outras. No nosso caso, ficaram mais evidentes os traços positivos relacionados às masculinidades no *corpus*, retificando uma certa hierarquia de gêneros em que o masculino é superior. Portanto, a reafirmação de uma “identidade masculina”, na condição de ser homem homossexual, foi uma forma de se representar de modo positivo, de gerir uma identidade “individual”, a de homossexual, já marcada coletivamente por traços negativos, como trouxemos no capítulo sobre identidades. Em outras palavras, para fugir de uma identidade que me

é prévia e categorizante, de modo a me inferiorizar, trarei em minha discursividade traços de identidades já legitimadas ou bem vistas para que eu seja atraente, seguro, bem visto. Assim, estão sempre em jogo as identidades social e discursiva, uma influenciando a outra, de modo que: a primeira está relacionada às representações do senso comum, negativas *a priori*; enquanto a segunda é a do momento, a que “escolho” evidenciar.

6.2 Conclusões sobre as categorias

As categorias analisadas, muitas vezes, se mesclavam – ao se descrever como alguém que malha e estuda, por exemplo, preenchem-se duas categorias, a de *atividades físicas* e a de *ocupação*. Além disso, ao se declarar versátil/passivo, englobam-se também duas dimensões: a do *papel sexual* na lógica do binarismo ativo/passivo e a da *versatilidade*. Ao descrever “não curto afeminados”, me reafirmo quanto à *virilidade* e me afasto das características de *efeminação*. O parecer feminino (*efeminação*) vai de encontro com o processo de *discrificação* – mais uma vez, duas categorias que se misturam. Enfim, os temas estão estritamente relacionados e foram separados apenas para fins de análise. A maneira como aparecem e os imbricamentos que são feitos de um pelo outro nos interessa na medida em que revelam traços de juízos de valor negativos às feminilidades dentro da subcultura gay, de sobrevalorização das masculinidades, de reafirmação enquanto uma pessoa que ocupa um espaço na sociedade e no mercado de trabalho, de abertura a possibilidades de fuga ao binarismo dos papéis sexuais “tradicionais” e, ao mesmo tempo, de fechamento a aceitação de uma pluralidade de comportamentos e de uma visão menos holística das homossexualidades.

Dessa maneira, obtivemos pistas de como as identidades gays têm sido construídas em aplicativos – ora tendem à hipermasculinização e à valorização do viril, defendendo uma paridade com o comportamento heterossexual e um afastamento do que é tido como gay, ora tendem a uma quebra de papéis sexuais rígidos e a uma necessidade de mostrar a conquista de um espaço no domínio público (trabalho, estudo superior) que poderia ser pensado como algo inatingível por (e para) alguns.

Daí vemos que, realmente, as identidades não são únicas, mas cada vez mais instáveis, plurais, fluidas, diversas. Adaptam-se a situações de comunicação, a contextos históricos, a suportes, enfim, são moldáveis por quaisquer variáveis em que o sujeito sinta a necessidade de adaptá-las. Se a identidade social virtual (GOFFMAN, 1988) do homem gay é desacreditada (e diríamos, ainda, descreditada), foram necessárias estratégias para que a identidade social real seja fosse mais positiva possível e, ainda, diminuísse a discrepância entre essas identidades em um mundo não receptivo em relação a esse estigma.

Seguem, então, os quadros com as análises abaixo:

Quadro 2: Categorias de análise no aplicativo *Hornet*.
 Fonte: Elaborado pelos autores.

Hornet																	
Categoria	HAbr1	HAbr2	HAbr3	HAbr4	HAbr5	HJul1	HJul2	HJul3	HJul4	HJul5	HJul6	HJul7	HOut1	HOut2	HOut3	Hout4	HOut5
Efeminação		X			X							X	X			X	X
Discrição	X	X	X	X			X	X		X		X		X			
Versatilidade			X		X	X			X		X		X		X		X
Virilidade		X		X								X					
Papel sexual		X	X		X			X	X			X			X		
Atividades físicas																	
Ocupações			X											X			

Quadro 3: Categorias de análise no aplicativo *Scruff*.
 Fonte: Elaborado pelos autores.

Scruff																	
Categoria	SAb1	SAb2	SAb3	SJul1	SJul2	SJul3	SJul4	SOut1	SOut2	SOut3	SOut4	SOut5	SOut6	SOut7	SOut8	SOut9	SOut10
Efeminação	X	X			X					X			X	X	X		
Discrição	X	X								X		X	X	X	X		
Versatilidade		X	X	X	X	X		X	X								X
Virilidade	X	X				X											
Papel sexual		X	X		X	X	X						X			X	X
Atividades físicas		X											X		X	X	
Ocupações		X	X		X		X	X		X	X		X			X	X

7. Iconicidades – Imagens de perfil e considerações sobre o corpo

Outro fator que não podemos desprezar é o uso da imagem de perfil. Tratando-se de um aplicativo de encontros, os apelos visuais, aliados às descrições de perfil, são provavelmente os elementos mais imediatos em um contexto de busca de novos parceiros. Por isso, são comuns as imagens que valorizem o que se quer enfatizar e escondam o que não se quer mostrar.

Conforme Mendes (2012, p. 125), “[...] a imagem, devido às novas tecnologias desenvolvidas nos últimos decênios, tem se tornado uma constante em muitos gêneros de discurso”. No *corpus*, encontramos cinco tipos de imagens de perfil: aquelas em que era mostrado ou focado o rosto, o corpo, o corpo e o rosto, apenas o rosto parcialmente e outras que não possuíam relação com o corpo ou o rosto do usuário (*GAbr6*), e ainda alguns usuários que optaram por não exibir foto alguma (*SAbr1*, *SAbr2*, *SAbr3*). Desse modo, criamos as categorias *imagem do rosto*, *imagem do corpo*, *imagem do rosto e do corpo*, *imagem parcial do rosto e outras*. Às vezes, parte do rosto era mostrada juntamente com o corpo; o foco estava, entretanto, no corpo. Nesse caso, consideramos o corpo como prioridade a ser enquadrado e como escolha efetiva do usuário como imagem de perfil.

Elaboramos, assim, um quadro relacionando os temas mais comuns tratados por esses usuários, já trazidos nos quadros anteriores, com as imagens de perfil escolhidas por eles. Dessa forma, pudemos analisar, por exemplo, se quem se insere na rubrica de *discrição* costuma mostrar mais o corpo, o rosto, corpo e rosto ou não exibir foto alguma.

O quadro e a tabela com os dados dessa análise seguem abaixo:

	Efeminação	Discrição	Versatilidade	Virilidade	Papel sexual	Atividades físicas	Ocupações
Imagem do rosto	HOut5	GAbr3; GJul2; HAbr3;	GAbr3; GOut5; HAbr3; HOut3; HOut5; SJul3; SOut1; SOut10;	SJul3	HAbr3; HOut3; SJul3; SOut10	GJul2;	HAbr3; HOut3; SOut1; SOut10
Imagem do corpo	GAbr1; GOut6; HAbr2; HJul7; SJul2; SOut3; SOut6;	GAbr1; HAbr1; HAbr2; HAbr4; HJul2; HJul5; HJul7; HOut2; SOut3; SOut5; SOut6;	GAbr2; GAbr5; GOut3; GOut7; GOut8; HJul1; HJul4; SJul1; SJul2; SOut2;	GAbr1; GOut2; GOut6; HAbr2; HAbr4; HJul7;	GAbr1; GOut2; GOut3; GOut6; HAbr2; HJul4; HJul7; SJul2; SOut6; SOut9	GAbr1; GOut2; GOut3; SOut6; SOut9	GAbr1; HOut2; SJul2; SOut3; SOut6; SOut9
Imagem do rosto e do corpo	GOut1; HAbr5; HOut1; HOut4; SOut7; SOut8	GOut1; SOut7; SOut8;	HAbr5; HJul6; HOut1	GJul1	GOut1; HAbr5;	SOut8;	GJul1
Imagem parcial do rosto	GOut4; GJul3	GJul3; GOut4	GJul4	GOut4;	GJul4; HJul3;	_____	SOut4
Outras	GAbr6; SAbr1; SAbr2;	GAbr6; HJul3; SAbr1; SAbr2;	GAbr4; SAbr2; SAbr3;	GAbr6; SAbr1; SAbr2;	GAbr4; SAbr2; SAbr3; SJul4;	GAbr4; SAbr2;	SAbr2; SAbr3; SJul4;

Quadro 4: Categorias de análise e a relação com a imagem de perfil dos usuários nos três aplicativos.
Fonte: Elaborado pelo autor.

	Efeminação	Discrição	Versatilidade	Virilidade	Papel sexual	Atividades físicas	Ocupações
Imagem do rosto	5,26	13,04	32	8,33	18,18	11,11	26,66
Imagem do corpo	36,84	47,82	40	50	45,45	55,55	40
Imagem do rosto e do corpo	31,57	13,04	12	8,33	9,09	11,11	6,66
Imagem parcial do rosto	10,52	8,69	4	8,33	9,09	0	6,66
Outras	15,78	17,39	12	25	18,18	22,22	20

Tabela 1: categorias de análise e a relação com a imagem de perfil dos usuários nos três aplicativos, em porcentagem.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 1, trazemos dados numéricos relativos à recorrência dos temas listados como categorias e a relação com o tipo de imagem de perfil mostrada. Em todos os casos, a imagem do corpo foi a mais usada pelos usuários nos três aplicativos. Aqueles que trataram de efeminação e discrição tiveram como segunda prioridade mostrar corpo e rosto e, para os que abordaram a versatilidade, por exemplo, mostrar o rosto não pareceu ser um problema (32%).

Lembremos que nem todos os usuários abordaram todos temas em suas discursividades. Trata-se, portanto, da porcentagem não sobre o total de usuários (52), mas sobre aqueles perfis em que havia tal ocorrência. Por exemplo: dos 52 usuários, 25 falaram de versatilidade. Portanto, a porcentagem está sobre esses 25, e não sobre os 52 (total). E o mesmo ocorreu para as outras categorias.

7.1 “Corpos (e *corpus*) que importam”

“Ninguém escolheu o corpo que habita –o nascimento é uma espécie de casamento arranjado, uma decisão da qual você, como as princesas do século 13, não participou.”

Gregorio Duviver (texto publicado na *Folha de São Paulo*, versão online, dia 12 de dezembro de 2016)

Percebemos, pelo Quadro 4 e Tabela 1, que o corpo importa – e muito – para esses usuários. Tendo sido o enfoque mais usado, essa escolha revela o quanto a subcultura gay aderiu ao discurso hegemônico de preocupação com o estado do corpo, seja para se definir como “malhado”, seja para alertar o outro que se tem um “corpo normal” (*GOut2*). Já o rosto aparece pouco, sendo a menor porcentagem em todos os casos (às vezes empatada com outra categoria). Ou seja, em um contexto de busca de parceiros para encontro, a aparência facial parece não importar tanto; o corpo (considerando aqui torso, abdômen, braços), contudo, é o foco dessa empreitada. Na nossa perspectiva, este foi um resultado um pouco inesperado durante a análise de dados, pois, por mais que notássemos a predominância de fotos de corpo no *corpus*, não estávamos seguros de que esse tipo de foto de perfil seria o mais recorrente em todas as categorias analisadas.

Conforme observa Le Breton (2006):

O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção [...] da qual retira um *benefício* ao mesmo tempo narcíseo e *social*, pois sabe que, *em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros.*” (LE BRETON, 2006, p. 76, grifos nossos)

Esse trunfo precisa ser mostrado para se gerar benefícios nesse meio digital (aplicativo) – a conquista do parceiro desejado, a bom julgamento do outro em relação a imagem projetada (consoante à cultura de sobrevalorização do corpo), uma conformidade ideológica sobre como conceber o tratamento dado ao próprio corpo (“corpo normal”, “não malhado”).

O valor ao corpo musculoso foi reforçado por Edmond Desbonet no final do século XIX, em um contexto de retomada dos Jogos Olímpicos (interrompidos de 394 a 1896). A comercialização de um ideal de beleza em revistas de esportes acompanhou, ainda, a criação de *salles de gymnastique*, locais onde era possível estar (ou ao menos tentar estar) conforme os modelos de representação masculina, em que predominavam a valorização do corpo musculoso e dotado de uma “virilidade perfeita”, no padrão grego. Era possível, além disso, gerir a aparência do próprio corpo, agora tratado como algo de cujo controle foi transferido de Deus (corpo criado à Sua imagem) para si mesmo (BORHAN, 2007). Portanto, eu, dono do meu corpo, agora sou capaz de modelá-lo conforme “meus” desejos.

Muito antes disso, contudo, as formas de se conceber o corpo passaram por algumas transformações. Considerado como um efeito de construção social e cultural por Le Breton (1990), ele só adquire significações quando consideradas as experiências vividas por sujeitos inseridos em um mesmo sistema de referências culturais. O corpo, portanto, produz continuamente sentidos e insere o sujeito em espaços dados.

Um dos momentos históricos marcantes da antropologia do corpo foi a passagem para uma estrutura individualista no campo social – a descoberta do homem enquanto indivíduo e do seu corpo enquanto objeto de posse. Nessa concepção individualista, o rosto seria apenas algo emprestado ao corpo, um “marcador privilegiado da diferença íntima”³⁷ (LE BRETON, 1990, p. 33); enquanto este autonomizava, em partes, o indivíduo em suas iniciativas, tornando-se algo dissociado do sujeito: um objeto, um atributo, uma posse.

Alguns atores sociais que contribuíram para a adoção desses comportamentos individualistas foram sobretudo os comerciantes e os artistas da sociedade italiana do *trecento* e *quattrocento* (séculos XIV e XV). No caso dos primeiros, eram benfeitores do interesse coletivo e fizeram de seus interesses pessoais os motores de suas ações (LE BRETON, 1990). Os segundos, afastados de suas cidades de origem por discordarem de alguns regimes políticos vigentes à época, desenvolveram um sentimento de pertencimento a um mundo mais amplo, o que lhes proporcionou um sentimento de liberdade nunca antes experimentado. A partir daí, “[...] não são as vozes obscuras da providência que decidem sua própria vida ou a da sociedade, a partir de então ele mesmo fabrica seu destino e decide sua forma e sentido”³⁸ (LE BRETON, 1990, p. 41)

Outro movimento determinante para essa época foi o empreendido pelos anatomistas, por volta do século XVII. A prática de dissecação de corpos, já empreendida por Leonardo da Vinci, tomou maiores proporções em uma sociedade

³⁷ Tradução nossa do francês para: “[...] un marqueur privilégié de la différence intime.” (LE BRETON, 1990, p. 33)

³⁸ Tradução nossa do francês para: “[...] ce ne sont plus les voies obscures de la providence qui décident de sa vie propre ou celle de la société, désormais lui-même fabrique sa destinée et décide de sa forme et de son sens.” (LE BRETON, 1990, p. 41)

de “cultura séria”³⁹, que tocou apenas uma parcela da sociedade europeia da época, mas que expandiu e transformou as visões sobre o corpo com o tempo, atingindo mais tarde outros indivíduos. É nesse contexto também que o pensamento do ser humano enquanto agente sobre a natureza ganha forças – trata-se, a partir daí, não mais de se maravilhar com os fenômenos da natureza, mas de empregar energias para transformá-la ou para entender os fenômenos que ocorrem no corpo humano (LE BRETON, 1990).

É no século XIX e na concepção cartesiana do corpo enquanto matéria separada da alma (ou do espírito) que as considerações sobre corporalidades se tornam mais próximas daquelas de nossa contemporaneidade. A distinção mais básica, nesse sentido, é a que traz Le Breton (2006, p. 30). Ela reside no fato de que as sociedades de dominante comunitária concebem o corpo enquanto parte integrante do ser e raramente é “objeto de cisão” – “matérias primas entram na composição do homem e da natureza que o cerca”. Por outro lado, no senso comum ocidental, essa dinâmica não ocorre. Ao contrário, o corpo é tratado, em estruturas societárias individualistas, como elemento isolável, uma máquina. Os indivíduos portadores desses corpos e imersos na ilusão de uma autonomia seriam, a partir de então, os artesãos de suas existências.

[...] o aparecimento progressivo de um imaginário mecânico do corpo com a difusão das concepções cartesianas rompe pouco a pouco a simbiose do organismo com o macrocosmo, isola e autonomiza o corpo, mas também reforça a vigilância da qual a máquina corporal é objeto. (COURTINE, 2011, p. 56)⁴⁰

7.2 Corpos nas artes & masculinidades pós-modernas

No domínio artes, por exemplo, do final do século XIX para o início do século XX, assistimos a algumas mudanças nas representações artísticas do corpo masculino. Sua descristianização foi um grande passo para se abrir espaço para

³⁹ “culture savante”, para Le Breton (1990, p. 78), contrária à ideia de uma cultura popular.

⁴⁰ Tradução nossa do francês para: “[...] l’apparition progressive d’un imaginaire mécanique du corps avec la diffusion des conceptions cartésiennes déchire peu à peu la symbiose de l’organisme avec le macrocosme, isole et autonomise le corps, mais aussi renforce la surveillance dont la machine corporelle est l’objet.” (COURTINE, 2011, p. 56, grifos meus)

figurar um nu destoado da pressuposição de uma relação reprodutiva, em que apenas homem e mulher seriam representados. De qualquer modo, os homens adultos e viris continuavam sendo os mais aceitos, assim como a ideia de amor viril, pareado aos modelos gregos, ainda ressoava na primeira revista gay na Alemanha (*Die Eigene*), em 1896 (BORHAN, 2007). Alguns meios de comunicação, como revistas e livros, pregavam um *cuidado pelo corpo e por sua fortificação*, a mesma ideia de *autonomia* de outrora.

O clima posterior e anterior à Segunda Guerra Mundial favoreceu uma certa liberdade em relação à manifestação de desejos “avessos”. A ideia era modelar o corpo no padrão de fortificação que algumas revistas já vendiam e, agora, estavam ainda mais acentuados, principalmente as que dedicavam exclusivamente ao *body building*. Sendo um dos únicos estímulos visuais de que os homossexuais podiam desfrutar, essas revistas foram um grande sucesso em vendagem. Mesmo nesses meios, a encenação dos atores era sobretudo teatral – partiam de disfarces, de jogos com lutas e acessórios como flechas e de fantasias. A repressão sobre essas mídias era ainda intensa e, por isso, era preciso maquiar as verdadeiras intencionalidades das instâncias produtoras desses tipos de fotografias. De qualquer modo, àqueles que não podiam escapar das hipocrisias cotidianas, essas revistas foram sem dúvidas meios de apreciação a que muitos recorriam. Portanto, baseados nesses modelos de representação do corpo, os homens gays, que tinham como referência revistas, em tese, de cunho esportivo, tentaram (e ainda tentam) reproduzir esse tipo físico.

[...] todas essas técnicas de gestão do corpo que floresceram a partir dos anos de 1980 são sustentadas por uma obsessão das aparências corporais: expandiu-se um pouco por todos os lugares o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem (COURTINE, 2013, p. 565)

Essa expansão do amor pelo esbelto foi bastante notado no corpus dessa pesquisa, conforme pudemos observar na Tabela 1 e Quadro 4. Essa obsessão pelas aparências corporais é algo histórica e socialmente construído, que não surgiu repentinamente, e que encontrou grande adesão por parte de diversos homens gays na conjuntura. As fontes divulgadores desse modo de representação corporal foram diversas: revistas em quadrinhos, hipermasculinização dos super-heróis, revistas de esportes, enfim, diversos “avatars da potência masculina” (COURTINE, 2013, p.

577) contribuíram para que suas vozes encontrassem ressonâncias em diversos sujeitos, vivendo numa cultura em que o individualismo e a forte ilusão sobre a liberdade de si, mesmo tendo origem no século XIX, ainda são fortes. “O corpo não cessa de ser construído e reconstruído [...]. Cada um tem o corpo que deseja.” (COTO, 2015, p. 12)

Considerando, por fim, esse suporte moderno, um meio digital de marcar encontros, assistimos à uma “multiplicação de *mise-en-scène* de si para sobressignificar sua preferência no mundo”, inserindo o corpo em um domínio de “uma identidade efêmera mas essencial para um dado momento (LE BRETON, 1990, p. 230)⁴¹. Ou seja, a encenação possui grande influência nesse contexto, uma vez que é nela onde irão emergir essas identidades que, por mais que sejam efêmeras, fazem parte de um conjunto sócio-histórico-ideológico que sobrevaloriza o corpo.

⁴¹ Tradução nossa do francês para: “Multiplication des mises en scène de soi pour sursignifier sa présence au monde [...] une identité éphémère mais essentielle à un moment donné.” (LE BRETON, 2013, p. 230)

8. O Quadro de Comunicação de Charaudeau em mídias digitais

A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1984) ainda ressoa em diversos trabalhos no campo da Análise do Discurso, sobretudo nos de tendência francesa. Nosso objetivo aqui é verificar a aplicabilidade de alguns pontos dessa teoria no *corpus*, visto que, para o autor, a Semiolinguística é um conjunto teórico-metodológico que considera os diversos códigos semiológicos que a linguagem comporta (verbal, gestual, icônico etc.).

Essa teoria, nascida em meados dos anos de 1980, congrega correntes diversas, como as da Antropologia, Sociologia e Pragmática, além dos estudos da linguagem, para tentar abranger a linguagem em uma dimensão não só estrutural, mas psicológica e sociológica. Desse modo, a linguagem seria um veículo por onde os sujeitos, condicionados pela cultura de onde vivem, por vezes reproduz alguns conceitos do social, do coletivo, do senso-comum, mas ao mesmo tempo possui certa individualidade por seu lado psicossocial. (ALMEIDA, 2016.)

Para a análise das descrições de perfil, consideramos o ato de linguagem, compreendido pelo circuito interno (dizer), onde estão os sujeitos-enunciadores (EUE) e os sujeitos-destinatários (TUd), e pelo circuito externo (fazer), onde estão os sujeitos-comunicantes (EUC) e os sujeitos-interpretantes (TUi), protagonistas da interação linguageira. Esse circuito interno, nas palavras do criador da teoria, “representa o lugar da *organização do dizer*”, e o externo “representa o lugar do *fazer psicossocial*” (CHARAUDEAU, 2001 [1984], p. 21, grifos do autor).

Além disso, a encenação ou *mise-en-scène* também foi objeto de nosso interesse, pois é justamente nela em que as *intencionalidades* do sujeitos falantes entrarão em cena, assim como suas expectativas em relação às respostas de seus destinatários, tudo isso baseado na pressuposição de um compartilhamento de um mesmo mundo de significações, uma “coincidência de interpretações que *poderá* ocorrer com o destinatário-interpretante.” (ALMEIDA, 2016, p. 170, grifos nossos)

Desse modo, um usuário dos aplicativos estudados seria um sujeito-comunicante que “ativa” um sujeito-enunciador e se descreve. Para que sua mensagem chegue a um sujeito-interpretante “ideal”, que irá captar sua mensagem quase que integralmente, ele (EUE) mobiliza conhecimentos e saberes supostos a

respeito de seu possível interpretante para obter sucesso nessa empreitada comunicativa. Um TUi que se identifique com a discursividade construída pelo EUE poderá, então, iniciar um diálogo propriamente dito.

Podemos dizer que esse mundo de significações que devem compartilhar os seres de fala no ato de linguagem tem a ver com o circuito externo, espaço onde figuram representações imaginárias da comunidade à qual pertencem. Portanto, conforme visto nos aportes que a Teoria Queer tem trazido aos estudos de gênero, essas representações tenderam no *corpus*, sumariamente, à desvalorização de feminilidades e ao enaltecimento de masculinidades.

Vejamos um exemplo da encenação e da construção de possíveis sujeitos-interpretantes pelo EUE *SABr2*:

Inicialmente, informo que faço parte deste APP visando a satisfação SEXUAL e de forma objetiva e direta, isto é, sem enrolação, afinal ele é para isso. Entretanto, entendo que sexo coexiste tranquilamente com a amizade, ou seja, caso haja sexo e com a pessoa houver afinidade, sem problemas para o surgimento de uma boa amizade, até prefiro assim. Tenho nível superior, sou independente, ainda moro com família por opção, sou comunicativo e muito discreto, curto uma cerveja gelada com os amigos. Friso que ninguém sabe sobre essa minha preferência sexual. Sou ATIVO e curto passivos ou versáteis que sejam discretos, machos e mais jovens, ou seja, quanto mais novo melhor. Em hipótese alguma rola com afeminados, coroas e gordinhos. Enfim, seja objetivo e direto...

A partir dessa descrição, pudemos elencar todas as categorias analisadas na seção anterior (efeminação, discricção, versatilidade, virilidade, papel sexual, atividades físicas e ocupações). *SABr2* constrói sua descrição baseado nas representações imaginárias sobre a comunidade de homens gays que utilizam aplicativos de encontros e projeta um sujeito-destinatário que ele supõe que irá compartilhar dessas mesmas significações que ele preconiza sobre um parceiro ideal. No circuito externo estão, pois, todas essas considerações conjunturais sobre a homossexualidade, de como é desejável ser e se comportar enquanto sujeito que prefere não falar “dessa sua preferência sexual”, que valoriza discricções, um comportamento viril e que, “apesar” da sua “preferência”, possui escolaridade e é independente, ou seja, ocupa um lugar na ordem social hegemônica. A encenação desse ato coloca em cena diversos construtos sociais sobre uma representação

ideal de um homem gay, a mais análoga possível a de um homem heterossexual. Ainda, antes que seja colocada em **cena**, o sujeito mede estrategicamente quais identidades irão emergir nessa situação de comunicação para que elas sejam o mais consoante possível ao regime de visibilidade heteronormativo.

Vemos, ainda, o rechaço ao efeminamento e uma valorização do corpo conforme as normas de representação masculina descritas anteriormente, aquele amor ao liso, esbelto e jovem que traz Courtine (2013), assim como a priorização de um modelo discreto, de gestão de visibilidade.

Assim percebemos claramente como o circuito externo influencia no que está sendo dito no circuito interno, e como esses sujeitos psicossociais do ato de linguagem estão imbuídos (de modo mais ou menos consciente) de imaginários e representações do circuito externo – predominantemente negativos e repetidos por esses mesmos sujeitos dos quais se fala negativamente.

Dando sequência, fazemos o mesmo com um usuário de outro aplicativo. Escolhemos o que possuía mais categorias assinaladas e, considerando agora o *Grindr*, analisamos o *GAbri1*.

Sou tranquilo, discreto, boa pinta, pass, malho, estudo, pratico lutas, faço estágio e vivo. Seja objetivo e honesto. Tenha ou mande foto, caso contrário sem resposta. Curto HOMENS e nao MOLEQUES. No mais, chama e bora nos conhecer, vale a pena. +23a pfvr

A construção da descrição de *GAbri1* parte de um encadeamento de adjetivos: “tranquilo, discreto, boa pinta”. Em seguida, ele deixa claro seu papel sexual (passivo), sua preocupação com o corpo e/ou saúde ao dizer sobre as atividades físicas que pratica (“malho, pratico lutas”) e fala de suas ocupações (“estudo”, “faço estágio”). Ao se considerar discreto, eliminamos a possibilidade de efeminação. Por “curtir HOMENS”, prefere não se envolver com pessoas novas (tem que ter mais de 23 anos, como vemos no final). Assim, nos faz pressupor que traços de virilidade lhe interessam mais, assim como imagens (“tenha ou mande foto”).

GAbri1 ocupa um espaço na sociedade, pois desenvolve atividades “fora” do “meio gay”. Ainda, preocupa-se com seu corpo, gere sua visibilidade tanto em

relação a trejeitos e comportamentos (se considera discreto), quanto física (malha e pratica lutas). Deixa claro seus objetivos quanto ao uso dessa mídia digital: prefere pessoas objetivas, que mande ou tenha fotos, que tenham mais de 23 anos. Garante, ainda, que vale a pena conhecê-lo, pois, considerando que ele estaria cumprindo algumas exigências da ordem hegemônica de visibilidade, ele seria um bom parceiro. Portanto, listando seus atributos físicos e comportamentos sociais, lança mão dessas estratégias para atingir seu objetivo de conhecer alguém.

O modo como as características do circuito externo estão encenadas no interno, no caso desse usuário, nos faz pressupor que esse sujeito está mais interessado em um encontro propriamente dito, por isso percebemos o uso das estratégias citadas mais evidentemente. Sua descrição parte de uma cadeia de adjetivos e ele se mostra um sujeito agente, que possui preferências claras e comandos objetivos em relação ao uso da mídia digital (utiliza verbos no imperativo). Sua preocupação em se afirmar enquanto um sujeito ideal para essa situação de comunicação existe, mas ela parte sobretudo de atributos físicos e acionais do que significa ser um homem.

Por fim, fazemos o mesmo com o usuário do aplicativo *Hornet* que possuía o maior número de categorias assinaladas no Quadro 2. Como há 3 usuários empatados com o mesmo número de categorias assinadas (quatro), escolhemos a captura de tela de julho, por não ter sido analisado ainda nenhuma desse mês. Segue, então, a descrição de *HJul7*:

Não curto afeminado de forma alguma. ...Homem tem que ser homem. viadinho é forçar a barra.

Primeiramente, nos atentamos ao seu *nickname*: “macho top sigilo” (vide Anexo 1). A significação que “top”, nesse contexto, assume tem a ver com os papéis sexuais na língua inglesa: *top*, para ativo, e *bottom*, para passivo. Encontramos, ainda, variações para versáteis: *flex* ou *versatile*. A definição de seu papel logo no nome de usuário significa muito – ela serve para reafirmar, inclusive, o adjetivo que o antecede: “macho”.

A preocupação em se autoafirmar enquanto portador de masculinidades é uma questão estritamente ligada à virilidade. Fazer transparecê-lo em sua discursividade pareceu ser de suma importância para esse sujeito analisado, pois suas escolhas lexicais revelam uma grande preocupação em se definir duplamente enquanto homem (“macho”) viril (“top”)⁴². “[...] o sujeito à procura do construção viril incorpora um imaginário de máquina que o conduz a perceber e tratar seu próprio corpo como um aparelho que lhe é exterior” (COURTINE, 2013, p. 564).

A ideia de sigilo, por sua vez, conversa com a de discrição. Além disso, ao afirmar “viadinho é forçar a barra”, *HJul7* faz transparecer que quaisquer características que fujam do que esse sujeito considera a norma de comportamento “masculino” é simplesmente inaceitável, pois não curte afeminados de forma alguma. A questão da efeminação aparece claramente rechaçada, como em outros casos que observamos, mas nesse especificamente, o apelo é bastante notável, pois o usuário utiliza o termo “viadinho” em cunho pejorativo⁴³.

O que mais nos chama atenção em relação a esse ato de linguagem é como o EUE constrói representações sobre um TUI que praticamente não existe. Em quais medidas ele julgaria o outro como afeminado? O que é “ser homem” para ele? O que também pode causar surpresa é imaginar um TUI que esteja de acordo com essas significações que o EUE encena em sua descrição. Provavelmente, existam usuários que se identifiquem e interpretem de forma positiva esses requisitos; não podemos negar, entretanto, que a construção do parceiro ideal para *HJul7* é predominantemente restritiva.

Constatamos, por fim, que o quadro de comunicação de Charaudeau nos foi de grande valia para entender o modo pelo qual o sujeito-enunciador mobiliza seus entendimentos enquanto ser psicossocial (sujeito-comunicante) para se descrever e

⁴² Na divisão binária de papéis sexuais (ativo e passivo), a passividade esteve historicamente ligada à efeminação. “Enquanto o homem ‘passivo’, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do *homem*, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem ‘verdadeiro’, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem.” (GREEN, 2000, p. 28, grifos do autor)

⁴³ Uma das possíveis origens do termo é explicada por Green (2000, p. 143): “[...] um comissário de polícia ordenou a prisão de todos os homens homossexuais que fossem encontrados num certo parque [...]. Seu subordinado tentou executar a tarefa, mas voltou ao superior admitindo o fracasso. Explicou que, quando os policiais tentavam prender os jovens, eles corriam como veados. Diz-se que o incidente foi amplamente divulgado pela imprensa e, assim, tornou-se um mito do folclore gay.”

fazer com que seu sujeito-destinatário idealizado aceite participar de seu jogo comunicativo. Além disso, que ele (EUe) pressupõe que haja um compartilhamento de valores supostamente comuns entre si e seu TUd. Esses valores estão carregados de normas que, graças ao diálogo que realizamos com a Teoria Queer, conseguimos trazê-las e entendê-las melhor. Assim pudemos constatar as interferências do circuito externo no circuito interno de comunicação e vice-versa. Pudemos, em suma, aplicar uma teoria de 1984 em um suporte totalmente contemporâneo, cujo início data de 2009.

9. Analisando identidades

Em relação às identidades, conforme traz Charaudeau (2009), consideraremos, para fins de análise, a *discursiva* e a *social*. Embora já tenhamos abordado esse tema na explicação da categoria “ocupações”, trazemos aqui a perspectiva charaudeana, que está focada sobretudo na comunicação, mas não deixa de lado o social.

Para o autor, a identidade está estritamente ligada à consciência de si, que se torna cada vez mais forte à medida em que tomamos consciência do outro. Assim, a construção identitária de si tem a ver com a *alteridade*. Dois parceiros do ato de linguagem, por exemplo, estariam engajados em um processo de reconhecimento recíproco da identidade de cada um, por meio de um “olhar avaliador”, e é o cruzamento desses olhares que irá construir, de certo modo, identidades (CHARAUDEAU, 2009, p. 01).

Existe, entretanto, um paradoxo nesse processo de construção identitária – para construir identidades “minhas”, preciso do outro e de suas diferenças, mas, ao mesmo tempo, desse mesmo outro parte minha desconfiança e, conseqüentemente, uma necessidade de rejeitá-lo ou de torná-lo semelhante a mim para que não haja essa diferença. Em outras palavras, precisamos do outro, mas ao mesmo tempo, tomamos um movimento ou de desqualificá-lo, a princípio, ou de nos assemelharmos a ele para buscar uma equidade. Se pensarmos que os imaginários sobre a homossexualidade masculina estão historicamente carregados de axiológicos negativos, o movimento para afastar-se dessa identidade fixa e negativa é compreensível, considerando os sujeitos estudados nessa pesquisa. Ao mesmo tempo, não houve, no *corpus* coletado, nenhum indício de movimento para uma igualdade ou de uma busca por uma autoafirmação positiva de si – prevaleceu o afastamento, a negação, a fuga do mal visto, do maldito.

A identidade social, sendo a que corresponde àquela que “circula nas representações” (CHARAUDEAU, 2009, p. 03) , parece ser a que “fala mais alto”, pois é ela que alguns desejam driblar. Contudo, ela não é suficiente para entendermos a completude e a complexidade da significação do discurso:

A identidade social necessita ser confortada, reforçada, criada ou, ao contrário, *ocultada* pelo comportamento linguageiro do sujeito falante, e a *identidade discursiva*, para se construir, necessita de uma base da identidade social. (CHARAUDEAU, 2009, p. 03, grifos nossos, trad. nossa)⁴⁴

Notamos, portanto, que no corpus analisado, as identidades sociais da maioria dos usuários de aplicativos eram sobretudo ocultadas ou criadas para o fim da encenação e, para isso, eles fizeram uso de estratégias para, por meio da identidade discursiva, tornar mais evidentes certos traços e características que os pareassem a modelos de representação masculinos consoantes aos já aceitos na cultura hegemônica. Evidentemente, isso só foi possível graças a bases, ideias, conceitos que possuem sobre identidades sociais existentes. Desse modo, vemos um jogo entre as identidades sociais e discursivas – a primeira precede nosso ato de fala, mas isso não quer dizer que sua influência seja um dado totalmente determinável, e é por isso que ela é tão interessante. A segunda, por sua vez, depende da primeira, mas o movimento para afirmá-la, contrariá-la ou apagá-la parte do sujeito de fala, cuja identidade social também deve ser considerada. Por essa razão, devemos considerar o sujeito do discurso, entender seus lugares, suas possíveis posições, compreender a cena de onde falam para percebemos quais identidades irão emergir e porquê.

Para que essa comunicação seja efetiva, os sujeitos devem “falam a mesma língua”, ou seja, compartilhar de um mesmo mundo de significações, ideias, opiniões. A *visée* do sujeito falante é a de “fazer crer”, enquanto a do interlocutor é a de “dever crer” (CHARAUDEAU, 2009, p. 05). Trata-se, sobretudo, de tentar *persuadir* ou *seduzir*. Como estamos lidando com uma prática sociodiscursiva de encontros, percebemos que a sedução é a atitude discursiva mais adotada. Ela opera na medida em que o sujeito pode trazer em sua discursividade papéis de identificação ou de rejeição do interlocutor. Pode, ainda, operar no sentido de suscitar no interlocutor um imaginário de “herói beneficiário” do que o sujeito falante pode lhe propor. Assim, um usuário pode ver o outro como um possível beneficiário

⁴⁴ Tradução nossa do francês para: “*L’identité sociale* a besoin d’être confortée, renforcée, recréée ou, au contraire, *occultée* par le comportement langagier du sujet parlant, et *l’identité discursive*, pour se construire a besoin d’un socle d’identité sociale.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 03, grifos nossos)

de tudo aquilo que ele pode lhe oferecer e, para vender sua imagem, trará elementos na sua descrição que corroborem para a afirmação de sua “venda”.

Outra atitude discursiva que traz o autor é a de dramatização. Ainda que ocorra em menor grau no *corpus*, podemos perceber formas como os sujeitos analisados trazem comparações, por exemplo, em suas narrativas. “A forma de contar se apoia ainda em valores de afeto socialmente compartilhados, pois trata-se de provocar certas emoções” (CHARAUDEAU, 2009, p. 05)⁴⁵ A dramatização estaria, portanto, na comparação a um homem “de verdade” e não em um homem efeminado, não discreto, que não “se cuida” – todos os valores socialmente compartilhados por alguns usuários.

Outro fator relevante na identidade discursiva é o seu caráter contínuo. Ao contrário da identidade social, que tende a ser enrijecida, a discursiva é um “a construir–construindo”⁴⁶ (CHARAUDEAU, 2009, p. 05). Ainda, nas palavras de Hall (2010, *apud* SILVA, 2010, p. 106), “[...] a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre ‘em processo’”. Ou seja, trata-se de uma manobra contínua do sujeito de fala, que age dentro de uma margem, mas que ainda está ligada à identidade social, como já mencionamos. A situação de comunicação estudada permite que essa margem de manobra seja ainda mais ampla, se considerarmos que estamos lidando com uma prática virtualmente situada onde os sujeitos tendem a se sentir menos constrangidos, mais livres para expressarem seus desejos e suas características pessoais. Dessa forma, a análise da escolha da forma de se representar é importante porque, dentro de uma gama de possibilidades, alguns sujeitos “escolheram” se representarem de formas a apagar uma identidade social histórica (a que circula nas representações) e evidenciar, por meio de estratégias e atitudes discursivas na identidade discursiva, traços que lhes favorecessem para essa empreitada comunicativa virtual. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um

⁴⁵ Tradução nossa do francês para: “La façon de raconter s’appuie davantage sur des valeurs d’affect socialement partagées car il s’agit de faire ressentir certaines émotions.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 05)

⁴⁶ “à construire-construisant” (CHARAUDEAU, 2009, p. 05)

modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2010, *apud* SILVA, 2010, p. 18-19).

Assim, a tarefa de construir identidades estaria orientada, segundo BAUMAN (2005, p. 55, grifos do autor) para a “lógica da racionalidade do *objetivo* [...]. A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisa com o material que tem à mão...”. Seríamos, pois, *bricoleurs*, fazendo o possível para atingir nossos objetivos utilizando atitudes discursivas (o que temos à mão) para evidenciar certos traços identitários e velar outros, dependendo dos contextos sociais e situações de comunicação que nos envolvemos.

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideramos as diferentes ‘identidades’ envolvidas em diferentes ocasiões [...]. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas *nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos.* (WOODWARD, 2010, *apud* SILVA, 2010, p. 30, grifos nossos)

Mais uma vez, o objetivo nessa situação de comunicação é o de persuadir, de seduzir, pois os sujeitos estão posicionados nessa situação de comunicação em que várias expectativas estão envolvidas e, para que elas sejam atingidas, é preciso se representar de diferentes formas.

Por outro lado, nessa situação de comunicação mais “livre”, percebemos traços da identidade “normal” sobre essas identidades “desviantes”. Primeiramente, essa liberdade é forjada, visto que o ambiente virtual pode oferecer certo anonimato, mas os enquadramentos normativos a que os sujeitos estão submetidos é evidente – quanto mais semelhante à identidade “normal”, que é a parâmetro e da qual nem se fala, melhor. Segundo, por mais que haja o entendimento sobre a moldura que a encenação oferece, ou seja, a de maior abertura a possibilidades de se representar, não podemos desconsiderar que se trata de escolhas, e essas escolhas significam. Predominantemente, os sujeitos estudados escolheram trazer em suas descrições traços identitários que sublinhavam a semelhança ao padrão heterossexual, como a discrição e a virilidade. Desse modo, a reafirmação constante de ser um portador de

traços identitários já legitimados podem desviar a atenção para características tidas como positivas ou desejáveis para que, assim, um possível sujeito-interpretante possa se identificar com aquela discursividade e se tornar um sujeito-interpretante, com o qual será possível iniciar um diálogo e, talvez, marcar um encontro.

Convidamos, ainda, o leitor e a leitora à leitura de um capítulo final, onde tecemos algumas considerações sobre desejos na perspectiva de Bauman. Tratamos, até o momento, de identidades pelo discurso, de gêneros e de fatos sobre as sexualidades, mas quais seriam as implicações da adoção desse modo virtual de manifestar os desejos? Ainda, de quais formas a conjuntura permite a socialização de desejos dissidentes e até que ponto existiria uma liberdade para fazê-lo? Tentaremos discutir tais questões no texto que segue.

10. Desejos fluidos

"Got a long list of ex-lovers,
they'll tell you I'm insane [...]
But I've got a blank space, baby,
and I'll write your name"

Taylor Swift (em *Blank Space*)

Poderíamos dizer que o que permite hoje esses sujeitos estudados se representarem da sorte como constatamos é uma conjuntura de fluidez. É o pano de fundo para o desenrolar dessas encenações, uma lâmina por onde se movem (fluidamente) todos esses atores sociais. Talvez não estaríamos discutindo *desejos* alguns anos atrás, portanto convidamos o leitor a tomar um tempo para entender e, quem sabe, contribuir para esses novos meios de se relacionar.

Valeremo-nos sobretudo das considerações de Bauman (2001, 2004, 2005) para discutir este capítulo. Esse teórico, escritor, professor, sociólogo tão contemporâneo não poderia deixar de ser abordado quando se trata de identidades e, ainda mais, de amores.

Em Bauman (2004), encontramos um texto à primeira instância bastante difícil de “digerir” – uma discussão de fatos que nos pode soar estranha, talvez, mas que, com um pouco de reflexão, nos traz algumas verdades que resistimos timidamente em aceitar. Compartilhamos prontamente dessa opinião assim que nós, orientado e orientadora, nos reunimos para discutir esse livro. O quanto disse seria aplicável a nossa realidade e o quanto o autor estaria à frente do seu tempo? Quais as implicações de levar o estilo de vida apresentado? E o mais assustador: constatar que os usuários dos aplicativos analisados já estavam vivendo consoante a essa liquidez de que tanto o autor fala (e como isso nos foi evidente!).

Nas páginas iniciais, o autor traz a seguinte consideração: “A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes [...] de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender” (BAUMAN, 2004, p. 08). Assim ele começa sua obra, trazendo um conflito e nos fragilizando com a proposta

de seu estudo. Em primeiro lugar, esse desejo conflitante de que fala parece mover as vidas de quem está inserido no contexto social virtual de encontros – ao mesmo tempo que se busca apertar os laços (talvez por uma pressão social para manutenção das formas estáveis de se relacionar, as únicas que aprendemos), se reconhece que existem outras maneiras de conhecer pessoas (virtualmente) e outros tempos de duração nas relações (hoje em dia, um casamento católico já se inicia estando as partes conscientes de que é possível terminá-lo, não mais havendo tanta repressão quanto outrora). Ou seja, é possível também afrouxar os laços quando e com quem se quer.

Por outro lado, se apertar os laços é tarefa difícil e que demanda tempo e cuidado, afrouxá-los nunca pareceu tão rápido e fácil, como de modo descartável. Do mesmo modo que aprendemos a tratar os objetos que desejamos, cultuamos e almejamos um dia possuir, poderíamos tratar as relações amorosas. “[...] tendemos a reduzir os relacionamentos amorosos ao modo ‘consumista’, o único com que nos sentimos seguros e à vontade” (BAUMAN, 2010, p. 70). Assim, como não reconhecemos mais outra forma de lidar com as coisas senão pelo modo consumista, por que não fazer o mesmo com as pessoas? Dessa forma, não temos que passar por todo aquele processo de esforços pela manutenção de um relacionamento – um novo pode estar logo ali, pronto para ser usado (e descartado, talvez, em seguida). E mais: no caso dos aplicativos, esse novo é também próximo, pois está realmente logo ali, baseado na localização do *smartphone*.

Por esses motivos, estaríamos sempre em redes. Essas redes são como emaranhados de fios, por onde vamos passando, escolhendo alguns caminhos, deixando outros para trás, desligando uns (por que não?), ligando novos, religando alguns antigos, e por aí vai. Nesse fluxo, as relações são estabelecidas e rompidas a esmo. Como consequências possíveis, surgem relacionamentos virtuais – “inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear.” (BAUMAN, 2004, p. 12-13). Muito diferente daqueles tradicionais, “pesados, lentos e confusos”, esses novos amores vêm se distribuindo na rede e, por “livre” escolha, vamos escolhendo

quais resgatar, quais viver e por quanto tempo, como verdadeiros agentes de amores confluentes⁴⁷ no mundo líquido-moderno.

Bom, se a ideia de amor está ligada a esse modo pesado, lento e confuso de se relacionar, preferimos nomear esse capítulo *Desejos Fluidos*. Nas palavras de Bauman (2004, p. 26, grifos nossos): “Se o *desejo* quer consumir, o amor quer possuir. Enquanto a realização do *desejo* coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste [...]. Se o *desejo* autodestrói, o amor se autoperpetua.” Estaríamos lidando, portanto, sobretudo com *desejos*, considerando as práticas sociodiscursivas virtuais estudadas. É o desejo de consumir o outro, de aniquilá-lo após haver-se cumprido o que as partes desejavam, de autodestruir aquilo que não mais será sentido pela mesma pessoa (um objeto que, findo o desejo, já não tem tanta serventia). O autor reconhece, contudo, que utilizar “desejo” talvez seja demais, pois a sensação seria a mesma que temos em um shopping, por exemplo, de algo dominado pelo impulso. Ora, se ele mesmo reconhece que estamos habituados a trazer hábitos do consumismo às nossas relações, por que não se trataria, então, de desejos? Ainda, se vivemos em uma cultura que tem aversão a postergar, que prefere a satisfação instantânea ao cultivo de um sentimento, não caberia uma ideia de amor, mas principalmente de desejos.

Quanto à escolha por “fluidos”, preferimos esse termo ao “líquido” pelo fato de o primeiro ser ainda mais abrangente. De acordo com as definições do autor:

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” [...] não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p. 57)

Assim, o fluido estaria consoante à noção de rede já discutida – trata-se de algo com grande poder de dispersão, sem rumo definido, que oscila mais facilmente de acordo com algumas variáveis externas, assim como nós, heróis populares que flutuam

⁴⁷ Bauman (2010, p. 71) explica que Anthony Giddens trouxe essa ideia de *amor confluyente* como sendo “uma relação que só dura enquanto permanecer a satisfação que traz a ambos os parceiros, e nem um minuto mais.” Entretanto, Bauman (2004, p.111) traz essa mesma explicação como “relacionamento puro”, uma “forma predominante de convívio humano, na qual se entra ‘pelo que cada um pode ganhar’ e se ‘continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecem na relação’.”

livres e desimpedidos no mundo líquido-moderno (BAUMAN, 2005). Essas variáveis seriam, para nós, algumas questões conjunturais, como as categorias que trazemos de acordo com os estudos Queer e que estão representadas no circuito externo de comunicação para Charaudeau (1984, p. 26), influenciando o circuito interno, ou “lugar de organização do dizer”.

Explicada a escolha do título, falemos mais sobre essas variáveis externas. “Nenhuma união de corpos pode, por mais que se tente, escapar à moldura social e cortar todas as conexões com outras facetas da existência social” (BAUMAN, 2004, p. 69). Essa moldura social é a que constrange algumas manifestações de sexualidades dissidentes, a que vê o efeminamento como algo negativo, a que enaltece apenas as masculinidades na subcultura gay, a que fixa a identidade gay como pejorativa na cultura hegemônica. Realmente, é impossível cortar as conexões com as facetas da existência social, conforme já observava Foucault (1988, p. 34): “[...] o sexo se tornou, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um à sua maneira.” Os discursos sobre o sexo e sexualidade eram – e ainda são – reguladores, constrangiam práticas fora da “normalidade”, emolduravam comportamentos, ditavam quais existências sociais eram mais desejáveis e quais não o eram. Bauman sabiamente notou e discorreu maravilhosamente sobre essas molduras, tão inegáveis quando estamos lidando com estigmas. Se no espaço “real” é quase impossível escapar aos discursos reguladores, é ao virtual que muitos irão recorrer.

Segundo Bauman (2004, p. 82, grifos nossos), “O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais *frequentes* e mais *banais*, mais *intensas* e mais *breves*. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços”. Essas conexões intensas, breves e frequentes podem ser intermediadas por mídias digitais e, mais especificamente, por aplicativos de encontros. Mas ao mesmo tempo que eles facilitam relacionamentos, criam falsas proximidades. A facilidade está na portabilidade – podemos carregar *smartphones* para qualquer lado, e a proximidade está na disponibilidade de se poder conversar com alguém o tempo todo. Entretanto, isso não significa que a contiguidade física implique em proximidade, nem que esta seja necessariamente a “real”. A proximidade virtual é o que comanda, a que se tornou “realidade”.

Esse novo domínio virtual (um “novo” mundo?) se insere inevitavelmente em uma *realidade pré-existente*, imbuída de valores e culturas onde passa a interferir. Não se trata de uma intervenção unilateral; a complementariedade, a interferência mútua desses dois domínios (inseparáveis, evidentemente) que nos interessa. *Transformações* ocorrem (MISKOLCI, 2011, p. 16) e não criam um “universo social à parte”, mas antes “[...] mediam e modificam a forma como vivemos nossa vida off-line dentro de um contínuo articulado e interdependente.”

Se nossa “vida off-line” está inserida nesse contexto de fluidez, isso só ocorre graças a diversas transformações por que passamos – nunca quisemos e prezamos tanto por liberdade. Talvez essa seja uma das palavras-chave da modernidade líquida. Isso significa que passamos a querer “ser incapaz[es] de parar e ainda menos de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiantamento da satisfação’ [...], mas por causa da *impossibilidade* de atingir a satisfação” (BAUMAN, 2001, p. 31, grifos do autor). Ou seja, a linha de chegada nunca parece estar logo ali e, por mais que estivesse próxima, arrumaríamos maneiras de nos afastarmos dela. Existiria um prazer em não atingi-la, em não atingir a satisfação, porque isso talvez acarrete em certos compromissos que não queremos, por ora, assumir (e será que um dia os assumiremos?).

Buscamos estar sempre à frente. Afinal, ser moderno nos força a competitividades como nunca antes, mas “também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado.” (BAUMAN, 2001, p. 37) Entretanto, essa liberdade de que tanto falamos e por que tanto prezamos, será que ela realmente existe? Até que ponto nossas ações e discursos não são constrangidos e limitados?

Ora, sabemos que, na realidade que nos é prévia, encontramos moldes que nunca foram quebrados, apenas substituídos por outros. Existiria uma falsa sensação de liberdade, na medida em que novas gaiolas nos aprisionam, assim como novos modelos “surgem” para que alguns sejam forçados a segui-los, espécies de “nichos pré-fabricados da nova ordem” (BAUMAN, 2001. p. 13). Se hoje na subcultura gay existe uma maior liberdade de representação enquanto ser homossexual (sair do armário, *to come out*), enquadrar-se nessas molduras pré-fabricadas tem sido uma exigência quase implacável no domínio dos aplicativos de encontro, conforme observamos em nossas análises. Se antes não eram aceitos no

molde da cultura hegemônica e heterossexista, hoje as normatividades parecem regular também a subcultura gay, ou seja, moldes foram apenas substituídos e, àqueles que não se enquadraram, resta a censura por não terem conseguido se realocar. Dessa forma, os padrões são tantos que, por vezes, chocam entre si e se contradizem. Daí encontrarmos usuários rechaçando efeminamentos, prezando por um comportamento “discreto”, afastando-se de qualquer característica que lhe enquadre na sexualidade dissidente a que pertence.

Se ser moderno significa ser “livre”, podemos dizer que também significa ser, de acordo com que observamos na pesquisa, por vezes, excludente. Ainda, significa reproduzir o discurso hegemônico em alguns pontos, reiterar o afastamento daquilo que é obsceno, indesejável, estranho, queer. É preciso reconsiderar, reconstruir, reformular essa realidade – trazer à tona modos de vivência menos constrangedores (limitadores), prezar por uma (con)vivência que agregue, que não veja o outro como diferente, mas como alguém que vem de lugares sociais distintos e, como qualquer outro indivíduo, sobretudo quando tratamos de estigmatizados, deveria ser considerado em suas pluralidades.

11. Considerações finais

Neste trabalho investigativo, pudemos perceber que a construção de identidades ou, melhor, de traços identitários dos usuários dos aplicativos analisados partem, inicialmente, de um retrospecto sobre representações das sexualidades dissidentes. Muito do que se falava nos séculos XIX e XX, por exemplo, ainda repercute nas falas desses sujeitos. Percebemos que, por mais modernas que pareçam as mídias digitais estudadas, quem está por trás delas, quem realmente faz uso dessas tecnologias ainda está repetindo discursos muito anteriores, que hoje podem ter ganhado novas roupagens. Estamos falando do enaltecimento e da sobrevalorização das masculinidades, da negativação das feminilidades, do pareamento de um tipo físico aos padrões gregos e de gestão do corpo, numa concepção mecanicista e cartesiana. Em outras palavras, tratamos de sexismo, de problemas de gênero, de técnicas de gestão do corpo, entre outros.

A criação de categorias de análise foi de grande importância para se evidenciar essas problemáticas, digamos assim. Já falamos indiretamente, no parágrafo acima, de *virilidade*, *atividades físicas*, *efeminamento* e *discrição*. Os modos como essas categorias apareciam nas discursividades, por mais que variassem em alguns graus de usuário para usuário, traziam dados que insistiam em figurar. Ao discutirmos as teorias abordadas, percebemos o porquê de tais temas serem tão recorrentes e, nesse sentido, a articulação entre o “discurso científico” e o “discurso de homens gays” nos pareceu cada vez mais facilmente visível.

As marcas discursivas utilizadas pelos sujeitos de nossa pesquisa estavam predominantemente relacionadas à (re)afirmação de traços identitários já legitimados pela cultura hegemônica. Por se sentirem, talvez, por muito tempo negativamente representados por diversos discursos na história, a fuga a traços identitários outros lhes permitia não só se autoqualificar, mas “criar” novas identidades mais carregadas de elementos positivados, a seus veres. Ao mesmo tempo, é inegável que, na tentativa de escapar a essas marcas históricas, os novos modos como “escolheram” se representar estavam carregados de preceitos de uma norma social que considera o relacionamento e o comportamento heterossexual como o único legítimo e possível. Assim, as identidades discursivas

(CHARAUDEAU, 2009) mais frequentes fortaleciam algumas normas das quais os Estudos Queer discordam veementemente, também trazidas nessa pesquisa.

O diálogo promovido entre os estudos da linguagem e os estudos de gênero versaram justamente sobre os modos como diferentes identidades discursivas tendem a “jogar” com as mais ou menos estáveis identidades sociais. Estas, por sua vez, estão relacionadas a uma dimensão psicossocial, que não se limita ao ato de fala, mas engloba toda a dimensão do ato de linguagem. Assim, se estamos lidando com sujeitos, é preciso entender de quais lugares sociais eles falam, de qual situação histórica, social, ideológica partem suas falas. Por isso, compreender as relações de gênero foi crucial para entender os sujeitos que também estavam falando indiretamente de gênero.

Discutimos um pouco sobre a liberdade de se representar, agora viabilizada nesse “meio virtual”, e percebemos que, de fato, ele está carregado de normas e padrões do “real”, indissociáveis na prática. Se a ordem hegemônica prega que não se desloquem os gêneros (“pode ser gay, só não precisa ser afeminado”), a manifestação dessa exigência está fortemente presente nos perfis analisados. Em outras palavras, a liberdade por que tanto lutamos pode estar longe de ser algo realmente libertador – apenas trocamos as caixinhas nas quais vamos nos encaixar. Não querendo deixar uma perspectiva pessimista, o que faltaria, portanto, é contestar todas essas molduras sociais, para que não caiamos em armadilhas.

A análise das encenações foi igualmente importante. Foi preciso partir de dimensões mais macro, enxergar os aplicativos “de fora”, saber sobre seus processos de idealização para, em seguida, ir “pra dentro” e constatar nos perfis como ainda estão fortes as questões do machismo praticado por homens gays e como ainda existem binarismos linguísticos na fala desses sujeitos, sendo um elemento sempre positivado e o outro inferiorizado. Daí trazermos os estudos Queer, iniciando com a história até chegarmos ao ponto de compreender o espaço que as feminilidades ocupam em nossa sociedade e, por fim, especificamente nas vozes de quem estava utilizando tais mídias digitais.

As imagens de perfil nos revelaram aspectos inesperados. Deparávamos-nos, de forma recorrente, com imagens do corpo, e não de rosto, mas não esperávamos que todas as categorias criadas estariam relacionadas a esse única forma de se mostrar. Como resultado dessa constatação, abordamos de forma breve alguns

estudos sobre o corpo, mas ainda ficam alguns questionamentos que provavelmente abordaremos em estudos futuros. A própria análise de dados foi capaz de nos fornecer pistas sobre como conduzir a pesquisa, e isso nos motiva muito a continuar fazendo pesquisa (o *corpus* também importa).

Quando nos propusemos a estudar o quadro de comunicação de Charaudeau (1984), não sabíamos ao certo se ele funcionaria e, por essa razão, um de nossos objetivos específicos era justamente testar sua aplicabilidade. Verificamos que, realmente ele se aplica ao gênero aplicativo, se considerarmos a análise apenas do perfil. Para as trocas de mensagens, acreditamos que ele também funcionaria, em um esquema similar ao de entrevistas, por exemplo, com turnos de palavra. De qualquer modo, poder aplicar uma teoria a um *corpus* tão contemporâneo e, talvez, nunca antes aplicado, foi igualmente prazeroso. Aprendemos, assim, que é possível realizar diálogos entre áreas tidas como imprevistas ou inaplicáveis entre si.

A articulação entre “virtual” e “real” nos interessou na medida em que pudemos fazer relações entre Teoria Semiolinguística, Estudos Queer e os estudos de Bauman. Teríamos, então: um *virtual* carregado de pre(con)ceitos do *real*, o espaço do *dizer* (circuito interno) carregado de normatividades do espaço do *fazer* (circuito externo) e, por fim, as questões de *gênero* interferindo nas *discursividades* de quem toma a palavra e se representa, no nosso caso, em aplicativos de encontro. Daí percebemos as contribuições de cada área para nosso estudo em específico, sustentando um *corpus* bastante moderno e que diz muito sobre a contemporaneidade.

Consideramos, por fim, importante trazer diálogos teórico-metodológicos entre áreas que, a princípio, podem não conversar, pois é principalmente aí que novos olhares sobre o que já existe emergem e acrescentam para os estudos linguísticos, antropológicos, queer, enfim, quaisquer que sejam as áreas de interesse do pesquisador. Limitar, restringir, constranger esses estudos vai de encontro àquilo que temos tanto discutido, seja no campo das relações humanas, seja no das pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. **Performatividades gays**: um estudo nas perspectivas brasileira e argentina. 2016. 360 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. [2003]

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BORGES, Carolina C.; ROCHA-COUTINHO, M.L. Sentidos para a homossexualidade. In.: **Discurso e (Des)igualdade social**. Gláucia Proença Lara (Org.), Rita Pacheco Limberti (Org.), São Paulo: Contexto, 2015.

BORHAN, Pierre. **Hommes pour hommes**: Homoérotisme et homosexualité masculine dans l'histoire de la photographie depuis 1840. Les Éditions des Deux Terres, 2007.

CASSAL, Luan C. B.; BICALHO, Pedro P. G. Homofobia e sexualidade: o medo como estratégia de biopoder. **Revista de Psicologia da UNESP** 10(2), 2011.

CHARAUDEAU, P. **Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem**. Languages et Société, Paris, n. 28, Maison des Sciences de l'Homme, jun. 1984.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria os sujeitos da linguagem, In. Hugo Mari, Ida Lucia Machado. Renato de Mello, **Análise do discurso** : fundamentos e práticas. Belo Horizonte : Nad-FALE-UFMG, 2003., 2003, consulté le 2 octobre 2015 sur le site de *Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications*.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In.: LARA, G.M. (Org.); LIMBERTI, R.P. (Org.). **Discurso e Desigualdade Social**. Contexto: São Paulo, 2015.

CHARAUDEAU, P. "Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière", in Charaudeau P. (dir.), **Identités sociales et discursives du sujet parlant**, L'Harmattan, Paris, 2009, consulté le 26 septembre 2016 sur le site de Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html>

COUTO, Edvaldo S. **Sexo além do sexo**: performances corporais e pedagogias eróticas. In: Revista Diversidade e Educação, v. 3, p. 8-12, 2015.

COURTINE, J.J. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: **História da virilidade: a virilidade em crise?: o século XX e XXI**. Trad. Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 554-578.

EMEDIATO, W. . Discurso e WEB: as múltiplas faces do facebook. **Revista da ABRALIN**, v. 14, p. 171-192, 2015.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997. 1980 3ª Edição

GADET, F. *et alli*. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. In.: GADET, F. *et alli* (Org.). **Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo de textos na França, em 1969**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Quarta Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988 [1963].

GREEN, James N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**./Eva Illouz: Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KAUFMAN, J.C.. **Quand je est un autre**. Paris: Fayard/Pluriel, 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. [1992]

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, I. L. A narrativa de vida como uma tentativa de construção da identidade. IN: LARA, Gláucia Proença e LIMBERTI, Rita (Org.). **Discurso e (Des)Igualdade Social**. São Paulo: Contexto, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008 [1984].

MAINGUENEAU, Dominique. Estudos de discurso e análise do discurso. In: _____. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015. Parte I, p. 15-57.

MENDES, E. **Análise do discurso e iconicidade**: uma proposta teórico-metodológica. In: Imagem e Discurso. Mendes, E. (coord.) Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MISKOLCI, R. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011, ISSN 1518-0689

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. – (Série Cadernos da Diversidade; 6)

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, São Paulo, 9: 269-295, 2014.

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora do meio – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. Dossiê: Percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. **Caderno pagu** (44), janeiro-junho de 2015: 61-90.

PESSOA, S. **Estética da diferença**: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise en scène*. 2015. 330 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2015.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Site *Overland*. Progressive culture since 1954. Disponível em: <https://overland.org.au/2013/12/kicking-the-hornets-nest/>. Acesso em: 07 jul. 2015.

Site PrEP Brasil. Disponível em: <http://prepbrasil.com.br/pesquisa-prep-brasil/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

Site Grindr. Disponível em: <http://gthrnt.com>. Acesso em: 11 mar. 2015.

Site Qnotes. Disponível em: <http://goqnotes.com/22471/hornet-new-mobile-gay-dating-app-is-unlike-others/>. Acesso em: 03 jun. 2015.

Site Revista Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/scruff-app-de-paquera-para-o-publico-gay-chega-ao-brasil>. Acesso em: 02 jun. 2015.

SPARGO, Tasmin. **Foucault and Queer Theory**. Totem Books: New York, 1999.

TAMAGNE, F. Genre et homosexualité. De l'influence des stéréotypes homophobes sur les représentations de l'homosexualité. **Vingtième Siècle**. Revue d'histoire 2002/3 (no 75), p. 61-73. DOI 10.3917/ving.075.0061

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, A.; COURITNE, J-J., VIGARELLO, G. **História da virilidade**: a virilidade em crise?: o século XX e XXI. Trad. Noeli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 554-578.

TAP, P. Marquer sa différence. In: HALPERN, C. (sous la direction de) **Identité(s)**, Paris: Sciences Humaines éd., 2016.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). 7^a edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ANEXO 1 – OS PERFIS DOS APLICATIVOS

PERFIS DO APLICATIVO *GRINDR* (POR ORDEM CRONOLÓGICA DE COLETA)

GAb1	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	<i>Procurando agulha no palheiro rs</i>
Descrição	Sou tranquilo, discreto, boa pinta, pass, malho, estudo, pratico lutas, faço estágio e vivo. Seja objetivo e honesto. Tenha ou mande foto, caso contrário sem resposta. Curto HOMENS e nao MOLEQUES. No mais, chama e bora nos conhecer, vale a pena. +23a pfvr*
Foto de perfil	Imagem do corpo

*”pfvr”equivale a “por favor”

GAb2	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	_____
Descrição	Timidez inerente, poder de paquera fajuto, beleza relativa, sexualmente versátil e paciente que nem Jó, portanto, sem pressa nenhuma.
Foto de perfil	Imagem do corpo

GAb3	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Fotos Rosto! Por favor
Descrição	Vamos ver o que rola. To solteiro e afim de dar uns pegas em um cara discreto e macho preferencialmente versátil, sou gato uso barba e discreto, ficou afim ja manda foto,
Foto de perfil	Imagem do rosto

GAb4	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Não compartilho fotos (tenham bom senso). Add no skype* e lá me mostro.

GAb4	
Descrição	Atv (pouco vers). Corpo normal. To procurando encontro casual, pra conhecer, conversar, dar uns beijos e uns amassos. Curto homens desde 18 até 50 (tenho 23). Mas nao curto ficar com boy babyface**, nem com coroa fora de forma (tem que ser gostoso).
Foto de perfil	Outras

*Skype é um programa que permite conversas realizar chamadas de áudio e de vídeo.

** Fazendo referência aqui a homens com feição jovem. Geralmente, está associado a um rosto liso, sem barba.

GAb5	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Vendo o que acontece, mas uma verdadeira feira de escolhas...
Descrição	Sou magro, branco, 1 e 70, 71 kilos, não bonito, e não sou feio, estou aqui pra ver o que rola, sou versátil, não procuro compromisso, e vamos ver o que rola, foto só mesmo depois de uma conversa, quer saber ou não fica sabendo.
Foto de perfil	Imagem do corpo

GAb6	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Lê o perfil!
Descrição	Procuro um cara macho, discreto e sério, que não esteja afim de enrolação e queira conhecer alguém legal. Não procuro sexo, nem pessoas afeminadas ou assumidas. Vlw*!
Foto de perfil	Outras

*Forma abreviada de “valeu”, que equivale a “obrigado”.

GJul1	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Procuram-se pessoas legais. O resto a gente combina. Não levar perfil tão a sério.
Descrição	Dotado, inteligente, esforçado, dedicado, amigo, educado, bilíngue, estudante de engenharia, carinhoso, pró ativo, atencioso, interessante, lindo, modesto. Tenho tantas qualidades que nem sei por que estou neste app* ainda. CHAMOU, MANDA FOTO DE
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

* “Aplicativo”, em inglês.

GJul2	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	No meu normal, sussegado! Discreto e bem resolvido.
Descrição	Jaragua – Pampulha Investindo a médio e longo prazo, malhando bastante. Atrativos como filmes, barzinhos me interessam. Querendo sair desse app. E se não tá a fim...bloqueie* pois é melhor que deixar no vácuo!!!
Foto de perfil	Foto do rosto

*É possível bloquear usuários para que ele não possa mais conversar, nem ver o perfil do bloqueado.

GJul3	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	SIGILO
Descrição	Não sou e não curto afeminados. Nada contra, só não é meu estilo. Se quiser fotos, mande primeiro. Se eu pedir, vou mandar. Não vou ficar mandando fotos a toa, então nem insista.
Foto de perfil	Imagem parcial do rosto

GJul4	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Não to afim de real*, mas experimenta oferecer euro, libra, dólar ta valorizando...
Descrição	SEM HISTÓRICO**. Atvs ñ me atraem. ñ insista. Versáteis e passivos sim. Eu sou versátil ;). Sem fast foda, siga para o próximo perfil. Não me envie ft do seu pau. Leio todos os perfis, se ñ te respondi, é pq não gostei do seu. De resto, chama aí!
Foto de perfil	Imagem parcial do rosto

*Trata-se de uma expressão comum. “Estar a fim de real” significa estar disposto a ter um encontro efetivamente, no qual é provável que haja sexo.

**O aplicativo mantém um histórico das conversas já ocorridas com usuários. Entretanto, se o aplicativo é apagado do *smartphone*, esse histórico se perde.

GOut1	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	_____
Descrição	Ativo N curto afeminados Sou Discreto Procuro passivos que não tenham vergonha de mostrar fotos nuas e que gostam mt* de sexo
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

*Muito

GOut2	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	100% ativo e bastante dotado. Magro. Sem local. 4:20* e cerveja.
Descrição	Branco, 28a, 182cm de alt, 70kg, magro um pouco definido, liso, barba e pau de 21cm grosso, pesado retinho e cabeçudo. Não tenho local** e não estou desesperado. Não sou sarado. Fumo (4:20) e bebo. Curto até uns 35 anos. Também curto amizades, bom papo, etc
Foto de perfil	Imagem do corpo

* Referência ao uso de maconha.

** “Ter local” significa poder levar pessoas para casa com finalidade de ter relações sexuais.

GOut3	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	VERSATIL/ATV, CACHOEIRINHA, ANTONIO CARLOS, SEM LOCAL! NÃO SOU MALHADO! LEIA ABAIXO
Descrição	Curto casais (mto), leks*, como eu tbm, acima dos 20 e abaixo dos 35 (ha excessão), SEM ESSA DE “CHAMOU, MANDA FOTO.” MANDAREI DE ESTIVER AFIM! MENOS FOTOS E MAIS SEXO! NAO MANDO FOTOS SE PEDIR, NAO INSISTAM! NAO CURTO
Foto de perfil	Imagem do corpo

*Equivale a “moleques”.

GOut4	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Não curto afeminado. WhatsApp xxx xxxx - xxxx
Descrição	Cara e jeito de macho, sou puto mamador. NAO MANDO FOTO DE ROSTO Tenho blog com videos meus mamando. Acesse : xxxxxxxxxx.blogspot.com MANTENHO O SIGILO NAO ME EXPONHO.
Foto de perfil	Imagem parcial do rosto

GOut5	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	To aqui de boa, versátil!!
Descrição	_____
Foto de perfil	Imagem do rosto

GOut6	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Sou passivo e sexo só seguro inclusive a chupada. Me cuidado!!!!
Descrição	Curto muito chupar. Curto caras com jeito de homem. PM e GM* são bem vindos...Pra mim passivo é passivo, ativo é ativo e versátil é passivo também.
Foto de perfil	Imagem do corpo

*Policial militar e guarda municipal, respectivamente.

GOut7	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	De namoro a amizade
Descrição	Afim de algo mais serio. Preferencia por caras acima de 25 anos. Sexualmente sou versatil
Foto de perfil	Imagem do corpo

GOut8	
“Pergunte o que ele anda fazendo”	Com local. Atenção! Chamou manda foto. Se eu chamar mandarei. Vlw!
Descrição	Conhecer, sexo e amizades. Versátil aqui. SEM HISTÓRICOS. Preferência por pessoas acima dos 23 anos. Nada contra, só não curto.
Foto de perfil	Imagem do corpo

PERFIS DO APLICATIVO *HORNET*

(POR ORDEM CRONOLÓGICA DE COLETA)

HAbr1	
Título	Leo 23
Descrição	Chama no papo e vamos ver no que dá. (não tenho foto de rosto pra ser discreto. Se quiser mando privado.) ;)
Foto de perfil	Imagem do corpo

HAbr2	
Título	kara macho e discreto, procuro o mesmo
Descrição	sou atv, e um cara super de boa. no momento procuro algo casual, mas se rolar nao dispenso algo mais serio. nao curto afeminados!
Foto de perfil	Imagem do corpo

HAbr3	
Título	Antes só do que mal acompanhado!
Descrição	Procurando conversar primeiro. Sou discreto, caseiro, tranquilo, zueiro e de boa, curto games, series e animes. Sou vers/passv
Foto de perfil	Imagem do rosto

HAbr4	
Título	Belo Horizonte/MG
Descrição	Seja homem, isso já suficiente! Antes de solicitar fotos libere as suas*. Seja direto! So curto caras discretos, ok!
Foto de perfil	Imagem do corpo

*Neste aplicativo, existe a possibilidade de se criar um álbum com até 4 fotos públicas e 4 privadas. Para ter acesso às privadas, é necessário solicitar ao usuário que desbloqueie ou libere suas fotos.

HAbr5	
Título	BOY MINEIRO
Descrição	Nao sou e nao curto afeminados. Sou versatil mas curto ser mais passivo.
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

HJul1	
Título	Libere suas fotos antes de pedir
Descrição	Vers.
Foto de perfil	Imagem do corpo

HJul2	
Título	Afim de discretos!
Descrição	_____
Foto de perfil	Imagem do corpo

HJul3	
Título	Sou discreto e Atv.
Descrição	_____
Foto de perfil	Outras

HJul4	
Título	Vers/Bttm
Descrição	_____
Foto de perfil	Imagem do corpo

HJul5	
Título	Tentando conhecer alguém bacana.
Descrição	Discreto. safado. Afim de amizade com um cara bacana.
Foto de perfil	Imagem do corpo

HJul6	
Título	Planalto, vers
Descrição	Tranquilo, de boa, afim de procriar, enquanto não é possível vou treinando
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

HJul7	
Título	MACHO TOP SIGILO

HJul7	
Descrição	Não curto afeminado de forma alguma. ...Homem tem que ser homem. viadinho é forçar a barra.
Foto de perfil	Imagem do corpo

HOut1	
Título	chama aí, vamo trocar ideia numa boa
Descrição	versátil, não curto afeminados
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

HOut2	
Título	_____
Descrição	Sou engenheiro, discreto, não assumido e não vejo necessidade para tal. Formei há seis anos e trabalho há seis anos. Independente!
Foto de perfil	Imagem do corpo

HOut3	
Título	_____
Descrição	Ola, busco algo serio, sou estudante, moro no bairro ceu azul em BH, sou vrst curto + ser pass sou bem tranquilo.
Foto de perfil	Imagem do rosto

HOut4	
Título	(GenteSemFoto e Afeminado = Bloqueio)
Descrição	Inteligente, Safado, Bem Humorado, DETESTO HIPOCRISIA – DETALHE SOU CRUZEIROOO.
Foto de perfil	Foto do rosto e do corpo

HOut5	
Título	_____
Descrição	Sou um cara tranquilo, gosto de conversar, não penso apenas em sexo! sou versátil, afeminados não me atraem.
Foto de perfil	Imagem do rosto

PERFIS DO APLICATIVO *SCRUFF*

(POR ORDEM CRONOLÓGICA DE COLETA)

SAbr1	
O que faço	Não respondo woof*, homem que é homem manda mensagem. Vai mandar woof pra sua avó...
O que procuro	Curto cara macho e se possível bi, não sinto atração ou desejo em caras afeminados, afetados. Curto cara DISCRETASSO e não assumidos...
Meus interesses	Punheta, beijo (muito beijo), sarro e um bola gato se rolar...
Foto de perfil	Outras

*O “woof” é um modo de avisar o outro usuário que você está interessado nele ou que deseja chamar sua atenção.

SAbr2	
O que faço	_____
O que procuro	Inicialmente, informo que faço parte deste APP visando a satisfação SEXUAL e de forma objetiva e direta, isto é, sem enrolação, afinal ele é para isso. Entretanto, entendo que sexo coexiste tranquilamente com a amizade, ou seja, caso haja sexo e com a pessoa houver afinidade, sem problemas para o surgimento de uma boa amizade, até prefiro assim. Tenho nível superior, sou independente, ainda moro com família por opção, sou comunicativo e muito discreto, curto uma cerveja gelada com os amigos. Friso que ninguém sabe sobre essa minha preferência sexual. Sou ATIVO e curto passivos ou versáteis que sejam discretos, machos e mais jovens, ou seja, quanto mais novo melhor. Em hipótese alguma rola com afeminados, coroas e gordinhos. Enfim, seja objetivo e direto...
Meus interesses	_____
Foto de perfil	Outras

SAbr3	
O que faço	Trabalho e faço pós graduação
O que procuro	Pessoas interessantes, com conteúdo, educação, e que, saibam aproveitar a vida. Ps.: sou versátil/pass
Meus interesses	Cinema, bar, teatro, programas caseiros a dois.
Foto de perfil	Outras

SJul1 e SJul1-1

O que faço	Oiii Sou vers curto de Tudo
O que procuro	algo a mais
Meus interesses	_____
Foto de perfil	Imagem do corpo

SJul2, SJul2-1 e SJul2-2

O que faço	ATV/FLEX. COMECE ENVIANDO FOTOS. NAO RESPONDE A NINGUÉM SEM FOTO DE ROSTO. NÃO CURTO FUMANTES, BICHINHAS, GORDINHOS, BARRIGUDINHOS, CABELO ALISADO, SOBRANCELHA FEITA. NÃO PASSO WHATSAPP. SEJAMOS PRÁTICOS, SEM ENTREVISTAS. AOS COLECIONADORES DE FOTOS, DESISTAM.
O que procuro	CONTRARIAR A LÓGICA
Meus interesses	SEXO. PROCURO ÚNICO E EXCLUSIVAMENTE SEXO. SEM LERO LERO.
Foto de perfil	Imagem do corpo

SJul3, SJul3-1 e SJul3-2

O que faço	Versátil mais passivo. Bem resolvido, voz e atitude de homem.
O que procuro	Alguem bacana, q goste e saiba fazer um sexo gostoso e sem compromisso.
Meus interesses	Realizar fantasias.
Foto de perfil	Imagem do rosto

SJul4

O que faço	Estudo e malho
O que procuro	Agulha no palheiro. Chamou? Manda foto primeiro ;) Maiores de 23 por favor. (nao curto so passivos)
Meus interesses	_____
Foto de perfil	Outras

SOut1 e SOut1-1

O que faço	vers
O que procuro	vers
Meus interesses	Musica, bares, shows e andar sem rumo

SOut1 e SOut1-1

Foto de perfil	Imagem do rosto
----------------	-----------------

SOut2 e SOut2-1

O que faço	vers 26a liberdade
O que procuro	_____
Meus interesses	_____
Foto de perfil	Imagem do corpo

SOut3 e SOut3-1

O que faço	Estudo e trabalho. Se quiser foto minha é só bater um papo, não sou açougue pra galera olhar e ver se compra, um bom papo gera boas consequências!
O que procuro	Cara discreto e com bom papo. Sem paciência para caras afetados! Se quer foto, comece mandando a sua.
Meus interesses	Sair, beber, conversar, conhecer novos lugares...
Foto de perfil	Imagem do corpo

SOut4 e SOut4-1

O que faço	Trabalho, e muito...
O que procuro	A principio conhecer alguém legal. Uma boa companhia. E depois veremos o que rola.
Meus interesses	Um bom papo, Cinema, Teatro, Caminhada e outras.
Foto de perfil	Imagem parcial do rosto

SOut5 e SOut5-1

O que faço	Discreto. Curto a vida
O que procuro	Um bom papo a princípio
Meus interesses	O que rolar além de um bom papo
Foto de perfil	Imagem do corpo

SOut6, SOut6-1 e SOut6-2	
O que faço	Trabalho, estudo, corro atrás dos meus objetivos. PASSIVO!
O que procuro	Nada em Especial. Não estou aqui pra “Fuder” nem nada do tipo, quer satisfazer suas vontades contrate um garoto de programa, não estou aqui para Sexo casual. Se for casado passa longe! Prezo pela comunicação, procuro Alguem bacana para cv* e ver o que rola. Gosto de Homem Interessante e discreto, nao curto afeminados, Procuro um cara de preferencia que nao seja assumido. Sem foto! Sem conversa.
Meus interesses	Gosto de cinema. Academia. Ver filme... bjos...
Foto de perfil	Imagem do corpo

*Conversar

SOut7 e SOut7-1	
O que faço	_____
O que procuro	Procuro caras discretos!!! Sou gato e nada afeminado, estilo boyzinho.
Meus interesses	_____
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

SOut8	
O que faço	Sou modelo e instrutor técnico, afim de conhecer caras discretos tb* para algo bacana e ver o que rola, atitudes e o principal.
O que procuro	Procuro caras não afeminados para papo e algo mais estou aew se rolar química e nois tenho Whats app só pedir, será que aqui achamos alguém de atitude
Meus interesses	Procuro caras para papo e tb quem sabe algo mais nao curto e nem sou afeminado sou relativo ate que ja perguntam e quero nao so sexo..se quiser me conhecer melhor manda msg** aguardo. Caras com atitudes ja ganha pōw.
Foto de perfil	Imagem do rosto e do corpo

*Também

**Mensagem

SOut9 e SOut9-1	
O que faço	Estudo e malho
O que procuro	nao curto só passivos

SOut9 e SOut9-1

Meus interesses	_____
Foto de perfil	Imagem do corpo

SOut10 e Sout10-1

O que faço	Trabalho, malho.
O que procuro	Conhecer pessoas interessantes para amizade, sexo, namoro, o que rolar de bom. Somente com foto de rosto, ou se não tiver no perfil, mande para início de conversa. Sou passivo versátil, então prefiro ser passivo.
Meus interesses	Cinema, música, viagens, livros, namorar, sexo, amigos, estudos, política.
Foto de perfil	Imagem do rosto